



# EMBAÇÁDÍSSIMA

Antologia Tirada de Uma Notícia de Jornal

Alanna Fernandes, Alessandra Barcelar, Aline Monteiro, André Mellagi, André Nogueira, Andri Carvão, Bruno Ribeiro, Bruno Sanctus, Carlos Torres, Caroline Fortunato, Claudio Comendini, C. Sanches, Daniel Viana, Dimitri Brandi, Diogo Cão, Eric Moreira, Felipe Regazio, Fernanda Walmer, Franck Santos, Gabriel Felipe Jacomel, Gui Nascimento, Jackeline Valentim, Jaflety Pedro, João Farias, João Gabriel, Joelma Felix Brandão, Luiz Walter Furtado, Manuel Veronez, Marcella Wolkers Dos Reis, Mary Prieto, Matheus Peleteiro, Mia Lopes, Michele Santos, Mt. MTLannes Lannes, Norma De Souza Lopes, Rafael Vieira, Rennan Sama, Roge Weslen, Rojefferson Moraes, Wind Sidh, Thais Oliveira Santos, Vagner Braz  
40 Autores Brasileiros escreveram com base nas notícias dos Jornais.  
Estoure uma lata de cerveja, coloque um som e leia por sua conta e risco.



# EMBAÇADÍSSIMA

---

Antologia Tirada de Uma Notícia de Jornal  
**Esta Antologia Homenageia Manuel Bandeira**  
Curadoria, organização e produção: Felippe Regazio



**A**Embaçadíssima é uma antologia literária que reuniu 38 autores do meio literário underground de todo o Brasil. O tema girou em torno dos jornais e foi trabalhado quase da mesma forma que fez M. Bandeira. Quase. A questão é que aqui cada texto tem uma notícia de jornal vinculada e, de uma forma ou de outra, essa notícia está no texto. Tudo aqui é louco e insano como a própria realidade. Os autores, os textos, as notícias retiradas de um jornal da via-láctea, do planeta terra, da américa latina, da europa, de dezenas de lugares do Brasil e do mundo, da cabeça de uma caralhada de gente maluca que explode nas manhãs e nas madrugadas como dinamites, como supernovas catalogadas com um nome legal pra dizer que essa gente escreve e vai continuar escrevendo independente dos bico. Pra dizer que a essa gente gosta de Manuel Bandeira. Pra dizer que essa gente lê jornal e que a essa gente tá puta e fodida igual todo mundo. Pra dizer que essa realidade, que é a única realidade possível pra essa gente, é mesmo belíssima e catastrófica. Pra dizer que estamos vivos e que isso não basta. Pra dizer que a Embaçadíssima é a ilustríssima dos loucos e que ela tá do caralho. Boa leitura – E na vitrola:

Alanna Fernandes | Alessandra Barcelar | Aline Monteiro | André Mellagi | André Nogueira | Andri Carvão | Bruno Ribeiro | Bruno Sanctus | Carlos Torres | Caroline Fortunato | Claudio Comendini | C. Sanches | Daniel Viana | Dimitri Brandi | Diogo Cão | Eric Moreira | Felippe Regazio | Fe Walmer | Franck Santos | Gabriel Felipe Jacomel | Gui Nascimento | Jackeline Valentim | Jaflety Pedro | João Farias | João Gabriel | Joelma Felix | Luiz Walter | Manuel Veronez | Marcella Wolkers | Mary Prieto | Matheus Peleteiro | Mia Lopes | Michele Santos | MT. Lannes | Norma de Souza Lopes | Rafael Vieira | Rennan Sama | Roge Weslen | Rojefferson Moraes | Sara Timóteo | Thais Oliveira | Vagner Braz

NÃO  
APROF  
UNDES  
OTFEU  
TÉDO

# Sobre Instalações de Arte, Cineastas e Putarias

---

Mia Lopes

**V**ou te falar: eu tava bem de boa. Mesmo. Sem expectativas. Mas a noite já tinha se borrifado com maldade até por baixo da saia e eu farejo essas coisas de longe. Por algum tempo até sustentei pela frente uma serenidade, mas logo veio a putaria mais sacana desse mundo e me puxou os cabelos com força por trás.

Tinham comentado sobre esse cara. Ele apareceu. Sabe quando não precisa papo, pose, esforço nenhum? Eu bati o olho e engoli com gosto a palavra que pulsou na minha mente: fodeu! Não tinha volta. A gente ia se acabar. Beber junto, beber o outro, até secar a vontade, a boca, as porras todas. E deus do céu, o vidro do mundo embaçou de um jeito que, a partir daí, não me pergunte. Eu não saberia dizer. Não conseguiria contar quando, como. Só o porquê: a gente era foda junto. Fazia sentido estar perto. Mesmo sem entender nada do que ele falava, mesmo sem enxergar no meio daquele fumacê noir que invadiu minha percepção da realidade.

O que me sobrou pra contar foram lapsos de memória que insistem em segurar minhas vontades pelas bochechas e dar aquela cuspida de malandro na boca como quem diz, agora aguenta. Aqui é tortura, caralho.

Ele, caso psiquiátrico, murmurando e gesticulando sozinho. Me puxando pro meio do peito pra perguntar se a gente tava junto, mezzo carinhoso, mezzo alucinando. Rasgando a garganta num rock de doidão enquanto eu lambia viralatamente cada palavra. Contando minhas costelas. Transformando os lençóis brancos e assépticos num resort do amor marginal. Sujando a porra toda. Limpando a alma.

A sensação que ficou é de ter uma flecha apontada pro peito, à la Marina Abramović. Faz o coração disparar nervoso? Faz. Bom pra cacete. Mas uma hora pode jorrar sangue pra todo lado. Tarantino style. To dentro. Se não for pra desgraçar a vida nem saio de casa.

# HOW CREATIVES WORK EMOTIONAL PERFORMANCE MARINA ABRAMOVIĆ



By Liam Smith • October 25, 2013

106  
Shares



102



3



# EERT

---

Bruno Ribeiro

**D**esci do carro. Andei lentamente. Sono. Escutei alguns insetos no jardim do hospital. Na metade do caminho, pisei em um sapo cinza. Não houve escândalo, nem reflexo de defesa. Em algum momento um humano pisaria nele, inevitável. Alguém regaçaria sua fuça. Empurrei o sapo com o pé e continuei avançando até a entrada. As portas do hospital se abriram. Uma luz branca surgiu. Nitidez. A recepcionista perguntou como eu estava, respondi que estava me sentindo mal. Ela riu e disse que a sessão de neurocirurgia hoje está bombando. Eu disse que minha sessão é do coração. Ela riu, olhou para outra recepcionista e sussurrou “é um daqueles”. Não entendi a piada e preferi não perguntar. Abri minha carteira, tirei a identidade e entreguei em suas mãos avermelhadas. Após alguns segundos de burocracia inútil, ela me devolveu a identidade e perguntou: “o senhor já conhece a EERT, não é?”.  
“Sim.”

*Corredor x-9, porta 4, corredor yuuu-0, porta vermelha com inscrição EERT.*

“Obrigado”, respondi. Fui caminhando pelo hospital com gente cabisbaixa e tão morta ou quase morta quanto o sapo esmagado do lado de fora. O cheiro era de laranja. Laranja azeda, mau agouro, a cidade cheirava assim, o mundo, cheiro de grude. Uma música de desenho animado irrompeu, pianinhos fofos, vozes japonesas cantando coisas indecifráveis. Logo, irritáveis. Sons esdrúxulos de alegria em um ambiente desses. Sorrisos de enfermeiras. Nada de sangue. Tudo branco. Hoje em dia, doença e morte são guardadas debaixo do tapete.

Entrei na porta vermelha com detalhes árabes e com os dizeres estranhíssimos que nem tenho ideia do que signifique: *EERT*.

Sentei na boa e velha cadeira de madeira. Estava ansioso, queria receber o treco o mais rápido possível. Meu coração estava queimando. Infarto se aproximando. Idade fodida. Já estou vivo por quantos anos mesmo? Perguntei-me. Inocente. Sim, voltando, a sala era cheia de frases e prognósticos nas paredes e tetos. Coisas como: “beba antes de dirigir”, “faça sexo sem camisinha”, “não faça crossfit”, “mate um amigo hoje” e “coma fritura e glúten”. Indicações de como se viver a vida. Faltou uma dizendo: “pise em sapos”. Na minha frente, surgiu um boneco de terno azul, gravata vermelha, rosto patético com um sorriso indiferente e olhos ocos, quase psicóticos. Um fantoche retardado. O boneco ficou parado, analisando meu corpo, daí disse com uma voz robótica: “detectei uma elevação nos batimentos cardíacos. Quer uma pílula X ou Y?” Respondi “X”. O boneco tinha rodas no lugar das pernas. Ele piscou os olhos enormes de desenho animado umas sete vezes e foi até um armário todo grafiteado e detonado. O boneco ergueu seu braço falso e saiu procurando por alguma coisa nas gavetas. Após alguns minutos, ele voltou com uma pílula. Entregou-me. Eu tomei. A dor no coração cessou.

“Funcionou?”

“Sim.”

E dei o fora. Saí do hospital sem cumprimentar as recepcionistas, que estavam brincando de adedonha. Na saída, observei os restos do sapo. Um cinza morto redescorando o hospital. O bicho estava no mesmo lugar. Ajoelhei e quase encostei meu nariz no seu corpo. Percebi que ele ainda respirava. Mesmo estripado, rasgado no meio, o pequeno anfíbio buscava seus últimos ares. Invejei-

o. Como é ser um animal mortal? Uma criatura fraca e sem pílulas, finita? Não sei. O observei por alguns minutos, até perceber que seu fim, de fato, havia chegado. Foda-se, pensei, já vivi demais para nutrir sentimentos de caridade. Levantei minha perna direita, senti o som dos ossos de mil anos a emergir, e enfiei meu pé na carcaça do sapo. Entrei no carro. Olhei-me no retrovisor. Só vi olheira e pele enrugada. Sobejo humano. Nunca morreremos, nunca. Olhei para ela, no banco de trás, sem cabeça e sorrindo. Nunca, meu amor, nunca. Ela concordou com sua expressão de vazio. Liguei o carro e acelerei, fomos para casa, transamos, assistimos Netflix e dormimos. Desde então, sonho todos os dias com o sapo cinza morto.

# Pesquisador diz que está próximo de alca- imortalidade

04/09/2015 - 07h03min

Por  
**LUIS  
ANTONIO  
HANGAI**

---

COMPARTILHE:

FACEBOOK



TWITTER



PLUS



POR EMAIL



# Eneida

---

Texto de Rojefferson Moraes | Ilustrações de HQ Gilmal

**E**neida era assim, uma mulher franzina e bocuda que me apresentou o paraíso de um boquete quando tínhamos apenas treze anos. Estávamos em uma casa flutuante sobre o Rio Negro, e escutávamos a voz da nossa avó atendendo aos clientes que chegavam em pequenos botes para comprar gasolina, cachaça e cigarro. O balanço das águas fazia com que nossos corpos se encaixassem perfeitamente. Eneida era assim. Sempre fora dos padrões. Sem sorte no amor. Abandonada pela mãe. Já morava sozinha e vendia pamonha na feira quando eu ainda estudava. O pai da primeira filha morreu eletrocutado ao tentar fazer uma ligação clandestina. Eneida já nem tinha força e tempo pra chorar. No último natal, ela flagrou o novo namorado abusando da filha. O cara foi preso, e após pagar fiança deu no pé. Eneida perdeu mais um marido. Não aguentou a dor, abandonou a filha e se afundou na droga. A semana passada ela me ligou. Me disse que amor só existia em livros de poesia. Que não acreditava mais em Deus. Que queria morrer. Tava tão magra, Eneida. Tava tão triste. Eu via carreiras de pó e cigarros de pasta base de cocaína na sua fala travada. Ela me falou, poeta vem aqui me dar um abraço. A única coisa que me resta é colocar minha cabeça num peito cheio de dor e poesia.

Ontem vi o corpo de Eneida jogado no chão, coberto por um pano de mesa imundo. Muita gente ao redor do corpo dela. Os chinelos Havaianas nos pés miúdos era a única parte exposta do seu corpo. Os traficantes da área por ali me rodeando. Passei pelo corpo de Eneida, fiz o sinal da cruz em silêncio, e me retirei enquanto o carro da polícia descia a ladeira de barro batido, juntamente com o rabecão. Olhei para trás e vi novamente os pés magros e as sandálias Havaianas, rodeado por outros pés. Eu tirei meus chinelos e fui descalço para casa.



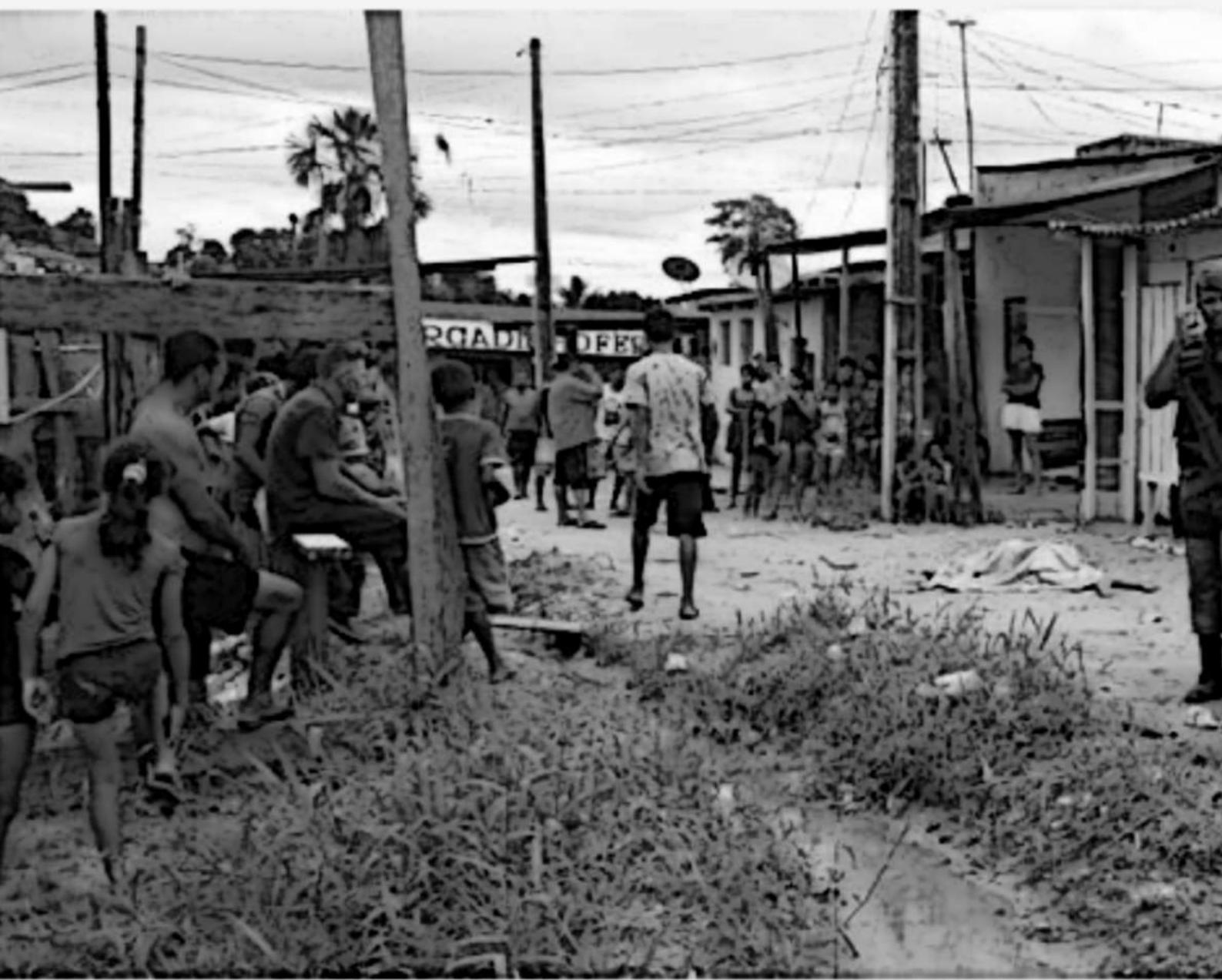


ASSASSINATO

# Mulher é assassinada com após discutir com traficante

Crime ocorreu na manhã deste sábado, no Monte das Oliveiras. Lemos da Silva, o Big, que está foragido.

18/03/2017 às 10:14 - Atualizado em 18/03/2017 às 11:16



Área onde o crime ocorreu é dominada pelo tráfico de drogas (Foto: Gilson Mello)

# Três Dias

---

Thais Oliveira

**E**u tava lá naquela rodoviária cinza num dia cinza mastigando um pão de queijo massudo fazendo força pra engolir e uma unha de dois metros e duas pontas coçava a minha cabeça por dentro sem rasgar nada.

A gente foi falar juntos, se estranhar juntos, comer juntos, dormir juntos durante três dias. Você é daqueles que gostam de falar dos livros, dos autores dos livros, das mecânicas sociais, das interpretações teóricas, mas cê soube que eu acho chato os títulos todos e olhar pras coisas bonitas e as doídas e os mistérios e as lutas com análise clínica e referência de gente viva-morta com importância acadêmica. Tem o que acrescentar em qualquer papo besta com uma história bem contada e uma imagem convincente dos outros. Deixou sem querer uma aresta de descaso disfarçada no respeito, até me cutucou explicando simpático porque é que sua amiga tava usando palavras difíceis que nem difíceis são. O lance é que você fala com propriedade e uma confiança controlada. Cê me olhou como um bicho novo a ser estudado sem me perceber, pontuando às vezes minhas reações. Gostei de você.

Ainda pra mim as palavras encurtam as pessoas e os sentimentos. O olhar também trai. Sinto que penso menos com palavras e mais com impressões e por isso as suas palavras foram menores do que o resto. Cê se colocava mais baixo do que a altura dos meus olhos quando eu distante me armava com escudos não tão invisíveis encolhida nos meus três espinhos. Tá mais nítido agora o jeito de gente que usa o corpo pra carregar o cérebro por aí e até quanto disso sou eu.

Outras vezes estive com caras interessantes e seus discursos admiráveis, sem intenção de reconhecer; um carinho superficial, um sexo mais ou menos e contar as minhas histórias como se fossem rasas fazendo algum drama infantil reclamante sobre a vida bastava. Só perguntava o suficiente pra não soar desinteressada e respondia com que legal que bacana que bom isso que ruim aquilo. Não precisei perguntar tanto porque os causos foram saltando da sua boca, você perguntou menos ainda. Confortável. Nem suas pinturas e desenhos todos, nem seu tocar violão e cantar baixinho me marcaram tanto, foi alguma coisa nesse seu rosto quadrado quando franze uma expressão meio arrogante meio compreensiva e cansada que dá vontade de encostar com cuidado.

Eu não quis gostar de você. Pelo menos não assim silenciosa. Quis rir da sua gemida alta pouco antes de gozar na nossa primeira transa desajeitada. Teve uma fita de limite palpável que me amarrou marionete na testa, nas mãos e na garganta pra não me entregar nem te encontrar ali me bagunçando apertando estapeando puxando cabelo espremendo pescoço até a última gota. Muita exposição. Foi o que pensei quando cê perguntou do que eu gosto no banheiro abafado e como eu quis te chupar nessa hora. Achei um clichê fraco se o fizesse, já que cê fala de sexo sem pudor. Ensaiei dia antes como pedir mais calor e violência que eu nem corresponderia. Chamei de vergonha a minha trava com cara de falta de intimidade e o choque congelante ensurdecedor que foi ler seu livro. Tava me comparando e pensando em você me comparando. Usei sua colega pra olhar pra personagem e, ao invés dos seus braços, quem me abraçou foi uma ansiedade incerta escapulindo num risinho esquizofrênico. Minha aura carregada da noite de segunda foi eu segurando a postura pra não inventar paixão nem desculpar mentiras. Tava irritada comigo por ter gostado de você e por estar convencida de que esses dias seriam início e fim, mas no íntimo quis mais poesia e mais tempo. Eu, que não tenho coragem pra ser mais doida nem menos doida, queria que cê me visse sendo mais implicante e exagerada pra fora, mas me quisesse assim bem covarde e displicente.

Achei graça no seu incômodo sutil se cobrando paciência, na despedida e em como você foi se afastando pouco antes de descer do ônibus. Olhei pra trás duas vezes pra cena ainda não se dissolver. Achei montes de graça. Ainda mais nos seus comentários bordados de certezas duras contrastando com o afeto que cê tava dando sem esforço. Beijo e abraço pra não soltar um cala essa sua boca e faz outra sua cara. Quer deitar desse lado pra eu não ficar de costas pra você?

Guardei os tons-toques e a forma dos seus sorrisos nessa sua bolha. Assim mesmo: colecionar encontros, umas friezas e cálculos sem choro nem luto, paixões que servem de durar menos que três dias, a intensidade que é só e sua. Graças a Deus você me fez escrever. Volto pra casa e nenhum detalhe de nenhuma lembrança me deixa em paz. Gostaria de lembrar de todos eles. Tomei que a gente é do tamanho das contradições que suporta.

Curtir 0

Compartilhar



G+



69

# Casal se esfaqueia durante semana

**EXPLORE ISTOCK E RECEBA CONTEUDO GRÁTIS TODA SEMAN**

Um homem de 29 anos e sua ex- mulher deram entrada no hospital João P desentenderem durante uma bebedeira, que participavam no bairro Novo I

De acordo com relatos da mulher, o acusado foi ao local juntamente com um acusado fez ameaças e em um momento de descuido foi interceptado pela polícia. O homem recuperou a faca e furou a ex-mulher.

Uma equipe policial foi acionada por testemunhas e com ajuda de uma equi

O caso foi registrado na Central de Policia, onde será aguardada a presenç

Fonte: Rondoniaovivo

Tag's: Rondoniaovivo,

NISSAN KICKS 2017

COMPAROU X COMPROU

i X

Leitu

# O Evangelho Segundo um Filho da Puta

---

Bruno Sanctus

o inferno nem sempre é um inferno  
em um dia bom, pode ser equiparado  
a qualquer metrópole.  
dizem que os estalos que se escuta a noite  
dentro do quarto  
são os fantasmas quando batem o mindinho  
na quina de alguma coisa.

o problema é são paulo que tem um clima  
bipolar:  
ou é um frio do caralho  
ou um calor da porra -  
as vezes  
os dois no mesmo dia.

o sol era uma hemorragia louro oxigenado  
em um céu de nuvens preguiçosas  
cuja luz  
trespassavam as cortinas encardidas  
porra!  
tropecei em uma das garrafas  
que haviam ficado ao lado da cama  
não fosse o guarda roupa, teria me estabacado todo

e aquela garota que cantava em inglês desperta  
acho que por causa do barulho, não sei.  
antes de me desejar bom dia,  
ela diz que está com o cu doendo  
e que provavelmente cagará porra por uns dois dias.  
Só comprehendi o significado daquilo  
durante o banho quando o atrito da água  
removia as manchas tingidas de marrom do meu pênis.

ela disse preferia ter câncer  
do que sofrer qualquer distúrbio psicológico  
que sempre estraga tudo  
que tem medo de solidão  
e por isso tenta manter as pessoas por perto com sexo.  
que sofreu abuso do próprio pai  
e aquilo era como ser mordido por um cão  
mas não um cão de rua qualquer  
que estranha seu cheiro.  
era como ser mordido por aquele filhote  
que você alimentou a primeira vez  
e que jamais espera o bote

e isso doía muito mais.

eu a abraço e minto:

-- tudo ficará bem. eu tô aqui. já passou.

-- o que te levou a virar poeta, Mateus?

um amor não correspondido?

a perda de um ente querido?

a não aprovação no curso de engenharia?

-- essa sensibilidade da porra que posso -- respondeo --

essa ânsia absurda de ser humano

quando tudo o que me toca é metálico

& mecânico.

vesti aquele camisão que me deixa com cara

de membro de gangue mexicana

e desci pelas ruas da liberdade

eu precisava de um paliativo.

precisava fazer algo estúpido

porque a existência por si só não me bastava.

entrei naquele beco que mais parecia

uma visão micro cósmica da cracolândia

e bati na porta pichada

-- o que cê quer?

-- dois pó.

-- o quê?

-- dois pó, parça.

uma nota de cinqüenta entra por baixo

da porta.

dois pinos e trinta reais em notas de dois

também saem de lá.

eu não devia ter cheirado, também não devia

ter bebido, não devia ter comido aquela coxinha

na loja de conveniência e meu pai

não deveria ter gozado dentro da minha mãe em 92.

não deveria existir lei de murphy,

nem efeito borboleta.

tupac não deveria ter assistido a luta do Tyson

naquele dia

e hitler devia ter sido aceito no curso de artes.

mas o mundo não é um livro de colorir

pra que tudo seja pintado ao seu bel prazer

tipo: não gostei da cor do seu cabelo verde,

toma aqui um azul e vice e versa.

o mundo, na verdade, parece

a definição da cor para os cegos

e som para surdos: inteligível.

&

do fracasso nascem os poetas

mas não ouse passar esta receita pra ninguém.

minha amiga disse que eu venderia

15 livros por ano  
que meu casamento seria uma merda  
que estaria preocupado com o preço da passagem  
e com a fimose dos filhos  
o atraso do aluguel  
o atraso da menstruação  
que faria um sexo baunilha  
com uma mulher que não me ama  
que viveria na contramão de todo  
o hedonismo que já ousei pregar.  
ainda bem que não acredito em oráculos  
e meu signo é o da discórdia.  
que tenho sei-lá-o-quê na casa do foda-se  
no meu mapa astral.

um cara me encarava na porta do shopping  
me empurrava e os perdigotos banhavam  
meu rosto numa tempestade movida  
a preconceito  
apontava para a faxineira negra  
e perguntava se era minha mãe  
se eu queria engraxar seus sapatos.  
e soberania branca  
estados confederados do sul  
apartheid  
a relação da igreja batista com a klu klux klan.  
e toda aquela babaquice que um metaleiro  
confinado a acreditar em vampiros  
& dragões  
prega sem o mínimo de empatia  
para lidar com humanos.

tive que dar dois socos até que a montanha  
de merda desmoronasse aos meus pés.

teve gente que aplaudiu  
teve gente que filmou  
e tinha aqueles que imaginava a notícia  
em letras garrafais:  
"homem negro desmaia jovem branco a pontapés e socos dentro de shopping"

pedi um lanche na praça de alimentação  
a mão inchada  
inundado por pensamentos  
talvez auto sacrifício seja isto:  
uma mão inchada  
e um racista calado.

# Jovens negros são humilhados gravam tudo

Hei, senhor, por que eu não posso passar? Eu  
não? Só porque a gente a é pobre? Só porque a  
preconceito...



A black and white advertisement for Vivo TV. At the top right is a small window with an 'i' icon and an 'X'. Below it, the 'vivo TV' logo is displayed in large, bold, white letters. Underneath the logo is the slogan 'Viva tudo quando e onde quiser.' In the center, there's promotional text: 'Pacotes a partir de R\$' followed by '84', ',90 /mês\*' in white. To the left of '84' is a small graphic of a television set. Below this, a button with a circular arrow icon and the text 'Assine já' is shown. At the bottom, a note reads: 'Assista Deadpool na Rede Telecine. \*No pacote com banda larga e telefonia fixa. Consulte condições no site.'

Maria Frô, em seu blog

Jm dos mecanismos de manutenção da escravidão  
era cercear às custas de grande vigilância e controle  
o direito de ir e vir dos escravizados. Para isso era vedado aos c  
era uma marca da escravidão, uma forma da sociedade senhoria

Imagen:

# Estilingue

---

Daniel Viana

Fiz uma tatuagem no peito para cutucar o coração. As agulhas perfuravam a pele e a tinta escorria em gotas de sangue multicolorida. O vermelho dói mais, ela disse, mal sabia que a dor era maior do lado de dentro. Outra mulher me ofereceu um chá de gengibre, é bom para a garganta, disse, eu disse sim. Não sou de recusas. Yuri disse sim e levou dois tiros na cabeça. Doeu quando eu soube, não o conhecia, mesmo assim zumbiu o meu ouvido o som do estampido oco. Um policial matou o menino, por prazer, porque sim. Era uma arapuca, armadilha, um estilingue armado para impedir voos. Sobram presas fáceis. Nessa semana, trinta e três homens estupraram uma menor e divulgaram o vídeo como um prêmio, soube que a quantidade de visualizações do vídeo é assustadora e eu só quero fazer a contagem regressiva até trinta e três. Até agora, nenhum foi preso, minha contagem continua zerada. Ando desacreditado. Ando magoado. Ando triste, mas sei disfarçar.

# Polícia Civil conclui inquérito sobre morte de músico em Poços

Vítima de 24 anos foi baleada por escrivão em apartamento. Suspeito preso em flagrante vai responder por homicídio.

Do G1 Sul de Minas



# As Veias Abertas das Crianças Sírias

---

C. Sanches

minhas entranhas gritam  
ansiando a vida  
as entranhas sírias  
são espalhadas  
por palácios  
e ruas  
e casas destruídas.

As veias de suas crianças  
estão abertas há  
seis anos  
e sangram cada vez mais.  
bombas sobre as escolas  
e os pequenos morrem  
com o fardo de  
nascerem sírios  
morrem  
com estilhaços perfurando  
a cabeça  
morrem  
mutilados  
abertos  
vivificados pelo terror.

minhas entranhas queimam  
por todos os amores perdidos  
as entranhas sírias queimam  
vivas  
sobre o infernal sol de Marduk  
Marduk  
de quatro olhos  
quatro ouvidos

que tudo ouve  
tudo vê  
e não vê mais nada  
Marduk que  
deixou seus súditos  
em vão desespero  
Marduk  
que se encolhe entre  
os joelhos e chora.

SÍRIA >

# Atentado em Damasco marca o sexto aniversário da crise síria

os 39 mortos e dezenas de feridos em dois atentados



SANZ

MAR 2017 - 01:05 CET



# Quando a Bala Deixou o Cano

---

Dimitri Brandi

**Q**uando abriu os olhos e se lembrou, Gerd Buckner teve certeza que seria o último dia de sua vida. Essa sensação o acompanhava desde que chegara à Itália, mas era especialmente mais forte ao despertar. Iria morrer, e seria naquele mesmo dia.

Não conseguia esquecer os gritos da mulher.

“Ela estava escondendo alemães”, disseram. Não lembra quem foi o primeiro, se o americano alto ou se o gaúcho, que abaixou a calça e arrancou-lhe a saia. Um terceiro segurou a italiana pelos braços enquanto ela era violentada por um e esmurrada pelo outro.

Sabia que aquilo estava errado. Mas não fez nada além de lamentar. Desviava o olhar do estupro enquanto mirava a ponta da baioneta pregada no fuzil. O armamento era ruim. O treinamento era pior. Os brasileiros só eram enviados às missões que os americanos recusavam.

Se perguntava o que os pais pensariam disso. O recriminariam? O casal emigrou pro Brasil quando a economia da Alemanha ruiu. Não viram a ascensão de Hitler. Se não entendiam direito o motivo daquela guerra, jamais compreenderiam porque aquele horror era necessário. Se é que era mesmo.

Lembrou do irmão, que fugira do Brasil para lutar ao lado da *Wehrmacht*.

A Alemanha já parecia derrotada quando as simpatias de Getúlio pelo fascismo cederam à economia e à necessidade de agradar os Estados Unidos. Gerd nunca conseguiu entender uma luta em que o orgulho não está em primeiro lugar. A humilhação da terra natal na primeira guerra tinha causado a falta de pão. Aquilo sim parecia motivo para lutar.

Fumava o primeiro cigarro do dia e limpava as botas, tentando esquecer do estupro da italiana. Só na Itália entendeu o que significa a guerra, que os políticos ficam em casa enquanto homens como ele tomam tiros. São feridos, se machucam, perdem pedaços do corpo. Igual o mineiro, que teve a orelha arrancada por um pedaço de granada.

São homens como ele que voltam para casa num saco de pano. Que assistem seus colegas cometerem estupros. Que contraem doenças e infecções esquisitas. Que aprendem a conviver com excrementos, suor, comida podre, sangue, linfa e pus. Que morrem gritando enquanto um companheiro desesperado tenta apertar a ferida para conter o sangramento que exala fedor e morte.

Desde o desembarque só houve mortes. Brasileiros, italianos, americanos, alemães, soldados, civis, homens, mulheres, crianças, velhos. Todos mortos. Aleijados. Decepados. Mutilados. A cada dia agradecia a Deus por continuar vivo, por ainda ter dois testículos, duas orelhas, duas pernas e dois braços, dois olhos e dois ouvidos.

Havia a ideia, que não lhe saía da cabeça: o irmão.

Antes de cada missão, se perguntava se não havia chegado o dia em que atiraria no irmão, o dia em que enfrentaria a própria desgraça e sairia derrotado.

Paul fugira do Brasil para lutar pela Alemanha. Nunca mais dera notícias.

Durante um fogo cruzado, sempre que fazia mira, olhava o inimigo à procura do rosto conhecido. Estariam se enfrentando? Combatendo, tentando e querendo a morte do outro? Depois das vitórias, procurava o cadáver do irmão entre os mortos alemães. Entre pilhas de mortos, dois irmãos numa guerra que não era deles.

Uma guerra que não era de ninguém!

Bobagem pensar assim. Apagou o cigarro e saiu da tenda. Foi caminhando, no automático, em direção do lugar em que deveria estar a mesa do café da manhã. Queria pegar um pão e tomar um café quente e sem açúcar, torcendo para nenhum superior reparar que não tinha se barbeado.

Não deu tempo. Tiros de metralhadora desceram sobre o acampamento. Esqueceu o pão e o café, só pensou em fugir e se proteger. Viu um companheiro cair, seu sangue a empoeçar a terra. Pulou para trás do morto, usando o cadáver de escudo. Deslizou, por entre espinhos enlameados, para o fundo de um buraco que usou como trincheira.

Os tiros cessaram. Conseguiu olhar para cima. Um soldado brasileiro havia conseguido entrar na fortaleza e lutava contra o alemão. Outros brasileiros viram a cena e começaram a atirar.

Cessem fogo, seus idiotas, querem acertar seus companheiros?

Era fácil acertar um colega por engano. Terreno escarpado, repleto de morros muito inclinados. A subida acontece correndo e atirando, com a preocupação de desviar dos tiros. Fácil fazer alguma merda no meio daquele caos. Os alemães, ao contrário, estavam em posição favorável. Atiravam tranquilos, com tempo de fazer mira e escolher o alvo, enquanto a muralha de pedra os escondia e protegia.

Lembrou de uma vez em que ele e o irmão brincavam na porta de casa. Era inverno e atiravam bolas de neve um no outro. Paul tinha acabado de lhe acertar o rosto com uma massa nojenta de gelo e terra. Corria atrás dele quando um outro menino, atraído pela gritaria e a excitação, chegou para brincar com eles. Era de uma família de judeus comunistas. Foi o suficiente para o pai encerrar a brincadeira e mandar os filhos entrarem. Gerd abaixou a cabeça, enxugou os cabelos molhados de neve e se sentou, em silêncio, na mesa da cozinha.

Enquanto retomava a atenção, limpou o rosto sujo de terra. Verificou se a arma estava carregada, ajeitou a alça do fuzil, apalpou o bolso em vão, à busca de uma granada. Tomou fôlego e começou a correr em direção à fortaleza.

A subida pareceu não terminar nunca. Doía-lhe o fígado. Estava certo de que receberia o tiro fatal ali. A cada passo ficava mais perto da morte e dos alemães. Acredite, é difícil estar no meio de um tiroteio e segurar o impulso de fugir. Ouvia os tiros que passavam, sem tempo de ficar aliviado, esperando o próximo.

Chegou à fortaleza. Guardas mortos. Poucos alemães sobreviventes, parecia. Os brasileiros se atrapalhavam, tentando subir as escadas estreitas e escorregadias, molhadas de gelo e sangue.

Quando olhou para a muralha viu Paul.

O irmão estava no alto de uma das torres, reclinado junto a uma metralhadora silenciada. Não atirava. Sem munição? Cansado? Gerd correu pela escada, derrubando seus companheiros, gritando

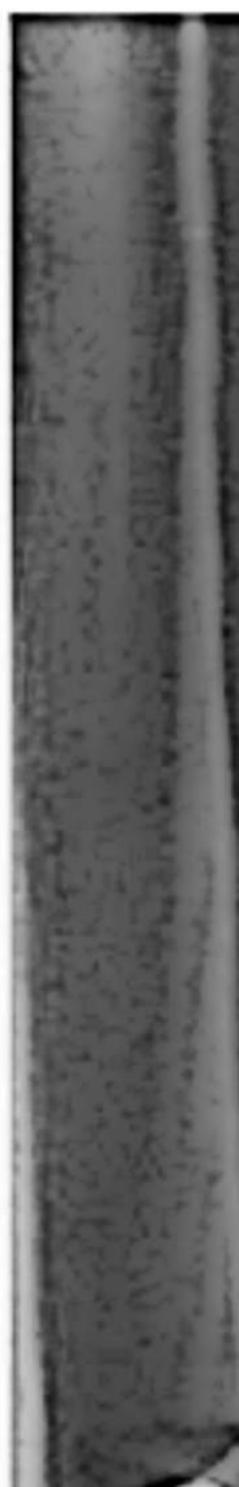
e perdendo seu último vestígio de fôlego. Ouviu uma grande explosão, vinda de cima. Não pensou sobre ela.

Chegou. Estava no topo. Olhou em volta. Uma porta estilhaçada por granada ou morteiro. Três corpos caídos, uniformes alemães. De longe, viu que um deles estava vivo. Correu, chamando pelo irmão. Por entre os panos sujos de sangue e terra percebeu o reluzir de um revólver.

A bala que iria perfurar seu coração já havia deixado o cano.

# Irmãos brasileiros em lado Segunda Guerra

Descendentes de alemães nascidos no Brasil, Gerd Bruno e o irmão risco de ficar frente a frente no campo de batalha. Um norreu lutando pelo Exército nazista.



# Dez Motivos Pra Não Se Apaixonar Por Um Escritor

---

Felippe Regazio

1. escritores são cuzões

2. escritores são cuzões

3. eles vão escrever sobre vc, e nem sempre vai ser legal

4. textão

5. vão te pedir dinheiro emprestado

6. escritores ficam quietos na maior parte das discussões. eles são horríveis se comunicando verbalmente, mesmo quando tentam, logo: 4

7. escritores se lembram de tudo, absolutamente tudo, em mínimos detalhes. quando não lembram eles anotam o que interessou pra eles, que serve pra lembrar

8. escritores não são aquilo que escrevem, e isso pode ser decepcionante

9. a literatura será sempre uma prioridade

10. escritores são cuzões

## Escritor entra em casa pegando fogo para salvar seu computador; vídeo



Leia mais

Extra



O escritor Gideon Hodge protagonizou uma cena quadrinhos ou mocinho dos romances para resgatar seu trabalho de toda sua vida". O americano, de 35 an-

# Relato de um Último Arito

---

Roge Weslen

domingo – 7:30 da manhã:

Matias acorda, limpa a remela do olho e coça saco. Dobra os joelhos rente a cama e fita os raios de sol ainda tímidos entrando pela janela de vidro, perpetrando um indício de qualquer esperança, e iluminando o quarto. Fecha os olhos:

*“Senhor Jesus, abençoe este dia e me abençoe. Me livre de qualquer pessoa ruim e das balas perdidas. Me faz desviar dos perigos das setas do inimigo. Amém”*

Deixa a água do café no fogo enquanto calça a sandália para ir na padaria da esquina comprar três pães carecas e um real de pão de queijo, que há tempos não comia – uma paixão até, por esses pães de queijo –, voltou para casa e fez o café forte – “fortíssimo”, diria sua ex-mulher – e enfiou o desjejum goela abaixo sem nada na cabeça. Talvez alguma canção antiquada da juventude à perpassa-lhe os sentidos mais escondidos, ou não – acho que não. Nada além dos sabores rotineiros dos cafés da manhã satisfatoriamente solitários, estourando uma nostalgia tediosa em sua cabeça.

domingo – 8:30 da manhã:

Matias põe uma calça social preta com um furo discreto na altura das coxas, pega a bíblia (linguagem atualizada), e vai para a escola dominical aprender um pouco sobre o desencanto dos profetas e a morte das ovelhas, proferir canções de uma harpa antiga em uníssono à sua classe. Assimilar versículos e teológicas falas errôneas de uma sabedoria adquirida em conversas com deus – este mesmo: mudo, incomunicável. Volta para casa e passa o dia inteiro assistindo a *tv global*, satisfeito com seus trinta e poucos anos, um divórcio, um quadro de jesus na parede e uma filha à quem paga pensão.

Quer dizer, “o dia inteiro” não chega a ser um exagero, mas ele até reservou uns trinta minutos para ler algumas páginas do novo livro de um tal doutor augusto cury. Prefiro não cometer injustiças e quanto a Matias, homem inclinado à idiotice e à paixão pela fé cega, desejo poupar-lhe o intelecto e priorizar aquém a secura de seus gestos, o tom dramático/psicológico de sua metafísica gasta – tergiverso demais, o coitado nunca deve te ouvido falar dessa tal “metafísica”, risos. Nada disso é verdade. Metafísica é uma palavra gasta demais. Se não fosse tão preguiçoso, de certo apagaria a grafia dessa palavra de todos os dicionários do mundo, enfim.

domingo (ó caralhosos deuses, ainda!) – 19:00 da noite:

O rapaz, que não é rapaz e sim, homem, separa os famigerados dez por cento (do dízimo), pouco antes de ir ao culto e agradecer pelo final de semana quieto e mórbido – abençoado. Cumprimenta os irmãos, senta-se na quarta fileira, última cadeira, ao lado da janela de vidro que dá para a antiga casa pastoral, esta que caí aos pedaços. E canta todos os louvores repetidos e desafinados, e escuta atentamente a palavra final do pregador, e deixa seu dízimo com o pastor.

Amanhã, segunda feira, acordará cedo para ir ao trabalho. Dorme.

interlúdio – 22:00 da noite do domingo entre 20:00 da noite do próximo dia:

Não há realmente um interlúdio. Escrevi isso apenas para preencher mais algumas linhas e para dispersar pensamentos formados no ato de defecar. Escrevi isso apenas para deixar claro que a rotina do próximo dia seria tão monótona quanto o olhar tosco de Matias. Ou talvez não, talvez. Veremos.

segunda feira – 20:30 da noite:

Matias sai da firma onde trabalha tecendo sonhos para senhores frívolos e de carne decomposta. Fica meia hora na parada de ônibus e sente um calafrio estranho nas parte genitais, inutilizadas, tocadas apenas por ele mesmo em noites as quais o tempo congela nos ponteiros de relógios suíços, no tempo de dois minutos, o mesmo tempo que ele leva pra gozar. O ônibus chega, ele sai de sua constante letargia monástica e passa a catraca, senta-se na quarta fileira, banco alto. Dorme por alguns minutos.

Seu sono é interrompido apenas quando dois homens, que subiram sei lá onde, gritaram violentamente anunciando o assalto.

Enquanto eles recolhiam as coisas dos passageiros da parte da frente do ônibus, Matias suava frio o desespero – um ataque de pânico? – e sentia seu corpo tremer intensas vestes de medo, o corpo inerte sem conseguir se mover tremelicava apenas.

Quando Matias finalmente conseguiu mover o corpo, percebeu a janela à seu lado aberta, o ônibus ao quê, sessenta quilômetros por hora?

Não pensou duas vezes, deslizou seu corpo duro, que logo se tornou gelatinoso, para fora do ônibus. E Matias nem percebeu quando sua cabeça se chocou à quina da calçada, atrito fatal/fulminante. Matias paralisado – segundos antes – pelo medo, não teve tempo para acalmar os sentidos e perceber que a vida ainda esperava ser rugida por ele em cantatas melodiosas e frescas das frestas que a esperança demole.

Morreu assim: debruçado na calçada, a cabeça escorrendo sangue, sem ter tido a recompensa dobrada do dízimo e o quadro de jesus pregado na parede de sua sala nada fez para ajuda-lo. Matias, durante a vida, sofrera vários atritos, ignorara a todos. Mas a morte não pode ser ignorada, nem pelo mais símio cristão dizimista.

A morte é o atrito final.

segunda feira – 22:00 da noite:

O IML recolhe o corpo de Matias do meio-fio avermelhado de sangue.

terça feira – 7:00 da manhã:

Matias é enterrado pela família num caixão barato, no cemitério do Guamá. Sem epítápio bonito, sem indícios de alguma existência anterior. Apenas lembranças que limitam-se à pessoas que logo morrerão – pois todos morrem, sabia?

0/06/2016 16h35 - Atualizado em 20/06/2016 21h26

# Passageiro pula de ônibus e morre durante assalto em Belém

Vítima teria se jogado do veículo em movimento.  
Policia já tem pista dos suspeitos.

do G1 PA



FACEBOOK



# Personagens

---

Franck Santos

**N**uma madrugada à beira mar um príncipe negro de camisa polo, jaqueta de couro e jeans rasgado, com um copo de vodca na mãos, perguntou no ouvido dele, o plebeu, cansado da noite e com frio -não sabia que na orla marítima fazia tanto frio- mesmo morando desde sempre na ilha. - Quer casar comigo? O plebeu disse sim e entrou no bar do Nelson para dançar um último reggae, enquanto o príncipe fumava um último baseado no Jardim do Éden, do outro lado do bar. Desde então, conta-se, que se Clarice Lispector estivesse viva e tivesse visto a cena de sua janela, enquanto visita a cidade e fumava e tomava café nas suas noites insônes, os dois seriam personagens do seu 'A hora da Estrela".

## Antes de morrer, Clarice Lispector havia planejado vir ao Maranhão

COM INFORMAÇÕES DO O GLOBO

24/02/2017 às 10h39

Em manuscrito raro, datado de 20 de outubro de 1977, ela se referia ao Maranhão como "terra do grande Ferreira Gullar"



Clarice Lispector morreu em 1977 (Foto: Reprodução)

# Amor Natural

---

Rafael Vieira

Eu estou planejando nossa fuga, meu amor.

Isso não pode ser errado. Ninguém entende. Não entendem porque não sabem o que é amor verdadeiro. Não sabem de nada. Nós somos sangue e sangue. Corpo e corpo. Nosso tipo de ligação, ninguém mais tem. Ninguém, entre vocês, cagadores de regras, levou o amor às últimas consequências? Ninguém pulou pelas janelas direto para um abismo? Ninguém levou tudo isso ao extremo, ao limite de qualquer razão, de qualquer lei dos homens, de qualquer coisa? Imagino que sim. Então pra todos vocês eu digo: Vão até o fim.

E digo mais: Pode baixar polícia aqui nesse quarto de hotel. Podem me bater, me esculachar, queimar minhas digitais, me desovar na beira do rio pra morrer. Podem nos condenar em todos os tribunais, em todas as instâncias, por todos aqueles juízes togas e perucas ridículas. Quem são essas pessoas pra falarem o que é amor pra gente? Eles não entendem porque não conhecem o amor, igual eu reconheci quando te vi depois de tanto tempo. Você deve ter seus motivos pra ter me abandonado há tanto tempo atrás. Mas isso só fez nosso amor crescer, mais e mais e mais e mais.

Acho que tudo na vida é uma construção, e até aqueles tijolos podres que a gente pegou pelo caminho construíram esse castelo no céu. Até meu abandono, até a distância, até as leis, até a sociedade cuspindo na gente. Tudo são tijolos do nosso castelo no céu. No céu. Será que Deus aprova isso que a gente faz? Será que Deus não quer apenas que a gente se ame, se ame, até o fim dos tempos, até o apocalipse? Eu sei que eu vou esperar. Vou esperar de mãos dadas com você, até ouvir a trombeta, até ouvir o trote dos cavalos da fome, da peste, até o dia em que Ele voltar e aparecer diante de todos. E então, diante do tribunal d'Ele, vou ajoelhar sem pedir perdão e esperar que Ele me condene ao fogo eterno, ao limbo, à puta que o pariu. E eu vou dispensar qualquer advogado e dizer assim: mas Deus não é amor? Deus não é amor, acima de todas as coisas? E Ele vai ter que me ouvir. Porque isso não é errado pra mim. Isso não é errado pra você. As pessoas acham isso errado porque elas vivem num mundo sem amor. E eu te amo tanto. Tanto. Quero pichar seu nome nos muros. Doar um órgão pra você. E eu não me importo mais com que os outros vão falar. Nunca me importei. E é por isso que eu estou planejando nossa fuga amor.

Estou planejando ir pra um lugar além dos tribunais, além dos homens e da sua sociedade idiota. Vamos comprar passagens juntos, vamos mudar de nome. Só vamos. Se isso é pecado, vamos viver em pecado. Vamos pecar, pecar e pecar. Vamos fugir de Deus também, se Ele achar que isso é errado. Não quero nunca mais estar certo, amor. Não quero. Quero viver e morrer do seu lado. Querem que me enterrem do seu lado. Se for o caso, troquem nosso nome na lápide. Troque minha vida, troque minhas roupas, minha cor, meu sexo. Só me deixem só. Eu e meu amor. Pra sempre. Mas não quero falar de

morte. Eu quero vida. Quero viver, respirar, chorar pelo filme triste da televisão do seu lado.

E é por isso que eu estou planejando nossa fuga amor.

## Mãe e filho são condenados por incesto obrigados a se separar, nos EUA



ia mais

Extra

Tamanho



A americana Monica Mares, de 36 anos, e o filho Peterson, de 19, foram condenados pelo crime de incesto na cidade de Clovis, no Novo México, nos Estados Unidos. A sentença foi proferida na quinta-feira (10) e os dois ficaram obrigados a se separar. Peterson, que é casado, terá que pagar uma multa de US\$ 10 mil e ir para um centro de tratamento. Monica, que é solteira, terá que pagar uma multa de US\$ 5 mil e ir para um centro de tratamento. Os dois ficaram presos por 10 dias e foram libertados na sexta-feira (11).

# Sufoco (ou: de Cobras e Outros Lagartos)

---

Mary Prieto

Há muito o homem terceirizou sua liberdade  
Hoje pede indenização pelo descuido.

Tarde demais: não é admitido recurso para revogar o recuo,  
ou a recusa de si.

A fragilidade é discurso que engana,  
Transforma autonomia numa busca de alforria.

Estamos condenados à liberdade?

Condensados neste estado de espanto irreversível?

Culpados em sentir tomado o direito que foi dado,  
a despeito do que pudesse destituir?

Há quem proteste ainda e diga:  
“A liberdade é intransferível!”,  
mas o crivo do tangível não se deixa persuadir:  
tiraram proveito em ir e vir.

Traíram, incluso, no modo de conduzir  
(faltou o respeito, sobrou o congelamento do agir).

Pelo parco preço de querer  
sombra e água fresca  
- sem usar a cabeça -  
acabamos todos capturados,  
com o ar condicionado.

05/03/2013 11h44 - Atualizado em 05/03/2013 11h54

# Justiça de SC afirma que 'lagartixa tem o direito de circular nas paredes'

Moradora de Florianópolis será indenizada por ar-condicionado queimado. Animal entrou no compartimento do motor do equipamento

Do G1 SC



A Justiça de Santa Catarina condenou uma empresa a pagar R\$ 664 de indenização a uma moradora de Florianópolis que teve o aparelho de ar-condicionado queimado. Alegou-se que uma lagartixa, que entrou no compartimento do motor do equipamento. Na sentença, o juiz afirmou: "uma lagartixa tem todo o direito de circular pelas paredes externas das casas e outros insetos que constituem sua dieta alimentar".

---

[saiba mais](#)

**Homem recebe indenização por caricatura em cartão de visita e cartaz**

A empresa não quis pagar a indenização, alegando que a culpa era da lagartixa, que entrou no aparelho por descuido, permitiu que a lagartixa entrasse no aparelho. Os integrantes da turma de direito ambiental do Tribunal de Justiça de Santa Catarina afirmaram que

# Um Velho na Rua Geórgia

---

Matheus Peleteiro

O pobre velho desolado,  
Ia todos os dias  
Para a estação  
Da rua Geórgia.

Não tinha pretensões  
Em sua história,  
Apenas uma vida longa  
E fracassada.

Às vezes visitava familiares  
No cemitério,  
- era o auge dos seus  
Melhores momentos.

Numa dessas caminhadas  
Entre os mortos,  
Encontrou uma bela viúva.  
Deveria ter seus cinquenta e cinco,  
Foi tarde demais quando descobriu o amor.

Ela era toda ouvidos,  
E, logo após uma troca de risos,  
Suas mãos se entrelaçaram.  
No sábado seguinte,  
Caminhavam na fazenda  
Do seu falecido marido  
Compartilhando uma incrível  
Solidão.

Foram dias de sossego  
Os dias que discutiram sobre  
Vinícius, Tom e livros:  
“Fique longe dos best-sellers;  
Busque clássicos com os quais se identifique!”,  
Dizia o velho,  
Encantando-a.

Entretanto, o velho logo ficou desolado  
Quando sentiu,  
Pela primeira vez,  
Saudade da solidão.

Percebeu que não podia simplesmente  
Deixar o fracasso de lado,  
Muito menos a insignificância.  
Já estava tão próximo daqueles sentimentos  
Que já eram parte dele.

“O amor é um vínculo para o sofrimento”,  
Disse, rompendo com tudo de belo  
Que tinham construído.

Desde então, evitou bravamente  
Aqueles passeios em volta dos mortos,  
Voltando para sua monótona solidão usual.  
Era de fato bastante desgraçada,  
A vida do velho.

E, quando estava num ônibus,  
Viu ao lado uma moça  
Carregando um jornal.  
A manchete dizia:  
“Mulher comete suicídio numa estação  
Da rua Geórgia, um caso doloroso”.

O velho parou e,  
Fixando seu olhar opaco,  
Embaçado pela catarata,  
Ele ainda podia ouvir a voz da moça  
Dizendo-lhe:  
“Reencontrei o sentido da vida em ti!”

Mas, logo fitou seus olhos na realidade,  
Ouviu um silêncio absurdo, e,  
Logo após, o barulho dos trilhos.

Sentiu que estava novamente só.  
E agora teria de volta as suas caminhadas  
Pelo cemitério:  
Solitárias,

Monótonas,  
Mornas,  
Mortas.

O velho sorriu.

## Mulher comete suicídio deitando-se sobre a l

No sábado (27) a operação da empresa de transporte Transurb teve de ser interrompida devido a um acidente fatal com uma mulher na Estação Amália, em Porto Alegre.

Uma mulher cometeu suicídio deitando-se sobre a linha do metrô e teve o braço cortado ao meio.



*Luana Ramos Bandoso*

De acordo com informações da Brigada Militar, a mulher se chamava Luana Ramos Bandoso. Ela viu o trem chegando, por volta das 12 horas, e se deitou sobre os trilhos.

Nada pode ser feito, as pessoas não tiveram tempo de retirar a mulher e

# Expulsão

---

Rennan Sama

Foto bizarra rende expulsão de alunas.

Elas tiraram uma foto com o pé de um cadáver.

Wanessa, que eu não sei quem é, quer colocar silicones.

O anjo do dia é "Lalahel."

Mãe e filha morreram no mesmo dia

num intervalo de trinta minutos.

Primeiro a mãe num acidente de carro, e logo depois em outra cidade sua filha de oito anos é atropelada por um carro após descer do ônibus escolar e atravessar a via.

Na Austrália uma menina de cinco anos aparece com uma squeeze com vodka de framboesa na escola na hora do recreio.

Os professores ligam para a mãe para falar sobre o ocorrido e em resposta a mãe se desculpa por não ter deixado vodka o suficiente com a menina pra todos os professores.

Os professores por sua vez vertem risadas.

"Impostos vão ser aumentados"

(Ok, mas eu queria uma novidade e isto não é uma novidade.)

Jovem é presa por inventar estupro.

Estudante da Puc morre atropelado e o corpo de uma menina é encontrado ao lado dos trilhos da Supervia na estação de Austin, ramal Japeri.

Este não é um poema tirado de uma notícia de jornal,

São tristezas tiradas de um jornal.

tristezas e hipocrisias.

É um poema tirado de notícias de um jornal qualquer

num dia qualquer no qual me dispus a folhear algumas páginas como fazem os senhores nos cafés.

Eu me questiono se vale a pena ser bem informado do que anda rolando.

Se tudo que rola é tragédia e comédia obscura e hipócrita.

Se na rua a guerra mata milhões por causa da droga da maconha e na escola os professores vertem risadas diante de uma menina que poderia ter ingerido a droga do álcool por culpa de sua mãe.

Me questiono se vale a pena ouvir que fulano pegou fogo até a morte por conta de coquetéis molotov,

e que bebês foram mortos afogados no sangue da própria mãe.

Eu me questiono se vale a pena saber.

Se vale a pena ser informado mais uma vez através do jornal que o futebol é o foco e a dor das famílias de todas as vítimas não é nada além de notícia.

Seria mais saudável e digno que os jornais apenas nos informassem pela manhã que: " O mundo ainda é o mesmo, pessoas ainda estão sendo cruéis, mas enfim vamos ao que interessa, BBB e futebol."

Os jornais de hoje em dia parecem apresentar uma contagem regressiva para o auge da desgraça.

Um aviso matinal em todos os dias de que a humanidade está cada vez mais cruel e doente e alienada e sem qualquer esperança.

# Foto bizarra de expulsão de

Imagem com duas residentes seg  
e um cadáver foi publicada na we

Duas residentes de um  
spital público em Mon-  
rey (México) foram ex-  
tas após postarem foto  
que uma delas aparece  
gurando o pé amputado  
um cadáver.

A imagem foi publicada  
Twitter de Carolina Do-  
nguez García, com a le-  
da "Meu primeiro pé,  
ai. Desculpa se a ima-

gem o incomoda".  
De acordo com  
prensa local, além d  
reito amputado, C  
também postou f  
que aparece com  
parece ser parte d  
go de uma pessoa  
residente que a  
foto não foi iden

A conta de C  
rede social foi r

# Somos Todos Macacos

---

André Nogueira

Eu sou o fim do mundo,  
dúvidas e incertezas.  
Mais um macaco desprovido de beleza?

Eu sou a insegurança,  
descaso e desafeto.  
Sou uma criança com arma e sem teto.

Eu não sou preguiça e nem a vadiagem,  
não tive pai nem mãe.  
Só tive coragem.

Eu sou fome, frio e o desespero  
Na bica me aceitaram,  
enfim, o primeiro emprego

# Somos todos macacos por agência de publicidade

14 de abril de 2014

[Facebook](#)[Twitter](#)[G](#)[in](#)[Email](#)

**Campanha de Neymar, lançada após o ato racista contra Dani Alves, é produzida por agência de publicidade que trabalhou com o jogador e com o presidente da CBF, Michel Teló. A campanha, lançada no dia 10, mostra Neymar vestindo um macaco e se declarando 'macaco' em português. A agência é a Produc**

Redação

# Ouroboros

---

André Mellagi

**A**dentro a noite eterna. O sono que fecha as pálpebras das lamparinas das estrelas e dos vaga-lumes. A escuridão absoluta da caverna que dilui as sombras, a extinção da forma, o exílio das cores. O túnel onde me perco num corredor de trevas.

Uma serpente me fez adormecer no último abraço que recebi. Ao menos foi esta a derradeira lembrança: envolvido num abraço inescapável, um nó sobre o peito, esmagando-me as costelas, e meu último grito de dor.

Estava eu lá, morto em sua fome desmedida. Logo eu, mal acostumado de até me dar ao luxo de desprezar a fome. Tinha um emprego, poderia viver no aperto, empréstimos e quitações a pagar, mas nunca sofri de fome. Sim, já senti fome. Mas nada que acendesse a urgência quando tinha a certeza de que em breve poderia encontrar em casa uma lasanha de carne moída descongelada ou um pão de queijo na próxima padaria. Ainda poderia escolher o que comer e o que não comer. Detestava estrogonofe e bolo de milho, adorava frango à parmegiana e pizza caprese. Poderia eleger para o meu prato qualquer animal abatido sem sofrimento, ou segundo as regras que o legitimasse alimento halal ou kosher. Poderia optar por não ingerir nenhum bicho e encomendassem de países distantes grãos que nunca crescem na terra onde vivo. Enfim, tornar meu alimento um requinte, uma purgação do corpo, um ato político. Mas minha ética é um pobre argumento contra a fome da serpente. Jamais poderia imaginar o quanto eu poderia ser palatável à fome de uma cobra. Ainda por cima me devorando com as roupas que eu estava, nada de terno ou cabelo arrumado no último retrato do cadáver. Fui enterrado em seu estômago com tênis, calça jeans e a velha camiseta de Angra dos Reis.

Nunca me vi tão necessário a alguém como neste encontro. Servi à sua continuidade que em breve trocará de pele, mais revigorada pelos nutrientes de meu corpo. O que, afinal, estava fazendo ali? Sim, estava perto. Cada vez mais afugentando cobras para que não se zanguem. A encomenda a um fornecedor de polietileno, a natação de quarta à noite, o preço da arroba do boi gordo que abaixou, o sapato de camurça que compraram para mim de aniversário num shopping, o jornal que assinei, a ponte que inaugurou, tudo conspirava para que houvesse este encontro, a serpente sendo chutada para minha direção. Mentira. Eu também fui ao seu encontro quando resolvi justamente neste dia pescar sozinho. Por que agora me espanto com o que aconteceu se era justamente o que era para acontecer?

Diversos tipos de morte à disposição, mas tinha que ser assim. Já aventurei ser morto num acidente de automóvel, num infarto fulminante aos 98 anos e cercado de amigos e parentes saudosos, numa dolorosa doença incapacitante, num ato de bravura. Alternava conclusões heroicas e apavorantes à minha biografia. O suicídio, quando a vida parecesse mais absurda que a morte. Ou o apego ferrenho ao que pudesse tudo gozar, degustar e consumir, minha fome de viver comparável somente à fome da serpente. Incapaz de me saciar e aceitar que a morte sempre vem uma hora, até mesmo de chamá-la quando o corpo e alma desistirem de viver de tão enfraquecidos.

Chegou a minha vez. Mas assim? Engolido pela serpente? Sim, seria para mim inconcebível morrer num escorregão da escada, na explosão do gás, num assalto. Não tinha escolha de como iria morrer, no máximo poderia deixar em testamento o que deveriam fazer com meu corpo: enterrado, cremado, ou que me enviassem a um taxidermista para me empalhar. Mas nem isso pude escolher.

Veio a boca absurda da serpente, absurda como sua fome, me cobrindo por inteiro.

Eu, que já comi rabo de jacaré, poderia ter sido o consumidor da serpente. Sentado na mesa, levando à boca um pedaço de ofídio salteado, previamente marinado com especiarias. Compartilhando esta exótica refeição com outros comensais.

Não fui triturado, mas engolido. Não fui arrancado aos pedaços e deglutido a cada mordida. Era como eu dormisse minha morte vestindo o ventre da serpente, ancorada no meu corpo inerte até completar sua digestão. Enquanto isso, ela faz a sesta no meu último sonho. Não sei o que sobrará de mim. Talvez nunca encontrem meu corpo. Ouroboros que devora a si e se consome até não restar mais nada. Virar merda de cobra. Se teve que ser assim, bom apetite.

# Serpente engole homem na Indonésia

29 de Março de 2017

Curtir

Compartilhar



Uma serpente de 7 metros foi encontrada na Indonésia com a barriga cheia de um homem. Na terça-feira, 29/03. Os moradores do pequeno vilarejo em Sulawesi, Indonésia, que encontraram o animal, rapidamente associaram o fato ao sumiço de um homem desaparecido desde a noite de domingo (26/03).

Suspeitando que a serpente poderia ter engolido o homem, moradores mataram a animal e abriram sua barriga: para sua surpresa, o homem desaparecido estava vivo dentro da serpente como pode ser visto no vídeo abaixo. ATENÇÃO: são cenas fortes.

una pitón de 7 metros se comió entero a un hombre



# Inércia

---

Alanna Fernandes

Um preto veio comprar?

Ah, para de incomodar!

Veio aqui para pedir, para cheirar, para roubar ou para traficar?

Não é novidade! É verdade!

Todo preto é ladrão

E nos rouba casa, carro e caminhão

Com o cano da 38 na nossa cara branca e limpa de bom cidadão

Sem dó, nem piedade

Além de roubar também nossas vagas na universidade,

com aquele programa de cotas injusto e sem noção

Parece mentira, não é!?

Ou um filme de época

Mas não...

É a notícia que eu li ontem

É o preconceito que não é de hoje

É “apenas” nossa sociedade

Que carrega como identidade cultural

A construção e manutenção da concepção

De que há superioridade da branquitude

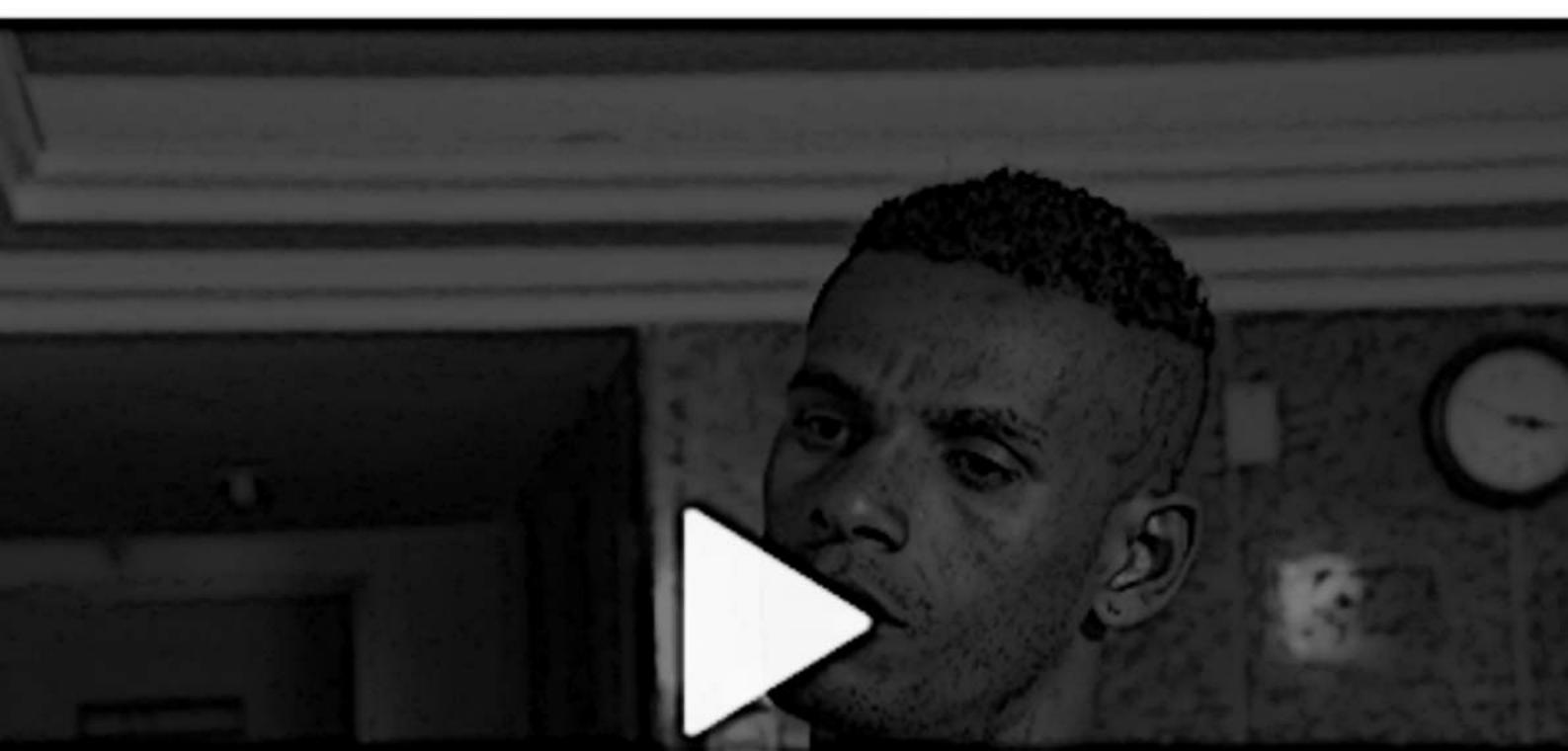
# Confundido com assaltante, homem é preso no Recife e relata constrangimento

Homem que foi confundido com assaltante no Recife foi revistado por policiais militares que acharam uma arma na loja onde ele comprava bolo de rolo. Loja nega discriminação racial.



Por G1 PE

Atualizado 21/01/2017 20h36



# Trans

---

Vagner Braz

Não... Optei-me ser o que sou  
Não... Propus-me sentir como me experimento  
Todavia naveguei feito de tal modo,  
Embora que fragmentado  
Abrolhei mulher/homem  
Versus minha pretensão,  
Com a equidade de um homem, assevero:  
Não sei o ensejo, nem ainda o pretexto ou se seria uma punição  
Questiono-me todo dia  
O porquê?  
Nascer, viver e, que o destino me explique,  
Morrer assim todo torto  
Não me resta mais nada  
Mas não se imêmore  
Embora que o amor não seja de resistência  
Tenho mesmo um coração exorbitante  
que ama, ama, ama...  
Dentro do Homem errado.

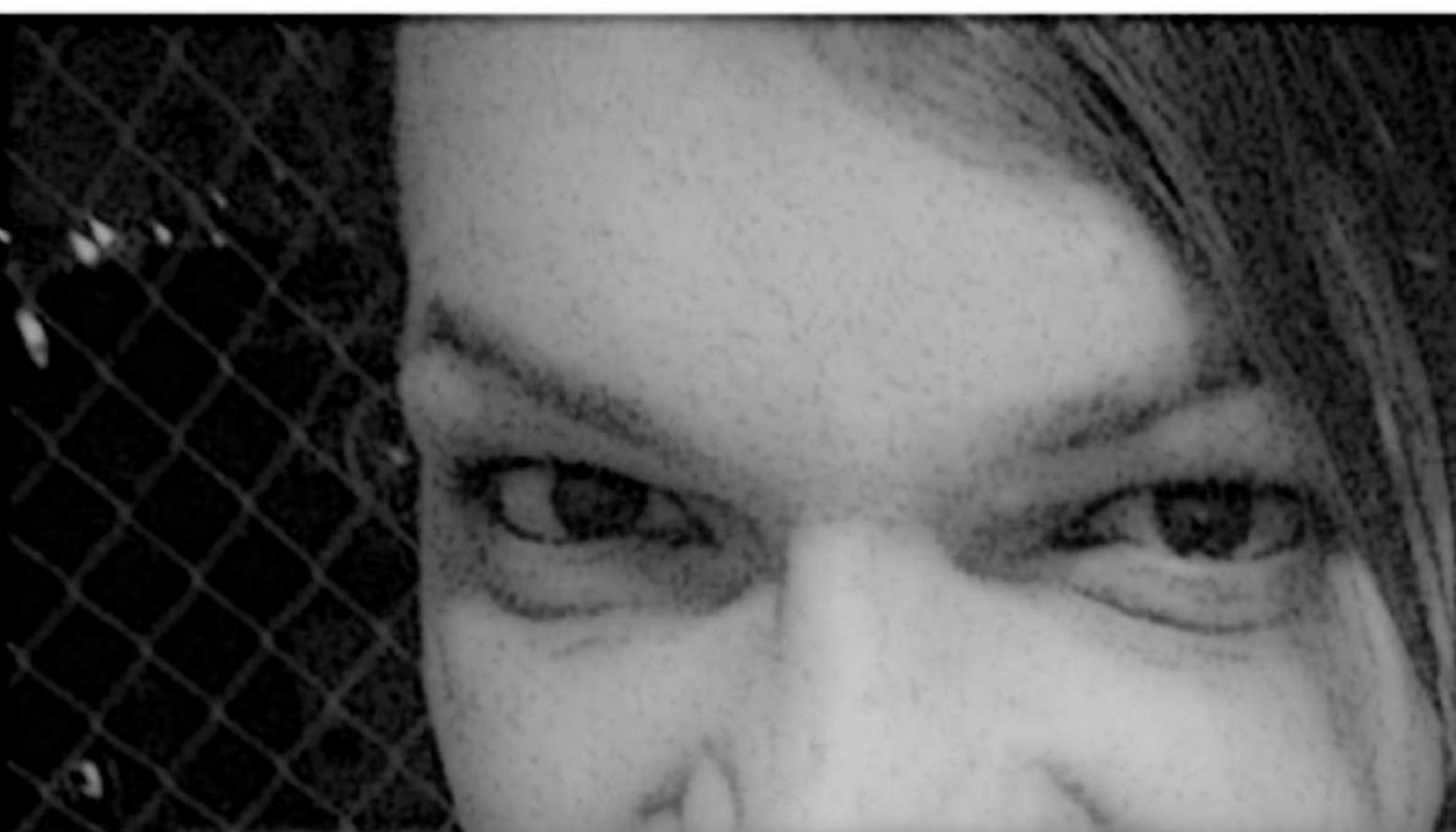
# Eu, leitora: “Perdi fam ser trans, mas 'nasci d ambiente de trabalho”

Ex-policial, a gaúcha Michelle Brea Soares de Castro, de 30 anos, é trans dentro de um ambiente corporativo acolhedor, depois de lutar contra preconceito. Decidida a não viver mais às escondidas, ela se une a outras mulheres trans para levantar contra a transfobia em um dos países que mais repreendem a comunidade

 Compartilhar



Assine já!



Assine Marie Claire a

# A Embaçadíssima Luz do Pretérito Perfeito

---

Sara Timóteo

**U**m ponto final que desfigura todos os sonhos que nutrira para Tysen. O menino que lhe sorriu assim que nascera esmorecera num ponto final definido e dele pendurara o corpo de onze anos. Onze anos bateram na trave e foram devolvidos à origem sem que ela, mãe, tivesse uma palavra a dizer sobre isso.

Ela caíra. Perdera-se do próprio sentido e, em consequência, o seu nome era agora uma sílaba embaçadíssima da luz que outrora a contaminara a partir de dentro quando a cabeça de Tysen dobrara o cabo da boa esperança existente entre as pernas que se abriam para o expulsar para um mundo desinteressado em relação a mais um nascimento. O acorde perfeito que ouvira então, quando Tysen nascera pela primeira vez, deixara para trás toda a existência que até então conhecera.

Ainda sentia o timbre dele, puro, pairando sobre a secretaria onde fazia os deveres da escola. Era apenas uma tênue sugestão de que ele existira por mais do que um breve trejeito de júbilo nos braços daquela que o transportara durante nove meses a partir de uma fusão casual de corpos. Fora Tysen que lhe ensinara que a vida é, no ínterim de todas as outras sensações, sagrada pelo seu caráter de unicidade.

Morrera longe desses braços, que agora se estendiam inúteis e vazios em direção ao corpo dependurado de uma trave qualquer tecida em torno de uma dor de amor. Amor? Aquilo que as pessoas conheciam como amor sustentava a perpetuação das maiores barbaridades: agressões e até o parar do relógio aos onze anos da vida de um rapaz.

Procurar vingança, sabia-o, de nada adiantaria; seria apenas uma diversão para não lidar com o irreparável dom da perda. Qual o valor a ressarcir por um filho? Quanto valia, afinal, uma vida humana? A literatura ensinara-lhe a conceção dos limites. Por isso, não partira atrás de Tysen para o reino dos mortos. Afinal, não era Gilgamesh nem a busca de uma mulher poderia, perante os imortais e eternos vórtices do universo, reproduzir ou ultrapassar o prestígio que um herói em busca da sua amada poderia apresentar para os anais de uma obra-prima que acompanhasse os passos de

Cronos. A mãe de Tysen sabia que, na literatura, tudo era competição. A história que tinha para contar jamais sobreviveria às primeiras vinte e quatro horas de uma página de jornal.

# mata-se depois de namorada fingir suicídio



Tysen Bench enforcou-se com apenas 11 anos depois de descobrir que a sua namorada, de 13, ter fingido o suicídio com

# La Yegua

---

Diogo Cão

Hemingway não somente estava em Idaho como também se encontrava, naquele verão, in his own private idaho, como diz a canção; não só seu corpo se encontrava naquele estado da federação, naquela varanda em frente às montanhas, como sua cabeça estava afogada no pejorativo estado de espírito que ele batiza, mergulhada no fundo da piscina vazia. de chinelos e pijama, cachimbo no canto da boca, trazendo algo nos braços, ele subia as escadas do porão para o piso térreo da moderna casa de concreto armado, enquanto uma luz amarelada já abandonava a timidez acima do horizonte e prometia uma manhã iluminada. sentou-se no salão de entrada, de frente para o bosque e o ar fresco de Ketchum, enquanto a névoa do cachimbo encobria seu olhar ensimesmado. e uma fagulha da luz do dia refletiu-se no metal da espingarda.

ora, um homem tem o direito e a liberdade de decidir quando é hora de encerrar a peça, de deixar o palco da vida, ainda mais ele, tendo já vivido tantas; o front na Itália, a Paris dos vinte (este sim, um tempo satisfatório, e por quê a vida não era sempre assim?), a Flórida, outra guerra na Espanha, Cuba, outra guerra na Europa (nenhuma surpresa), sua morte na África (pois já não estava morto? não, não estava, a dor era a prova de que ainda estava vivo), o Nobel, Idaho... já tendo essa história por legado, um legado não perfeito, o que se há de fazer, mas, enfim, todos sabem que a vida é o campo do possível, não do ideal, quem o impediria, homem livre, de decidir o melhor momento pra baixar o pano, sair de cena, pendurar as armas e as canetas?

o dilema já estava resolvido, e Hemingway, com uma de suas favoritas nas mãos, apontada justo acima dos seus olhos, fazia sua reflexão final, aquela que nunca deixaria escrita. que ninguém ousasse pensar em fotografá-lo. restassem à posteridade apenas as imagens do escritor bonachão, orgulhosamente ebrio. puxar aquele gatilho, extinguir o sofrimento, era um ato de força, um manifesto do vigor de sua consciência; a doença não havia lhe roubado a sanidade. já havia tomado decisões mais graves a vida toda e não era naquele momento que seria privado de definir o próprio destino. matar-se era seguir vivo.

cai o pano.

mal seu corpo baixava à terra fria, uma famosa loja de departamentos espalhou o boato, ou melhor, promoveu uma campanha de marketing viral disseminando a história de que a espingarda utilizada pelo escritor no minuto final havia sido comprada em uma de suas lojas. era, pelo visto, uma grande honra, ou um perfeito atrativo aos amantes das polêmicas e das armas. mas amigos mais próximos, de bourbon e caçadas, estavam seguros de que aquela era uma companhia muito mais antiga, mais

especial. ela já o tinha acompanhado a tantas sessões de tiro no clube de caçadores del cerro, naquela Cuba ainda pré-revolucionária, naquele Caribe onde ele jamais pensaria em dizer adeus às armas, aguçando seu foco nos alvos lançados pelos seus ajudantes. La Yegua era como Hemingway a chamava, quase carinhosamente.

compartilhando as manhãs mais quentes do mar do Caribe, no mesmo clube, forjavam também sua pontaria os futuros revolucionários que levariam o país a mais uma batalha pela independência. eram liderados por um jovem advogado, de nome Castro, ainda um ilustre desconhecido, cuja ambição em aperfeiçoar o tiro logo ficaria evidente. durante os meses em que atirou, provavelmente imaginando bustos mortos a cair e um país novo a se levantar, era justamente com La Yegua que praticava, emprestada, sem que Hemingway soubesse, por um dos garotos que cuidavam de suas armas. Castro gostava da empunhadura daquela calibre doze. a arma tinha personalidade, algo de etéreo, além da firmeza com que se moldava aos braços do atirador e a presteza com que realizava seu serviço. Castro sorria; aquela espingarda, com certeza, era sua favorita. ao contrário dos demais atiradores do clube, nunca atirava em pombas. sentia por elas alguma espécie de compaixão. àquela altura não poderia saber, mas momento futuro, vitorioso, amparado pela comoção popular, lançaria de suas mãos uma outra pomba, branca, a que seria a prova viva da sua consagração. ainda longe desse futuro, naquele momento era La Yegua quem se entregava em suas mãos, a respiração suspensa, numa fração de segundo, o tiro certeiro.

na madrugada escolhida, quando chegaram os revolucionários ao quartel de Moncada, Fidel estava confiante. havia planejado cuidadosamente o ataque. e tendo praticado na véspera, saiu do clube levando La Yegua sob o casaco, deixando outra calibre 12 similar a substituí-la no quadro de armas. era com ela, sua companheira, que investiria contra os defensores do regime. foi com ela que enfrentou o terror de perto, e de perto viu a sombra da sua derrota; depois de muito sangue e gritos e luta, muitos companheiros presos, torturados até a morte, ameaçados pela sombra pegajosa da traição, Fidel por pouco escapou. não tinha dúvidas: foi ela quem o protegeu em meio ao caos em que se tornou o levante fracassado. em plena fuga, confidenciou a história a seu irmão Raul. e foi no calor do momento, antes que alguém se desse conta, que Castro tratou de voltar sorrateiramente ao clube para devolvê-la, de forma quase ceremonial, ao seu local de descanso. era, esse último momento, seu agradecimento e despedida. foi preso pelos soldados de Batista logo em seguida.

na manhã seguinte, sentado no banco de trás do Ford, lendo sobre os recentes acontecimentos, Hemingway chegava ao clube e uma vez mais tocava sua favorita, que dormia e sonhava em seu berço, sem dar notícia do pesadelo da noite anterior. muitas pombas ainda seriam abatidas naquele dia por seu olhar apurado. no entanto, o próprio Hemingway se espantou ao se perceber desconcentrado, fora do usual. errou muito mais que de costume. as três pombas perdidas em uma aposta estúpida renderam 15 dólares aos garotos do clube. e La Yegua parecia diferente, o mesmo metal reluzente, o mesmo cano fumegante, mas de alguma forma sensibilizada. o escritor percebeu essa sutileza, sentiu que aquele vapor transmitia algo estranho, incomum, que ficaria gravado na sua lembrança, mesmo tantos anos depois, depois da saída de Cuba, da saúde debilitada, das internações

e torturantes sessões de eletrochoque ao qual fora submetido, e das quais se livraria de qualquer forma.

naquela silenciosa manhã de verão em Idaho, deslizando os dedos sobre os canos ainda frios, Hemingway era apenas nostalgia. anos depois lá estava ele, naufrago às avessas, impossibilitado de regressar a Cuba, reviver sua beleza e seus mistérios. já haviam se passado semanas de angústia e indecisão, e cada vez mais era patente sua impressão de estar cativo em sua terra natal. la bodeguita del medio não poderia estar em outro lugar que não Havana. o kir royale não tinha o mesmo sabor em Ketchum. aquela casa era agora o seu lar, sem dúvida, mas quem era ele? a espingarda, sem dúvida, estava mais próxima dele que aquelas montanhas, impassíveis ao seu sofrimento ou ao de qualquer outro ser humano, tão intocáveis quanto o horizonte. La Yegua, ao contrário, apegada aos seus braços, ela que já esteve com ele em tantos outros momentos de introspecção, o entendia melhor, não julgava, prescindia de gestos e palavras. não havia mais dúvidas de que havia chegado a hora. o escritor, assim como a espingarda em seu momento, estava diferente, sensibilizado. La Yegua, exilada como ele, percebia essa sutileza, sentia sua mensagem no toque delicado com que ele a afagava. ela o comprehendia. e mais uma vez, se entregou em suas mãos.

Hemingway jamais saberia de Castro, que jamais saberia de Hemingway. La Yegua ainda guarda o segredo.

# Fidel usó las escopetas de Hemingway

Cuenta la historia un hombre que tuvo a cargo las armas de caza de Fidel y se entrena en el Club de Cazadores del Cerro

Juventud Rebelde

digital@juventudrebelde.cu

24 de Octubre del 2007 0:00:53 CDT

Fernando recuerda que también fue amigo de los tres hijos del escritor: John, el mayor; Patrick, el mediano y Sean, el menor. Foto: Calixto N. Llanes -Yo fui su niño-perro. Sí, no piense mal de estas palabras. Así se le llamaba a Fernando cuando traía las palomas muertas en el campo de tiro, cuando les disparaba con sus escopetas de cartucho».

A Fernando Silvano Nuez Sánchez le falta una pierna, pero con sus 75 años de vida sigue teniendo memoria, optimismo y sinceridad para contarnos la excepcional experiencia vivida en la juventud junto al Dios de Bronce de la literatura norteamericana: Ernest Hemingway.

«Siento el deber y la necesidad de contar por primera vez a un periódico lo que aprendí de Hemingway, cómo lo conocí, la pequeña ayuda que le di y algunas otras cosas desconocidas».

Nos interesa el testimonio de Fernando Nuez, porque nos habla aquí del gran amigo que tuvo Ernest Miller Hemingway, haciendo caso omiso de la exhortación «¡Dejen a Hemingway solo la obra importa!».

Su gran colega y coterráneo William Faulkner dijo de él que «siempre permitió que su amistad quedara dentro de los límites de lo que conocía. Y lo hizo en una forma admirable, logrando lo imposible».

Tú serás mi niño-perro

Y precisamente su vinculación con el niño que fue Fernando Nuez evidencia que Hemingway era como un ser de carne y hueso que moldeaba lo posible de la amistad y la bondad humana.

«Conocí a "Papa", a los ocho años en la Carretera Central, en un punto del km 100, en el municipio de Diezmero, en La Habana. Yo estaba cazando pajaritos con mi tirapiedras y mis guavahitas verdes como municiones. Él pasaba en un "pisicorre" y al verme

# Favor

---

Texto e Fotografia de Joelma Félix Brandão

Comia a carne e levava um trocado.

Comia a carne e era amaldiçoado.

Comia a carne crua porque não a cozinhava na sedução.

Comia a carne e quase garantia sua satisfação.

Comia a carne de qualquer uma desprevenida.

Comia a carne nas principais avenidas.

Comia a carne e deixava na pele a ferida.

Comia a carne sem nenhum remorso.

Comia a carne e roía até os ossos.

Comia a carne e a faca era seu troço.

Comia a carne sem se apresentar.

Comia a carne até ela desesperar.

Comia a carne sem cansar.

Comia a carne porque não sabia amar.

Comia a carne com todo fervor.

Comia a carne sem nenhum pudor.

Comia a carne com absoluto horror.

Comia a carne e lhe prestava um favor.



# Justiça baiana condena o ‘Tarado da Paralela’ a 83 anos de prisão

**VIOLÊNCIA SEXUAL** Gessé Silva dos Santos, conhecido como o “Tarado da Paralela”, foi condenado, no último dia 27 de março, a 83 anos e seis meses de prisão em regime fechado, além de multa e pagamento das custas do processo por 11 crimes de estupro, roubo, extorsão qualificada e atentado violento ao pudor. A sentença foi dada pelo juiz Anderson de Souza Bastos, da 4ª Vara Crime de Salvador. Os crimes ocorreram entre junho e novembro de 2009, quando Gessé tinha 24 anos. Ele foi condenado pelo ataque a pelo menos oito

mulheres. Elas eram abordadas ao sair de faculdade ou trabalho e, em seguida, roubadas, extorquidas e violentadas. As abordagens foram feitas na Avenida Dom João (Brotas), na Bonocô, Princesa Isabel (Barra) e, principalmente, na Avenida Paralela. Na sentença, o juiz destaca que Gessé teve como motivo para os crimes “a satisfação da lascívia e o aumento patrimonial”. Ele acrescenta que em um dos crimes, “o acusado fez a vítima acreditar que deixá-la viva, em troca do sexo, seria um favor que o mesmo estava prestando”.

# K-Hole

---

Gabriel Felipe Jacomel

Gabera, tás aí?

Pfv, me conta direito essa história

taaaaardee

Cara, sei lá, desculpa qqr coisa. Tô meio atordoado ainda rs

Mas me conta o que rolou

Sério

mano, tô no trampo

eu FUI pro trampo de manhã

já respondo

Vou fazer um café. A Dara não tá em casa

No bilhets, no nada :/

Bicho...

Eu caí?

caiu.

Acho que quebrei o osso da bacia

Ou trinquei

ô se trincou

Sério

sério, já respondo. OK

Ok

roubaram o Ricardo, c lembra disso?

Lembro. Mas o cara devolveu o celular

pois roubaram de novo

COMO ASSIM

vejamos: os três elementos saem tarde da noite de uma reunião de negócios no centro de São Paulo acerca da produção de um futuro musical. Saem muito alegres pois, apesar de pouco produtiva a reunião, e talvez por causa disto, o encontro foi regado a dezenas de garrafas do lícuo de molhar palavras, ou de fluir melhor as cosa. Eis que vossa senhoria (doravante denominada “Vc”) queria porque queria se entupir de pó; proposta indeferida pelos presentes, visto que os mesmos tinham logo de trabalhar na manhã do dia seguinte (i.e. HOJE); no caso, em algumas horas.

Você falou com o Ric

não

Ele não tá me atendendo

faz senso. roubaram o celular dele

Mesmo mesmo???

a noite deveria ter parado aqui. no posto da esquina.

Nunca :D

Vc tava vomitando na lixeira do posto, cara

Eu tentei ir no banheiro

Tava trancado

tô ligado.

A gente começou a cantar uns sambas antigos

kkk

e chegou um cara pra cantar com a gente. viu como não precisa explicar nada?

O Ricardo tava batucando na lixeira vomitada zo/

e o maluco que chegou começou a girar um pino vazio na mão “do nada”, depois dos papos de noia entre um grande clássico e outro

daí plim vcs somem

eu e o Rico com cara de cu com sono, sem saber o que fazer, fomos atrás. e como fissurado tem outro ritmo, encontramos porra alguma e ficamos ali na Rego Freitas esperando em uma esquina.

numa pior q Lou Reed

Era só seguir!

claro. e foi ali que os michês vieram e cercaram a gente. territorial pissings, brother  
botaram a mão no bolso do Ricardo e afanaram o celular porque ele gaguejou ao falar onde morava.  
da minha parte só saiu um “aqui”.

qndo falaram pra ele dar a mochila, com o Mac e a porra toda, ele saiu correndo e me deixou lá com  
os caras \o/

fiquei tentando explicar que ele é músico e provavelmente mais fodido que todo mundo ali hehe  
mas acho que eles viram o Ric trocando ideia com o segurança do estacionamento da frente e  
resolveram fazer uma boa ação

Devolveram o celular no bolso dele

e é aí que Vc entra de voadora na História

Eu vi

tava voltando com teu amigão e o novo amiguinho

Sim

e quis dar garrafada nos putos por causa do celular  
e eu implorando pra vc ficar de boa pq já tava tudo resolvido  
baixada a poeira - cof cof, o teu novo amiguinho deu a, quicadíssima, bola dentro da noite:  
se a gente não queria dar um teco do que ele tinha, aquela sobra da noite...

SIM, o povo vibra ensandecido

o teco da comemoração do não assalto

o teco de bons sonhos vindouros

o teco do bom e belo sono

do acordar de somos intranquilos, ligeiramente kafkianos, enfim

a gente foi pro Largo, batemos três carreiras gordas no teu cel e vrááá

nessas horas o amigão já tinha virado a esquina, e o amiguinho, não mais novo, dizia que tava  
empapuçado, já tinha dado o suficiente

deu tchau e rumou à São João e ok

a gente atravessou a rua em direção ao meu prédio e só escuto o Rico falar “acho q não tô bem”

daí um estouro  
é Vc estatelado no meio-fio  
olho meio assim pro Ricardo e ele tá tentando se manter em pé apoiado na porta do prédio  
e na esquina vêm os michês  
QQQQQQQQ

sério  
os meeemas caras  
eu tinha recém-falado pro Rico que achava q aquilo era ketamina, a gente tinha tomado um boa  
noite cinderela  
parecia q eu tava falando baleiês

KKK  
sério. baleiês sensato.  
eles foram secos no Rico, ele tava desesperado apertando o interfone, coitado  
agora eu tentando ficar de pé de cada vez  
e entender tudo aquilo q  
qndo vi já tinha ido embora. foi todo torto perguntar pro Ricardo o que a gente ia fazer com Vc  
e ouço um: “eles levaram o celular”  
de novo???  
“de novo”  
cagaram pro Mac, mano  
o q não é a obsessão...  
viram vieram e venceram. um pouco.

Pq cs não bateram neles???

MANO, Vc tava estirado no chão.  
juro que tudo que eu queria era te deixar ali e ir pra casa.

:

a gente deve ter demorado uns dez minutos, mais até, pra te arrastar prédio adentro. te deixamos no hall, braços abertos, crucificado. tentamos pateticamente te reanimar, não estávamos lá muito melhor, e depois do terceiro dia sentamos pra chorar.

K-hole

só paramos quando ouvimos a mina do dois gritar com a gente. descartada a ideia de te jogar no lixo, enfiamos Vc no elevador, sei lá como. sabe um pretzel?!

deve ter sido o mais prematuro e mais inesquecível bom dia que a Mi já viu.

ela tava doente e eu desci prometendo que ia tomar só uma saideira.

Mals, cara...

ela achou que Vc tava morrendo. queria ligar pra Dara. se livrar do presunto, saca?

Ela ligou?

eis q Vc levanta, um morto muito louco, como se tivessem te dado a injeção de adrenalina do Pulp Fiction. procura no bolso, afasta os livros da mesa de centro e vira AQUELE pino que Vc tanto batalhou pra conseguir

foi a primeira vez que a gente tentou te explicar que o Rico tinha sido reassaltado.

acho que a mensagem não foi bem transmitida, não rolou A conexão, teu interesse era outro.

àquela altura eu e a Mi já estávamos resignados, teríamos visita para o café colombiano e acho que ela realmente foi pra cozinha preparar um chá a começar aquela/esta beleza de dia

disse que já tinha acordado por motivos de interfone no meio da madrugada, tava susse

áí a ração acabou logo e logo o Ricardo sugeriu, certa insistência, ir embora

eu amo muito mesmo meus amigos

Mas o Rico não foi comigo

fooooooi

Vc falou q ia cheirar mais

:)

Onde que ele tá

boi, eu realmente tenho que terminar esse (blow)job até as seis. toma seu café aí. eu já derrubei uma garrafa aqui e tô de boa de vexame por hj

derrubei no chão

Pede desculpas pra Mi

volte sempre

Vou atrás da Dara

Ela ligou?

Eliano

dia

# golpe do 'Boa Noite, Cinderela' oga para cavalos em São Paulo

Arqu



# Quando Fui Bento

---

Fernanda Walmer

O nome era Bento

Bento Rodrigues

Foi causa de um bandeirante que adentrou aquelas terras e escreveu a primeira linha da história

Aquele lugar, hora desconhecido, foi casa de minério e trajeto de ouro

Num instante, as estradas que exauriam silêncio já não eram mais solitárias

Com os dias veio gente, veio dinheiro, veio prece

E de conto em conto, num terço sem fim, o tempo foi pegando no colo aquele lugar de chão quente e gente forte

Emanuely foi o abraço

Os poucos anos – cinco – não lhe faziam menos filha da terra

A imagino, apenas, sendo criança

Correndo da falta, do ruído, do medo, da pressa... pra vida!

Correndo porque era bonito correr

Porque tudo parecia estar junto e ser diferente

A imagino não conseguindo contar os amigos

Lhe faltavam dedos, faltavam números, e desistia com a alegria dobrada

Emanuely talvez fosse quieta mas, sem lamento

Talvez fosse comunicativa e precisa...

Fosse a harmonia que fosse, era de Bento

E Bento, amorosamente, era dela

Dezesseis e vinte. Cinco de novembro. Dois mil e quinze.

Antes silêncio

O que era inteiro se ruiu

Barulho

Sem fim

"- Meu Deus do céu!"

"- Fojam! Vocês têm que deixar suas casas!"

"- Cadê as crianças?"

"- Calma, vai ficar tudo bem."

"- Socorro! Alguém viu minha filha?"

"- Meu neto morreu! Meu neto morreu!"

"- Corre!!"

"- Me ajudem!"

"- Não vou abandonar minha casa!"

"- Por que, meu Deus?!"

Mais de 600Km percorridos pela lama

Antes das 17h Bento Rodrigues já não existia mais

Duas horas depois Paracatu tinha sido destruída

Barra Longa, Governador Valadares, Baixo Guandu, Colatina e muitas outras

Sem água, sem pesca, chorando junto com a tribo Krenak o choro de todas as tribos

A natureza tinha sido machucada e a dor atravessou todo mundo

A perda multifacetada contaminava tudo

Acho até que aquelas pessoas perderam um pouco de si no meio do caminho

E à procura de redenção, o que foi lama virou mar

Contudo, anoiteceu

O céu não havia deixado de ser pleno

Só parecia de um outro tom

Num silêncio cantarolado

De uma presença nova

Estava ali, sob a escuridão, a poesia da grandiosidade e insignificância humana

Provou-se água de todo canto

Vestiu-se as roupas de toda gente

Alimentaram não só o corpo mas nutriram, com empatia e bondade, corações fatigados e existências exauridas

Foi toque, humildade e esperança

Foi um filete de luz no colo de Deus

Emanuely era a luz

Feito a vida a sua volta quando ela corria

Tudo era diferente mas parecia estar junto

Deu as mãos a mais dezoito almas luminosas que traziam nos braços cada presença de Bento, cada vivência e história

Esperando que toda lembrança, quando curada, faça uma visita ao que sempre será sua casa.

# A ONDA

Uma reconstituição da tragédia de Mariana

CONSUELO DIEGUEZ



**A HISTÓ**

**N**o dia 5 de novembro, o rejeito de minério de ferro pertencente à empresa Samarco, uma das maiores mineradoras do mundo,

# A Lei do Silêncio

---

Eric Moreira

Osvaldo ganhou um prêmio de xadrez na escola aos quinze anos. Não que isso faça diferença em seu futuro, mas fazia diferença pra ele. Tinha um complexo de ser inteligente, achava que era ótimo. Ou talvez fosse apenas medíocre como eu era e todos nós fôssemos ruins no xadrez. Osvaldo e Vanderlei eram amigos desde pequenos, desde os quatro anos de idade. As mães trabalhavam e os filhos ficavam na rua. Rua de gente boa, os vizinhos cuidavam dos meninos. Eu conheci os dois, que eram mais velhos, quando eu tinha meus quatro também. Quatro é um número de grande mudança na periferia de San Pedro. Depois dos quatro anos, todo mundo confia em deixar os filhos sozinhos sob os cuidados das vizinhas, ou sob os olhos. A maioria de nós ficava mesmo na rua, brincávamos de futebol com bola de meia, ou de bete. Bete é um jogo estranho, não sei como conhecíamos aquilo, mas era quase uma tradição dos meninos mais velhos, que aprenderam com os que eram mais velhos que eles. Em outros lugares, alguém me contou que também é chamado de bets, tacabol ou taco. Sempre achei bete o melhor jeito. Era como chamávamos naquela época.

Mas não quero me alongar em contar nossa infância, nem como conheci Osvaldo, nem como conheci Vanderlei. Nem como conheci o jogo. A história começa com Osvaldo e seu prêmio de xadrez e termina com o assalto do ônibus de Alto San Pedro, dez anos depois. Osvaldo sempre se gabou daquele prêmio e de como aquele prêmio assegurava sua inteligência superior contra nós. Era quase um mantra e assim foi a vida toda. Aos vinte e dois eu era ainda mecânico no setor de laminação da usina, Osvaldo era o um-sete-um do bairro e vivia de pequenos furtos e golpes no centro da cidade.

Éramos uma turma de rapazes que cresceram juntos e todos nos conhecíamos e nos respeitávamos mais do que respeitávamos aos outros. Era como um código de conduta. Osvaldo e Vanderlei, que praticava pequenos assaltos às residências de condomínios granfinos, eram da mesma turma que eu e eram os meninos mais velhos. Eu conhecia tudo o que eles fizeram e sabia de tudo o que eles faziam. Eles, por outro lado, também sabiam tudo sobre mim. Então, se nós sabíamos tudo o que fazíamos de errado, o melhor éramos ficar de bico

fechado. Era a lei do silêncio. Nenhum de nós era santo, eu só não estava cometendo os mesmos ilícitos que eles. Fazíamos cada qual o seu jogo e, assim, levávamos a vida. Eu, aos vinte e dois. Osvaldo e Vanderlei aos vinte e cinco. Aquele foi um dia comum do começo ao quase fim do dia. Acordei, tomei um café preto com um cigarro. Dei um beijo na minha velha mãe Alcinda, mãe de criação que me pegou depois que minha mãe foi embora. Sempre senti um respeito imenso por ela. Guerreira, mãe de santo, me cuidou a vida toda como se fosse cria dela. Eu não tinha irmãos e Alcinda não tinha filhos, fui criado como único num lugar onde único só se fosse o bilhete do coletivo. Depois daquele beijo carinhoso saí pela porta e peguei o ônibus pro Distrito Industrial de San Pedro. Onde a usina existia como um palácio, com seus dois alto-fornos gigantes que pareciam torres, e vários complexos espalhados por uma área quase impossível de imaginar. A usina, em questão de espaço, tinha um terreno que cobria mais espaço que o bairro onde eu vivia. Era um colosso.

Eu exagero as vezes, eu sei. É que sempre tive paixões por aquelas máquinas imensas, que faziam calor e barulho e produziam aço, às toneladas, no final. Aquilo era sinfonia. Faziamais barulho que minha cabeça e, por resultado, abafava o excesso de complicações que eu criava dentro de mim.

Desmontei peças, apertei parafusos, troquei peças e suei como porco. Tirei quatro ou cinco pausas pra fumar um cigarro, pausas pequenas. E uma grande pra almoçar como um rei no restaurante da usina. Escrevi um pouco também.

Xadrez era pra Osvaldo o que a literatura era pra mim. Uma esperança infalível de sucesso.

Eu acredito que Osvaldo, naquele mesmo dia tenha acordado, tomado um café e também fumado um cigarro. A mãe de Osvaldo é mais nova que Alcinda, então acredito que já tinha ido trabalhar quando ele acordou. E ele não deve ter dado nenhum beijo na testa de sua mãe naquele dia. Ele e Vanderlei já vinham pensando naquele esquema, assaltar o ônibus mais cobiçado da cidade. O ônibus que, como nós dizíamos, era o Expresso Cidade-Toda. Todo mundo, praticamente, podia pegar aquele ônibus. Ele percorria a cidade toda e quase todo mundo usava o Alto San Pedro em algum momento do dia. A passagem custava dois e setenta e cinco; e se calculássemos que pelo menos vinte mil pessoas andavam naquela coisa por dia, à tarde ele teria milhares de passagens pagas ali.

Mas Osvaldo tomou um café ralo e fumou um último cigarro da noite anterior antes de

sair. Ele não viu sua mãe, não se despediu dela, nem deixou um bilhete dizendo que ia demorar.

Vanderlei, eu acho, deve ter acordado numa ressaca, como sempre acordava e contado o dinheiro que ainda tinha na carteira. Não tinha mãe, que morreu cedo num desabamento quando eu era pequeno demais pra lembrar. O pai, que era dos melhores pedreiros e alcoólatras que San Pedro já viu, morreu quando ele era adolescente. Viveu com os irmãos mais velhos até conseguir se sustentar sozinho no velho barraco do pai com os pequenos roubos que fazia.

Eu trabalhei. Suei e trabalhei. Eu não julgo os rapazes porque também não fui santo nessa vida e acredito que uma hora vou pagar os meus pecados também. Deus deve estar me vendo lá de cima e julgando qual a minha pena, é assim que imagino Deus, como um velho juiz cansado demais pra cobrar tudo na hora. Os meus pecados ele deixou pro final, pro sofrimento prolongado. Vanderlei e Osvaldo ele cobrou rápido, num corte seco de guilhotina. Depois do trabalho peguei o Alto San Pedro, como sempre fazia. Naquele horário não andava muito cheio como de costume, mas já havia rodado o dia inteiro, desde que eu havia acordado e agora ia para a última viagem, até trocar o motorista e cobrador. Era o ponto alto da grana no ônibus. Atravessamos a cidade do Distrito Industrial à velha Pedreira. Que era onde eu descia, havia uma trilha no mato e um escadão logo à frente onde subíamos para nosso recanto sagrado e isolado das benesses de San Pedro Velha, onde moravam os granfinos.

Senti uma freia brusca. O ônibus estancou numa violência bruta de motor e pneus fedendo a queimado. Ouvi uma gritaria lá fora e uma agitação dentro do ônibus. Eu sentava sempre no fundo. Como sempre fui na escola. O fundo é o meu lugar, assim as pessoas não me olham, eu pensava. Dois homens subiram na parte da frente, pararam no cobrador e roubaram dinheiro do caixa. Rapidamente pularam a catraca e foram recolhendo todos os objetos de valor dos passageiros do ônibus, como filme de hollywood em que os ladrões contam os segundos pra roubar tudo o que dá e fugirem num carro importado. Roubaram todo mundo.

Quando se deram por mim, no fundo do ônibus, ouvi a voz de Osvaldo e ele engasgou falando.

- Deu sorte, Zé.

Eles desceram rápido pela porta de trás e saíram correndo pela trilha do mato. Fiquei constrangido, sabia que eram eles e sabia que eles não me roubaram porque nos conhecíamos há muito tempo. Senti vergonha das outras pessoas que me olharam com raiva e sabiam que

eu não tinha sido roubado. Me colocaram no mesmo lugar que eles e eu me senti pela primeira vez, desde que éramos moleques, como um membro da “gangue”. Abaixei a cabeça, ri um pouco, mais de nervoso do que por qualquer outro motivo. E desci do ônibus. Acendi um cigarro enquanto andava.

Subi um caminho três vezes maior porque o assalto foi ainda longe do escadão onde eu subia.

Pensei em mim. Pensei em roubar também. Pensei que talvez fossem atrás de mim como cúmplice do assalto. Não sabia o que pensar, então, pensei em várias coisas, inclusive pensei que Vanderlei e Osvaldo talvez viessem atrás de mim, pra que eu não dedurasse ninguém. Fiquei com um misto de nervoso e ansiedade. Mas cheguei em casa. Dei outro beijo na mãe Alcinda e tomei um café morno que ela passou à tarde. Senti o cheiro do cabelo dela lavado e senti aquele prazer de ter sido criado por aquela mulher maravilhosa. Senti medo, lembrei das brincadeiras de criança, do polícia-bandido que brincávamos com pedaços de pau fingindo de armas e me dei conta de que não existia aquela dualidade. Éramos um degradê de pretos. Ninguém tinha virado polícia, mas alguns viraram bandidos. O resto... como eu e outros amigos nossos, tínhamos apenas aceitado a condição de trabalhar forçado, mas sem chicote.

As notícias correram a cidade. Eles ficaram escondidos num esconderijo muito velho no mato que brincávamos de selva. Como se fôssemos desbravadores das florestas africanas. Pensávamos em leões, rinocerontes e gorilas gigantes. Éramos crianças. E eu percebi que eles não cresceram tanto, se esconderam no lugar onde nos escondíamos quando éramos meninos. Foram brincar de selva. Dois dias depois encontraram os dois mortos lá. Munições de pistola calibre 40, a mesma usada pelos policiais. Senti vontade de chorar, de contar ao mundo o meu sofrimento que era o sofrimento dos meus irmãos.

Mas é a velha lei... aquela que só o silêncio garante o que vive.

# Suspeitos de assaltar ônibus sócio na Zona Leste de Ma

dolescentes estão entre os detidos pelo crime.  
ro e celulares foram roubados; vítimas relataram ame



FACE



# Orgasmos Múltiplos

---

Andri Carvão

**L**ogo que entraram no ônibus anunciaram o assalto. Os dois estavam armados. O maior dominava a situação. Bateu com o berro na tampa da gaveta do cobrador e segurou-o pelo queixo espremendo seus lábios, fazendo-o fazer boca de peixinho.

“Vamu zuá!”

“Segue reto e pisa, piloto! Parece uma lesma manca! Até minha vó dirige mais rápido que você!”

Escolheu um passageiro ao acaso, um homem de cerca de 30 anos.

“Seu cu é peludo? Sua bunda é branca? Eu vou comer seu cuzinho, grandão. Como você chama, mané? Eu gosto de falar o nome quando tô trepando. [pausa.] Comé o seu nome, viado?!”

“Dimas.”

“Ô Dimas, você é dimaisss! Ô Diminha, baixa a calça e olha pra lá porque você é feio pa caraio, meurmão. Não tem uma bandeira do Brasil aí não, Pivete?”

O Pivete parecia que estava descascando cebola, pois chorava de rir.

“Chupa e assopra porque esse dente de égua vai acabar machucando o cogumelo do meu pau. E ele é sensível, viu, querida. Agora vem cá, putona! Chupa com gosto, viu. Se morder te dou uns pipoco.”

O Chefinho falou pro sujeito ajoelhar e chupar sua piroca.

Ajoelhou tem que rezar. Paralisado, em estado catatônico, não tinha boca pra nada o coitado. Sua alma subiu. Acompanhava o discurso sarrista do Chefinho, humilhado e ofendido, batendo na altura da cintura do delinquente exibicionista, mas que até então não tinha sacado pra fora seu

brinquedinho.

“Ei, você aí! Isso, você mesmo, piranha. Filma a bagaça aí, ô baranga! Filma e joga no YouTube! Filma eu, Galvão! Istrupa, mais num mata. Quem falava assim, Pivete?”

O Tico brigou com o Teco e a cuca fundiu.

“Maluf”, alguém soprou.

“Eu não falei com você, sua bicha! Você chama Pivete por acauso?!”

De repente o ônibus começou a sacudir, a chacoalhar pra cá e pra lá, o que fez com que o Chefinho mudasse de idéia.

“Pensando bem, eu vou é comer seu cu, ô coisa feia.”

Mantinha a arma apontada pra cabeça do passageiro. O ônibus descontrolado subiu com a roda dianteira na calçada. O cobrador fez menção de sair da catraca, mas foi interpelado pelo Pivete.

“O motorista tá passando mal, o cara é cardíaco, tá ligado?!”

O motorista com a cara no volante, o ônibus no piloto automático.

Pivete autorizou o cobrador a substituir o motorista. Mas o ônibus já se encontrava desgovernado, rua de paralelepípedos abaixo, sem rumo, seguindo direto pro inferno. Então o cobra tacou o pé no freio e o Pivete foi arremessado deixando a arma cair no chão. Um dos passageiros, um senhor de 73 anos, pegou a arma e dispensou na lixeira.

O Chefinho bateu com a cabeça no balaústre, lesionando a testa e ocasionando um pequeno corte, mas que foi o suficiente para cegá-lo com o sangue escorrido.

Se aproveitando da situação, o jovem ajoelhado levantou num salto e acertou um soco em cheio na boca do estômago do Chefinho, tomndo a arma de sua mão. O sangue subiu e as veias do pescoço até a cabeça pareciam que iam estourar, pois seu cérebro inchou. Enfim, enfiou o cano da arma na boca do trombadinha e sapecou o dedo no gatilho uma duas três vezes sem dó. Seu cérebro explodiu

de tanta raiva: a arma era de brinquedo.

Pivete ninja saltou da janela, parecia que nunca tinha feito outra coisa na vida, um profissional, e saiu em desabalada carreira, catando cavaco e largando seu parceiro do crime.

“Que cuzão!”

“Agora já era, seu comedor de macho!”

“Lincha! Lincha! Lincha ele!”, gritou uma mulher lá do fundo.

Eu não conseguia raciocinar. Eu podia ter fingido, ter segurado o celular sem acionar o rec. Mas não. O pânico tomou conta de mim de tal forma, que obedeci feito um cachorrinho: filmei a humilhação do rapaz, após a limpa do caixa e de alguns passageiros, e o motorista infartado. Por causa da freada brusca, perdi o celular, que caiu da minha mão, mas logo o recuperrei e continuei filmando: o revide do rapaz, a fuga do menor pela janela e, por fim, o linchamento.

Acontece que, depois disso, a curiosidade mórbida despertada por filmar a desgraça alheia se tornou uma constante para mim. Não posto no YouTube ou nas redes sociais como o assaltante disse pra eu fazer, mas virou uma espécie de fetiche. Na hora, sinto um misto de excitação e prazer e depois repulsa. Tremo todo, fico todo ouriçado. Por isso fiquei viciado em fazer esses vídeos e assisti-los a exaustão, em casa, sozinho. Não tenho idéia da quantidade de vídeos que produzi; repletos de acidentes de trânsito com vítimas fatais, suicídios, trocas de tiros entre bandidos e policiais, tumultos em manifestações, velórios e enterros, animais atropelados, matadouros clandestinos [parece Faces da Morte] e também bêbados e mendigos, travestis e prostitutas, troladas em geral.

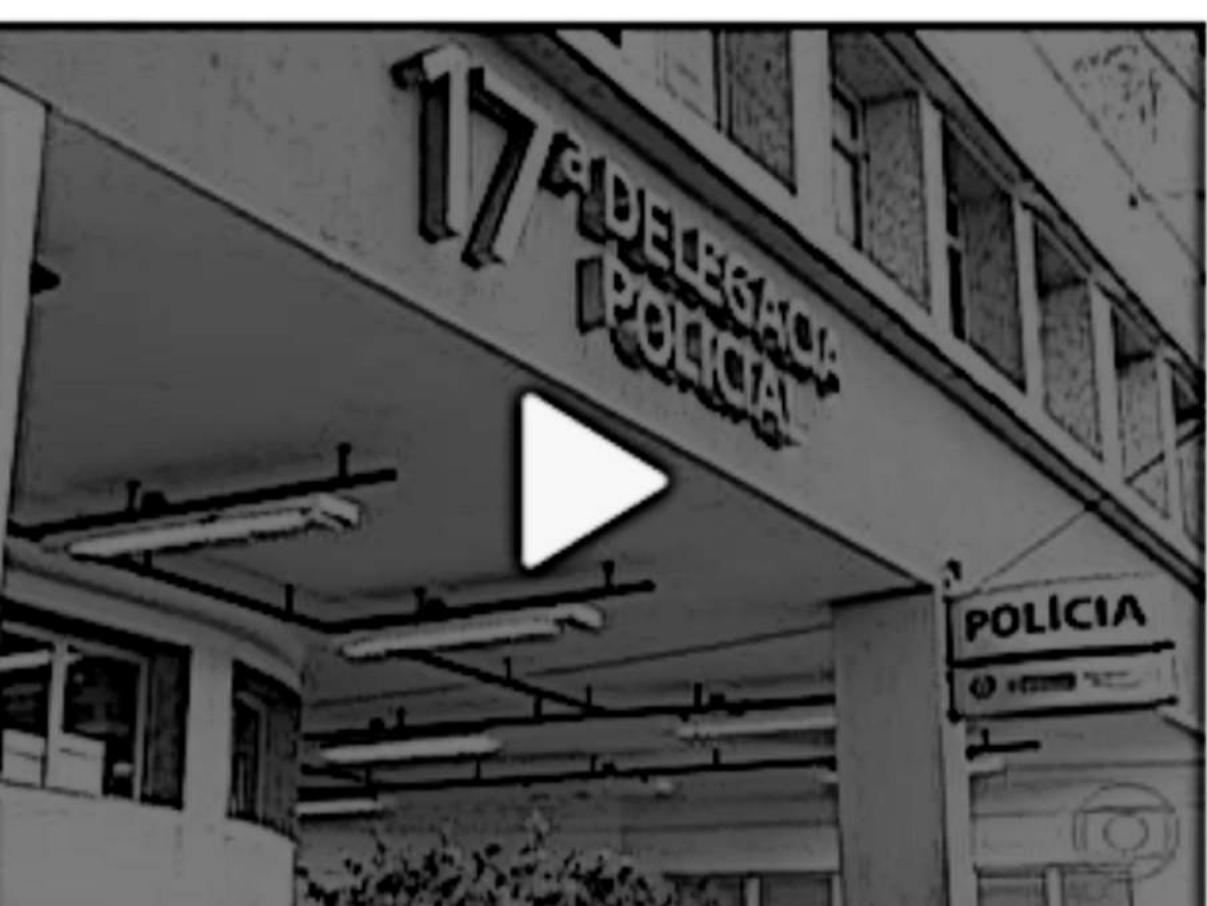
Eu não consigo evitar, é mais forte do que eu. Se eu estiver no lugar certo e na hora certa, não tem jeito: saco meu celular e filmo. Depois descarrego tudo no micro e assisto centenas de vezes todos os dias, altas horas da noite, madrugada adentro, até gozar.

04/05/2013 16h24 - Atualizado em 04/05/2013 20h31

# Criminoso assalta ônibus e passageira no Rio

Policia pediu imagens do ônibus para tentar identificar o suspeito. Crime aconteceu em veículo da linha 369, na altura de

Do G1 Rio



Passageiros  
(Bangu-Carioca)  
pânico durante  
Avenida Brasil  
Favela do M  
Subúrbio do R  
percurso de  
acordo com  
assalto, o cri  
estuprou um  
30 anos, que

# Amnésia

---

Alessandra Barcelar

“ Não, não há exagero nisso, e não recorrerei à filosofia nem à psicologia para corroborar o que estou dizendo. Não há exagero nisso. De acordo com o mito judaico da criação, havia no mundo menos pessoas que os dedos das minhas mãos, e um deles era homicida.” . ( Francisco de Moraes Mendes, no conto A Confraria)

**Q**uando Antônio acordou, atravessado na cama de um hotel barato e ainda vestido com as roupas do trabalho, já passava do meio-dia. lembrar... lembrar os períodos vencidos em branco de manhãs e tardes inteiras o perturbava por demais. outra noite, estava vestindo um pijama, que não recordava ter comprado. quando adolescente, descobriu lapsos de tempo que o impossibilitavam de explicar pra si mesmo por onde andara. não contou a ninguém, temia ser taxado de maluco.

tais episódios arrefeceram-se com a entrada na vida adulta, o primeiro emprego, o casamento, o filho... porém, nos últimos dois anos eles voltaram e, dessa vez, com mais frequência.

"são as contas, o medo do desemprego, os compromissos, filho, só pode ser isso" - tergiversava.

perdera a manhã de trabalho e realmente não se lembrava de como aqueles arranhões foram parar em seu braço direito.

lembra que havia saído para almoçar em casa, mesa posta, o menino testando sua paciência, Gorette, sua esposa, gritando com a boca cheia, a mulher o fazendo lembrar que isso era culpa dele.

"se fosse um pai presente" - terminou vociferando. a caixa de contas pendurada ao lado da geladeira saturada de contas... "você não é homem, não tem autoridade" - continuou.

depois a lacuna... prontificou-se a pagar a espelunca onde passara a noite e resolveu voltar caminhando para casa. talvez conseguisse se lembrar de como e o porquê fora parar naquela pociça.

ao dobrar a esquina, o movimento o colocou em estado de alerta, a rua estava interditada, luzes de polícia, ambulância e tv.

com o coração disparado, apertou o passo. Gorette e Gabriel, os dois no pensamento... orou para que nada tivesse acontecido com eles e desviando-se dos curiosos, chegou ao motivo do alvoroco.

Gorette, estrangulada, com os olhos semicerrados e a boca aberta, como se se quisesse contar algo. Gabriel, com um corte profundo na garganta e uma mão decepada, um anjo adormecido após um choque hipovolêmico.

o que aconteceu? quem teria sido capaz de algo tão brutal? como poderei viver sem minha família? o que será de mim? - confabulava Antônio, aturdido.

perguntas, perguntas... e só conseguiu ouvir uma única resposta antes de Joca lhe desferir um golpe de enxada.

- assassino!

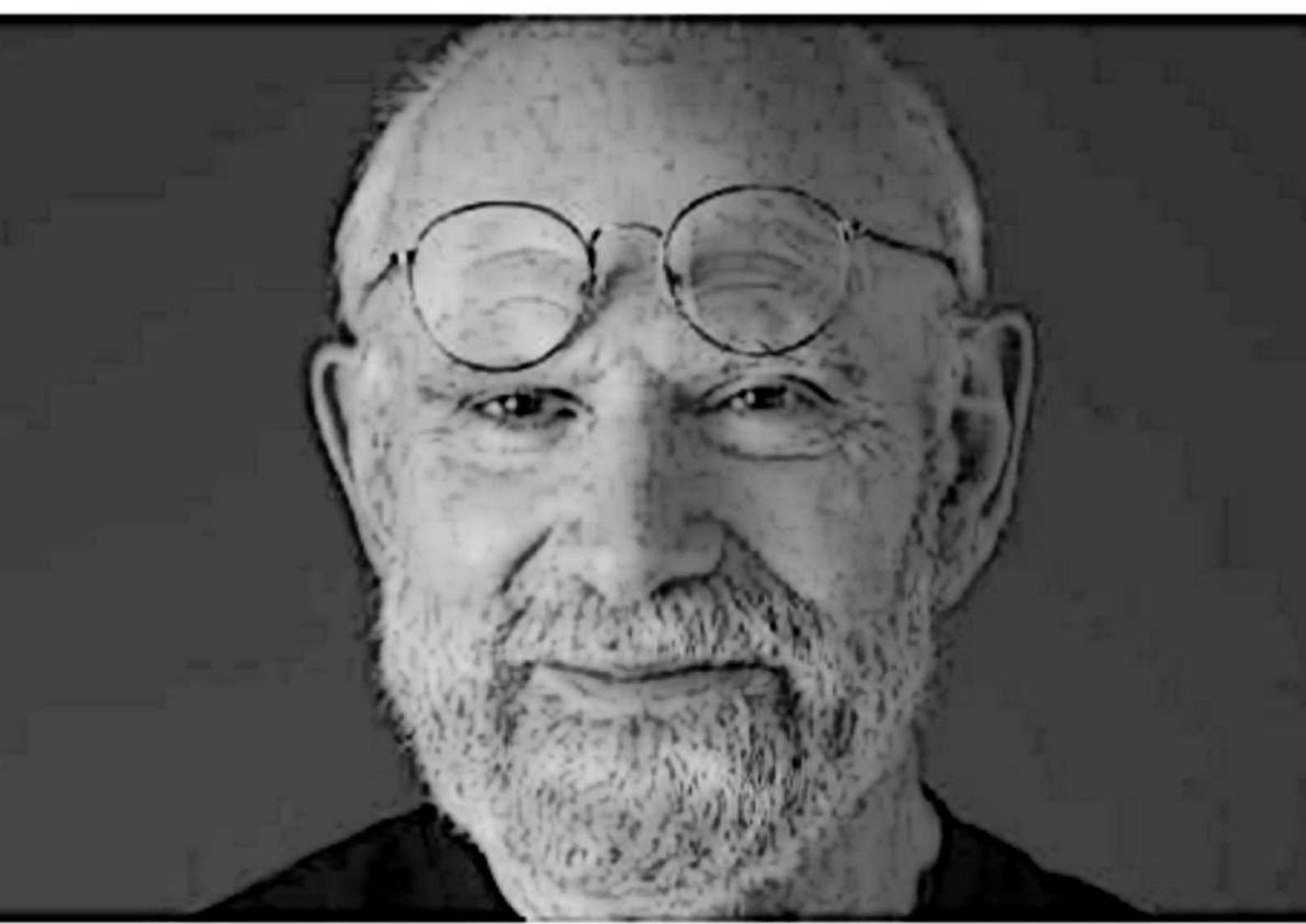
# 5 casos mais fascinantes des

2015 09:09 -03 | Atualizado 26/01/2017 22:34 -02



One Aguiar

Editora de Mídias Sociais do HuffPost Brasil



AO

Contrário de outros nomes famosos da divulgação científica, como Sagan, Oliver Sacks não foi um pesquisador genial. Não exis

Aline Monteiro

Fere a alma  
A tesoura estéril  
Pica sonhos em pó

Nunca vi tesoura  
Que triturasse gente  
Nunca vi tesoura  
Que triturasse gente  
Nunca vi tesoura  
Que triturasse gente

Estalos metálicos  
palpitam  
Fora das telas

Nunca vi tesoura  
Que triturasse gente  
Nunca vi tesoura  
Que triturasse gente  
Nunca vi tesoura  
Que triturasse gente

A mão  
Que amola  
A lâmina  
É tão

Humana

Quanto a mãẽ

Que alimenta

Pesadelo nas

Panelas

Nunca vi tesoura

Que triturasse gente

Nunca vi tesoura

Que triturasse gente

Nunca vi tesoura

Que triturasse gente

Lançada à sorte

Dos cortes

E das mordaças.

# **PEC 241 (ou 55) e como ela públicos e contornar a crise econômica, propos**



# Quando se Transpõe a Ilusão da Grandeza

---

Caroline Fortunato

**D**ivina nasceu em uma família pobre, de dez irmãos vivos, na zona rural, em uma época um pouco mais estratificada, onde a classe C ainda não era tão presente.

Embora os tapas da forte desigualdade social que afetava sua família, a mulher até hoje sente uma saudade feroz de sua infância, que fora para si a melhor fase; a mais riquíssima – em todos os aspectos viscerais.

Aos treze anos, todavia, parte para a cidade de São Paulo, sob orientação de uma de suas irmãs mais velhas, trabalhar de babá e empregada doméstica em uma família de intelectuais, onde o homem, por exemplo, era escritor e trabalhava em um canal de TV cultural.

Embora fosse uma família rica, eles costumavam contratar garotas de fazenda – que não tinham nenhuma experiência como babá – a fim de aplicarem mão de obra barata, ou seja, a fim de pagar pouquinho a elas.

Divina sente-se, ao chegar a São Paulo, como Macabéa chegando ao Rio de Janeiro. E vai morar na casa dos patrões, no famoso “quartinho dos fundos.”

A questão da segregação entre patrão e empregado era muito forte: além de não poder estar nunca sem uniforme, a senhora da residência, ao oferecer suco a Divina, por exemplo, sempre lhe dava um copo de plástico, diferente do seu, de vidro (quando não importado). E, ao perguntar àquela se ela gostaria de assistir televisão na sala, pegava-lhe então uma cadeira, pois não poderia se sentar no sofá.

Essa senhora, entretanto, em dada altura de sua vida fica doente, afetada por problemas psicológicos. Enfermeiras eram contratadas para cuidarem dela, porém lhe maltratavam: batiam-lhe, gritavam com ela... Divina, ainda hoje, ao se lembrar daqueles tempos, sente com veemência todo o sabor amargo da pena com a qual era preenchida ao presenciar tais maus tratos.

E, nessas condições, a senhora passa a ir ao quarto de Divina, a dormir junto dela, buscando por abraços ou qualquer réstia de carinho. E tudo isso lá mesmo, no quartinho dos fundos.

BRASIL

# O que muda com a regulamentação da PEC das Domésticas

PEC entrou em vigor em 2013, mas alguns temas permanecem pendentes. Novas regras trazem gastos para os empregadores. Veja

Por **Mariana Desidério**

02 jun 2015, 11h16



# Cruzamento

---

Claudio Comendini

**P**ietra não se deu conta do Onix em alta velocidade que virava a esquina. Não associou o cantar de pneus a um perigo iminente. O cruzamento da Toledo com a Genoveva Freire era sempre barulhento mesmo. O vendedor de acessórios para celular, parado a poucos metros dali, sentiu apenas a maçã a baquear-lhe a cabeça.

Atrasado para a prova do vestibular, Diego dirigia em ziguezague, desviando de carros e ônibus, invadindo vez ou outra as ciclovias. Ele queria fazer Cinema, mas, por insistência do tio Valfrido – renomado advogado criminalista – inclinara-se ao Direito. Os amigos lhe prepararam uma festa na noite anterior. Tinham certeza que passaria na prova. “Futuro Dr. Diego Colassanti. Advogado, sim senhor!” - bradavam aos quatro ventos enquanto o abraçavam e degustavam cervejas importadas e aperitivos finos. Da cerveja para o uísque e dali para uma cheirada sem compromisso foi um pulo. Os olhos agora tremiam ao mirar as mãos ao volante. A vista lhe embaçava o entendimento, a noção de distância e dimensão. A mulher apressada, vinda da consulta médica, apenas sentiu ter pisado em algo mole. Tratava-se de uma banana.

O motorista do ônibus, linha duzentos e dezessete, não queria mais ouvir reclamações do fiscal. Chegara atrasado ao seu ponto de destino por duas vezes naquela semana e já era o bastante. Dias antes, o veículo velho havia sido reprovado na avaliação técnica da Companhia de Transportes do Município, mas ainda rodava por conta de uma propina dada ao fiscal da prefeitura. Punido fosse, o motorista ficaria uns dias de licença, “no prego” como eles falavam internamente, entre os colegas. Com isso perderia direito de participar da caixinha de natal e não poderia dar o carrinho de setenta reais para o filho.

O pequeno Felipe Júnior, único herdeiro do casal Adriana e Felipe César, já ganhara o seu. Voltava pra casa radiante, com o boneco de brinquedo. O pai lhe dissera que era o seu presente de natal, mas Felipe sabia que ganharia mais alguma coisa, esta sim, presente de Papai Noel. Sempre, todo ano, ganhava dois presentes. Por um instante desviaria a atenção do boneco, herói de seriado japonês em miniatura; roupa de plástico pintado em vermelho, exoesqueleto prateado. Já vinha olhando para baixo, sendo seguro na mão direita pela mão de Adriana, a outra, agarrando o boneco com entusiasmo. Agora pendia atenção à faixa de pedestres. Asfalto preto, listras brancas. A alternância monocromática sendo invadida por uvas e tangerinas.

O pé direito de Diego pareceu que colara ao acelerador. Não fazia ideia, mas, quando precisasse, talvez não conseguisse achar o freio. Menos de dez minutos tinha pra chegar à faculdade, atravessar o campus, apresentar o cartão de identificação e por à prova os anos de estudo, as noites em claro com a companhia silenciosa dos livros, comprimidos e xícaras de café. Agora não achava mais os

pedais certos. Faltava-lhe a coordenação. Nervosismo, cobrança dos pais e do tio, faculdade longe, cerveja, uísque, cocaína. Por último, o semáforo fechando e a certeza de que daria tempo de cruzar a Toledo.

O ônibus na direção contrária, o sinal aberto e a curva para esquerda abortada no meio do cruzamento. Pietra apenas estava feliz com as frutas que comprara. Todas fresquinhas e saudáveis. Ia fazer a vitamina para a mãe idosa. Também tivera o prazer de lhe comprar morangos. Nunca a mãe comera morangos. Os morangos ninguém viu aonde foram parar. A freada lhe invadiu os ouvidos. Veio numa fração de segundos antes do estampido e do baque da batida.

Enquanto o vendedor de acessórios para celular coçava a cabeça atordoado com a pancada da maçã. Adriana, assustada, segurava a mão do filho. O pai, Felipe César, à frente da mulher e do pequeno Felipe Júnior, postado feito escudo: “Vocês estão bem? Estão bem?” – perguntava insistente apesar dos sinais de aprovação da esposa e do filho.

O motorista do ônibus desceu correndo para ver se o Onix lhe acertara a lataria. Atraso seria ruim, batida muito pior. A mulher, antes apressada, parou na calçada. Acabara de se dar conta que o sapato caro agora estava com o salto sujo por conta de uma banana amassada que viera não sabia de onde.

Diego foi recobrando a consciência aos poucos. A vista embaçada pelo torpor agora se agregara à vertigem pela batida da cabeça ao volante e ao sangue jorrando do supercílio direito. Confuso, não sabia se era efeito da tontura ou o para-brisa estava mesmo todo trincado. Desceu do carro enquanto as pessoas, curiosas, iam tomando-lhe o redor. E o barulho, esse sim, o barulho era um pesadelo à parte. Vozes e mais vozes se acumulando, de gente que não parava de chegar cada vez mais perto. Mas a primeira coisa que entendeu ali, a primeira frase ouvida a fazer conexão em seu cérebro ele carregaria para o resto da vida. Foi o dono da quitanda de onde Pietra acabara de sair, Himeneu, que gritava a plenos pulmões:

—Meu Deus! Mataram a cega! Mataram a cega!

# Deficiente visual morre atropelado na zona sul de São José dos Campos

Além da vítima fatal, irmã da vítima também foi atropelada; estavam entre as vítimas duas mulheres com deficiência visual. As duas vítimas foram atingidas por um veículo enquanto atravessavam a Avenida das Nações Unidas, no bairro da Vila São José, na zona sul da cidade.

Por G1 Vale do Paraíba e Região



FACEBOOK



Uma mulher morreu e outra ficou ferida após serem atropeladas na noite desta quinta-feira (11) na Avenida das Nações Unidas, no bairro da Vila São José, na zona sul de São José dos Campos. As vítimas eram irmãs e uma delas era deficiente visual.

# Jornal de Ontem

---

Norma de Souza Lopes

jornal de ontem  
o edifício joelma incendeia-se  
um shopping desaba sobre inúmeras pessoas  
e uma criança  
um homem salta nu do décimo primeiro andar  
na rua Timbiras  
um tsunami é mau ou bom?  
a abertura da Copa mais feia da história  
mais de vinte poetas morrem  
em dois mil e dezessete  
(ops, isto ainda não é notícia)

## Desafio Dos Católicos Lituânicos

Moscou, 1o. — Desafio de um temível policial secreto russo, um grupo de católicos e nacionalistas lituanos invadiu o escritório da sede e outras agências da direção clandestina "Crônica da Igreja Católica Lituânia". A publicação, que passou a ser editada há pouco mais de um ano, é considerada por seus seguidores, em consequência de perseguição lançada pelos agentes secretos, está novamente circulando na Lituânia e um jornalista estrangeiro foi convidado para escrever sobre os resultados. A revista anuncia que há uma crescente unidade entre os ativistas nacionalistas e religiosos naquele estado báltico. Ambos os grupos concordam em aumentar suas atividades e denunciar todos os seus problemas. O documento diz ainda que há dezenas de numerosos casos de repressão e violação dos direitos civis.

## Código de Justiça no Comércio

Mexico, 1o. — O presidente Luis Echeverria iniciou hoje, uma viagem por quatro nações da Europa, em busca de apoio para suas iniciativas de criar um código de justiça no comércio internacional. Com uma comitiva de 47 pessoas, que inclui estudantes, líderes de oposição, empresários, intelectuais, além de sua esposa e três filhos, Echeverria deve se reunir com representantes das empresas que pretendem provocar apreensão no país durante sua ausência.

O ponto culminante da viagem de Echeverria será uma audiência com o papa Paulo VI, a primeira de um chefe de Estado mexicano com um Sumo Pontífice — uma vez que, há quase 150 anos, Igreja e Estado se mantiveram separados e só começaram, no México, diferentes políticas nos séculos e religiosos.

## Françaises Desertaram do Navio

Hamburgo, 1o. — Sete passageiros franceses que realizavam um cruzeiro turístico no navio "Stena Batory" recusaram-se a retornar ao barco, durante sua escala em Hamburgo. O navio ocorreu segunda-feira, dia 27.

O Governo de Bonn anunciou que não concederá asilo político aos desertores, mas permitirá que os permaneçam no país.

Segundo se sabe, a deserção ocorreu depois de um movimento semelhante, feito durante a escala do "Stena Batory" no Darmstadt, dia 27, pelas 17 pessoas que foram para o continente.

## Jornais Com Novos Preços em São Paulo

São Paulo, 2 — Dezenas de jornais de São Paulo passaram a custar Cr\$1,20 nos dias normais e Cr\$2,00 nos domingos. Esse é o resultado da ação conjunta do "Estado de S. Paulo" e a "Folha de S. Paulo". Os demais jornais estão sendo vendidos a Cr\$1,00.

# O POVO

ANO XLVII — Fortaleza, Ceará, Brasil — Sábado, 2 de fevereiro de 1974 — No. 14.244 — 20 páginas — Cr\$ 1,00

# O Maior Incêndio da História de São Paulo QUASE 200 MORTOS

O edifício Joelma, situado na avenida 9 de Julho, na capital paulista, foi destruído pelo maior incêndio da história de São Paulo, matando quase 200 pessoas e causando mais de 500 feridos, alguns dos quais em estado gravíssimo. Os 200 bombeiros, com auxílio de helicópteros, tentaram retirar do alto do prédio várias pessoas que estavam no seu trabalho, mas muitas delas morreram carbonizadas no local.

O incêndio começou com um curto-circuito no sistema de ar refrigerado do edifício, propagando-se rapidamente por todos os andares. Nos sete primeiros andares funcionavam garagens para veículos e cerca de 50 automóveis foram

totalmente destruídos. Os 18 andares restantes eram ocupados pela Cretilsul, e ficaram totalmente destruídos, mas estavam seguros em valor de Cr\$35 bilhões.

Nos hospitais de São Paulo o trabalho era intenso, com todos os médicos e doadores de sangue sendo requisitados às pressas. No IML, onde 173 corpos já se encontravam recolhidos até às primeiras horas da noite de ontem, a situação era dolorosa, com dezenas de pessoas procurando identificar entre os mortos seus parentes e amigos. Apenas oito foram identificados até o momento (no 1o. caderno, página 5).

Artesanato, Um Problema Que Reclama Tudo

Julgamos que ainda não se olhou em profundidade para o problema do artesanato, especialmente no que tange aos aspectos vinculados à comercialização. Nesse processo de comercialização onde é que está o artesão? Será que ele ainda vive no buraco em que sempre viveu? Quem é que está ganhando dinheiro com os produtos de seu trabalho? Estas são questões que precisam ser examinadas, a fim de que não se gera uma atmosfera artificial que, entre outras consequências, poderá ter a de estreitar cada vez mais o mercado para o artesão. Já se falou em criar uma Cooperativa de Comercialização e dinamizar as fontes de produção que existem no Estado. Isto poderá ser o caminho para eliminar certas distorções que alguns não querem ver mas que outros sentem na própria pele (Do Edi., pag. 31)



Muitos não conseguiram controlar os nervos ante a proximidade das chamas e jogaram-se de encontro ao solo, tendo morte imediata.

# OPERÁRIO MORRE ASFIXIADO

Um homem foi encontrado morto ontem à noite num canteiro de obras da canalização d'água da Avenida O príncipe Neri. Ele estava sentado e acionava o fechamento da valvula determinado a remoção do corpo para o Instituto Médico Mário. Segundo os primeiros exames, ficouclaro que o operário foi vítima de asfixia.

De acordo com informações obtidas pela reportagem do O Povo, o morto trabalhava para a firma Iaconacci e, no momento em que percebeu que caiu dentro do entulho de concreto um defunto, juntou-se a sua família para voltar, momento em que o operário caiu de novo, sofrendo asfixia. O corpo foi removido para o Instituto Médico Mário. Segundo o colorador preto, o que levou a pessoa a concretar a versão referida. A Delegacia do Juiz.

Diretoria Policial que se encontrava de plantão registrou o fato.

## A VITIMA

O morto foi identificado como sendo o operário Ramundo Nomoto dos Santos. Era casado e residia no bairro de Mandaqui. Há dez anos trabalhava para a firma Iaconacci. Um dos diretores daquela firma, ouvido pela reportagem, negou-se a dar maiores informações sobre o caso e limitou-se a informar que não apenas satisfazia a prestar à Polícia. Tanto assim que, a Delegacia do Juiz, o Poder Judiciário, comunicou que o morto deverá comparecer a fim de tratar da identificação que o caso requer.

## Descoberta Galeria Sob o Prédio da Santa Casa

Uma galeria de dois metros de altura, em plena ruas, que serve para distrair o som ambiente de uma fábrica que se localiza entre as Ruas Major Facundo e São Paulo, acaba de ser descoberta sob o prédio da Santa Casa de Misericórdia, sendo ponto principal de observação o topo do elevador daquela hospital.

Sobre o assunto, o administrador Ramundo Grilo, das ondas rádio encantadas sobre a história de Fort

ínia, nem sequer soube dizer o quanto de tempo o engenheiro levou.

Engenheiro, é, o engenheiro Luciano Pimpó, que vai presidir comissão especial para verificar o real extendo da descoberta. Ele, aliás, já tomou conhecimento de sua existência quando construiu a avenida de Santa Casa (No 1o. caderno, página 1).

## MENSAGEM DE PERON A NIXON

Washington, 2 — O presidente Juan Domingo Peron, da Argentina, enviou "mensagem especial" a seu colega norte-americano, Richard Nixon, na qual apresenta seus pontos de vista sobre as formas de garantir a cooperação continental. O embaixador argentino Alejandro Oría entregou pessoalmente a mensagem a Nixon, durante uma conferência celebrada na Sala Azul da Casa Branca.

Essa foi a primeira audiência concedida pelo presidente Nixon a diplomata em cerca de 90 dias. Oría aproveitou a oportunidade para entregar-lhe suas credenciais. Nixon recebeu o funcionário argentino com um aperto de mão e ambos conversaram durante cinco minutos sob a luz dos refletores das emissoras de televisão.

## SANTA CRUZ, COM RAMON, CARTAZ DE HOJE, AMANHÃ TEM CORINTIANS DE RIVELINO

Solidária com sua equipe, notadamente depois de ver com que entusiasmo ela se apresentou em São Paulo, a torcida do Fortaleza estará presente, esta noite, ao Castelão para ver o encontro entre o campeão cearense e o Santa Cruz, pentacampeão pernambucano.

No presente Campeonato Nacional, os clubes pernambucanos não conseguiram um só resultado positivo frente ao cearense, quer jogando aqui, quer no Recife. Sóra é a chance da Santa Cruz encerrar essa enfadonha rotina para o torcedor maracanense. Mas o Fortaleza luta por conseguir sua primeira vitória nas semifinais e acha que a hora e a vez é esta.

Ramon, artilheiro do Nacional, é o grande nome do time pernambucano, que faz ainda, como atuação, o técnico

primeira vez, enfrentar seu ex-club, agora sob a orientação técnica de Mozart Gomes Filho. O duelo entre os dois treinadores constitui outra grandemente motivadora do embate.

Para amanhã, os torcedores cearenses terão mais uma oportunidade de ver em ação alguns dos mais famosos craques do futebol brasileiro, integrantes do elenco do Corintians, de São Paulo, que enfrenta o Ceará Sporting, o qual anseia por uma ampla reabilitação de seus últimos inúmeros.

Rivelino e Zé Mariano são as estrelas de maior realce da constelação corintiana, que tem outra figura notável, o seu famoso treinador Yustrich, que estará com os dias contados face à desclassificação do clube monstros para as finais do Nacional. Consta mesmo que se o Corintians passar, o treinador



330 mm de Chuvas em Janeiro

O inverno de 1974 prenunciou-se mais rigoroso que o de 1973, levando-se em conta o período de 330 milímetros registrada em janeiro último. Para a Meteorologia da FAB, o período de chuvas deste ano começou a 15 de janeiro com o pluviômetro marcando 20,8 milímetros. Mais, o dia em que choveu mais foi a 24 daquele mês, quando caiu a maior precipitação, num total de 63,3 milímetros.

Em 1973, a chuva registrada em janeiro somou 90,5 milímetros. Em fevereiro do ano passado o tempo mudou e o pluviômetro

# Assim

---

Michele Santos

Carminha da Boca da Mata  
esperou noventa e sete dias pela resposta  
[não veio. portanto, foi  
fez mala, arredou os meninos  
tomou a BR 116  
sem rumo

entre as correspondências boletos encomendas  
registradas sob o B.O. de número 9756  
naquele sete de abril:

[a letra trêmula,

*Meu dengo,*

*me espere na Jatiúca, mesmo lugar  
deu tudo certo  
vamo ser feliz  
entendo se não responder  
é que decidiu por bem  
manter seu casamento  
lhe respeito mutíssimo  
e só lhe quero seu bem*

*do seu, prasempre,*

*J.*

Às vezes viver  
é um grande [SIC]

# Homens rendem e assaltam carteiro

CARMINHA. Servidor é obrigado a entrar em veículo e, no Frei Damião, caí na queada

IBLICIDADE

The advertisement features the Amazon Prime Video logo at the top. Below it is a thumbnail for the movie 'Sneaky Pete', showing a man in a suit. To the left of the thumbnail is another smaller image of a man's face. At the bottom, there is a large call-to-action button with the text 'Comece Seu Teste Gratuito' and a 'ASSISTA AGORA' button. A small note at the bottom states: 'Pode haver restrições. Acesse primevideo.com para detalhes.'

Mais um veículo da E Correios e Telégrafos por bandidos, no final última quarta-feira, 5, de uma mercadoria no Carminha, situado no Benedito Bentes, parte. Além de abordar o tra criminosos fizeram o deixando-o na mira de fogo até chegar ao C Damião, onde aproxima

ixas com mercadorias que seriam entregues para a população pelos bandidos.

crime, conforme registro no relatório do Centro Integrado de C

# Sabedoria

---

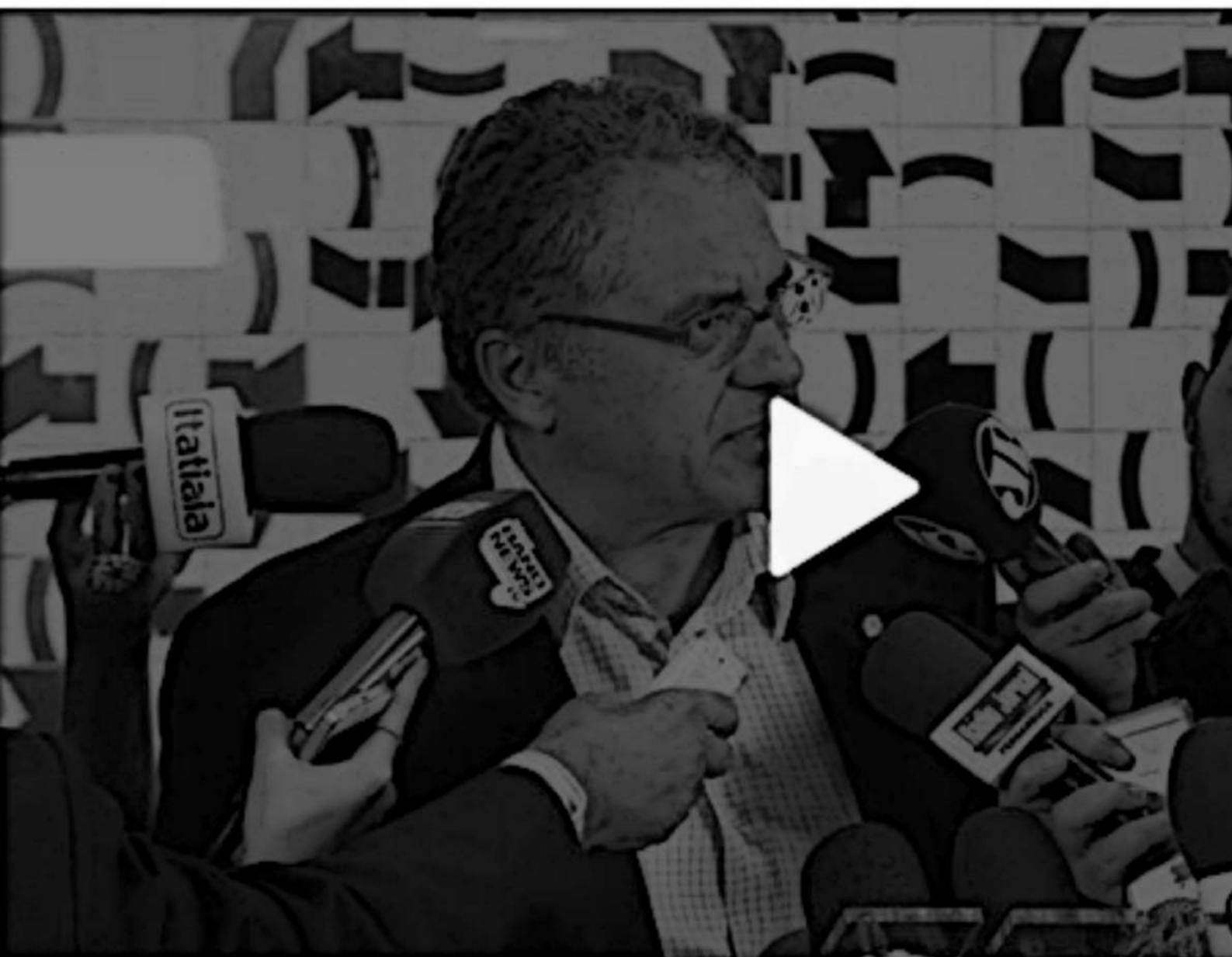
Manuel Veronez

– É justamente isso! Quando eu te disse que a intransitividade universal dos objetos aspirais circulam infinitamente em um tempo escasso e finito, era isso, exatamente isso que eu pensava, analisava e deixei de lado na semana seguinte. Mas surge outra questão ainda mais polêmica e complexa e creio que de mais valor e importâncias para nós: onde iremos guardar o nosso dinheiro não-transviado do governo não-federal de um país não-problemático? Essas indagações são importantes e requer um pensamento analítico, crítico e um pouco leviano. Tenho certeza que debaixo do colchão da minha cama e no meu guarda roupa não são bons lugares para se guardar as verdinhas, há neles muitos cupins. Às vezes acordo com eles em cima de mim e penso: “será que me pareço com uma madeira, ou tenho gosto de uma?”. Na tua casa é impossível, sua família nunca entenderia, muito menos a família de tua mulher, aqueles judeus que roubam de forma legal, eles até possuem proteção da lei! Talvez, se anistiássemos o caixa dois? Daí, seria daqui pra Pasárgada!! Surrealmente sussa! Mas de imediato, temos que doar um pouco para as casas de amparo, fizemos aquela promessa, se lembra? Maldita hora em que bebemos antes de adquirir o cascalho transviado e embriagados prometemos a santíssima que daríamos a ela também, pois afinal, ela estava conosco na hora, como em todos os lugares que vamos... Tirando isso, acho que vamos nos dar bem, estou pensando em comprar uma casa na praia, uma esposa, um cachorro, alguns imóveis e até uma amante. Ah! Irei criar também alguns cargos de importância e confiança em nossa empresa e tentar um investimento na bolsa Norte Americana, porque a nossa só fica em queda. Contratarei também algumas secretárias mais apresentáveis, mais firmes do que essas nossas pelancudas milenares que esqueceram o caminho para a morte. Comprearei meu modesto e pequeno avião que sempre sonhei em ter, desde menino, quando tinha meus três anos de idade. Aparentemente, está tudo sob controle, não somos suspeitos e nem seremos, somos brancos, e aqueles amigos nossos policiais, principalmente o Coronel Fortunato Divino, disseram que se depender deles e de sua polícia nós vamos dormir de pés espalhados, na maior paz e tranquilidade, tranquilidade essa encontrada nos justos, honestos e trabalhadores como a gente e o restante do pessoal da firma. Bom, é certo que temos que tirar o Modesto Justo de Almeida dessa lista, primeiramente por ser um comunista, ou socialista, sei lá, ele gosta de dividir tudo e sempre pensa em favor dos oprimidos, mas acho que é balela, um truque, um macete para continuar no emprego. Mas tenho certeza que acharemos um bom lugar, um lugar seguro, garantido, um mocozinho que nem mesmo Deus irá achar e muito menos suspeitará, e além do mais, como o sistema judicial brasileiro é lento e privilegia os poderosos, temos pelo menos uns 10 anos para pensar onde colocaremos o nosso abençoadinho dinheiro.

– É, eu sei...

# Investigados na Lava Jato vão discutir projeto para anistiar

Para Gilmar Mendes, caixa dois pode não ser configurado  
'Não basta confessar que fez e achar que está tudo bem',



# A Culpa é do Nome

---

Mt. Lannes

**O**s gritos de Everardo bradaram no exato instante em que soaram os sinos da Igreja da Imaculada  
Conceição: 18h

Everardo era um nordestino alto, forte e embora já tivesse beirando seus cinquenta anos, mantinha o porte físico de um campeão dos pesos pesados do boxe.

Era assustador ver aquele homem nervoso. Até porque, Everardo sempre se mostrou um homem tranquilo, amigo de todos; excelente pai e esposo para Lindalva, primeira e única mulher de sua vida.

Os sinos cessaram, mas, os gritos dele, não. Os vizinhos abriram suas portas e janelas para tentar descobrir o motivo de tamanha fúria, vinda de um homem tão calmo.

— Será que é por traição de Lindalva? Indagava a si mesma a vizinha solteirona, de meia idade, que adorava passar seu tempo, debruçada na janela, torcendo pela desgraça alheia, para amenizar o peso de suas próprias desgraças.

— Estazinha nunca me enganou, com aquela carinha pálida de santa de gesso mal pintada. E continuava cuspindo todo seu veneno contra o vento, a vizinha mal amada e amargurada.

Alguns paravam em frente à casa de Everardo e só faltavam armar uma tenda, espalhar bancos, distribuir pipocas entre si, para curtir aquele grandioso espetáculo, até então, inédito dentro daqueles cômodos de tijolos e concreto que nem mesmo os anfiteatros da Roma antiga conseguiram atrair com tamanha quantidade de espectadores.

Lindalva chorava. Apenas chorava incessantemente, como se seus olhos fossem a queda das cataratas do Niaga. Maria Imaculada Souza Santos, filha única do casal, permanecia em silêncio. Quando uma lágrima tentava cair de suas pálpebras, ela apertava forte seus olhos e com a pontinha do dedo mínimo, retirava a umidade de suas retinas.

— Quem foi o responsável? Quem foi o desgraçado que lhe roubou a pureza e ainda por cima lhe deixou buchuda?

No fundo, Everardo esperava ouvir de sua filha, que acabara de completar quinze anos festejados durante três dias seguidos com a presença de toda vizinhança e dos parentes que vieram em peso da Paraíba, qualquer coisa até que sofrera um ato violência, menos que sua filhinha, houvesse concedido que um qualquer lhe tirasse a virgindade.

Os vizinhos começaram a se dispersar. Não haveria sangue ali pelo visto. Saíram com ar decepcionado cada um para sua casa.

Os gritos e ameaças apenas cessaram às 22h30min, quando de tanto berrar, a voz de Everardo começou a falhar e sua garganta doer.

O cansaço abateu a todos. Durante toda noite, Everardo acordava com pesadelos terríveis, tendo a imagem da vagina de sua filha sendo penetrada por cobras venenosas de várias espécies que lhe possuíam e arrancavam de Maria imaculada suspiros e gemidos. Noutro pesadelo, viu sair do ventre de sua filha um bebê com a cara do Vicente, drogado do bairro, pessoa que ele odiava.

Amanheceu um novo dia sem que na verdade tivesse acabado o anterior.

— Bom dia! Disse, Lindalva. Ninguém lhe deu resposta.

Maria Imaculada, se arrumava para ir ao colégio e naquele momento, talvez, por ainda estar viva, de pé e sem nenhuma marca em seu corpo, ela se sentia mais tranquila e até arriscava assobiar uma canção enquanto penteava os fios longos e cacheados dos seus negros cabelos.

Aquele assobio, aquela calma, até meio debochada de Maria Imaculada foi fazendo o sangue de Everardo ferver, suas veias saltavam do pescoço, suas mãos tremiam descontroladamente e...

— Quenga! Vagabundaaaaaa!

Toda tranquilidade de Maria Imaculada se desfez diante a fúria do pai.

— Eu te dei nome de Santa e você se porta como uma puta. Puta! Puta! Puta!

Gritava furioso, de pé com suas mãos apoiadas sobre a mesa.

— Calma, Everardo, calma.

Implorava aos prantos sua esposa, fiel e amiga. Mas a fúria dele era incontrolável. Mostrava as mãos calejadas a poucos centímetros do rosto da filha e berrava.

— Olhe estas mãos! Olhe estas mãos! Eu me mato de trabalhar para te dar o melhor e olha o que você me fez.

Maria Imaculada permanecia em silêncio. Sua confiança havia se acabado novamente. Era estranho ver o pai que só lhe dera amor, até então, lhe chamando de tantos nomes feios, vulgares.

Nomes jamais pronunciados dentro daquela casa e nem ouvidos por ela, nem pelos lábios do pai, nem da mãe.

— A culpa é do nome! Gritou, Lindalva.

Ambos se calaram diante da afirmação de Lindalva e permaneceram em silêncio enquanto ela continuava sua explicação a respeito do nome.

— Veja lá o filho de Terezinha. Ela deu ao filho mais novo o nome de Jesus. Nenhum outro dos cinco filhos seguiram pelo caminho errado. Mas, Jesus, Jesus começou por se viciar em drogas, roubava tudo de casa para comprar aquelas porcarias, até que virou traficante e hoje é chefe do tráfico daquele morro com nome de bicho, lá na Zona Norte.

— Morro dos Macacos, interrompeu, Everardo.

— E a filha do João, padeiro lá da padaria do Sr Crispim? Como a mulher teve uma gravidez complicada, ele apelou a Santa Margarida, nem conheço essa santa. Mas ele pediu, pediu e a mulher pariu uma menina linda e saudável que ganhou o nome de Margarida em homenagem a Santa. Resultado: a menina começou a cortar os cabelos cada vez mais curtos, vivia entre os moleques jogando futebol, bola de gude, soltando pipa, até cair na porrada com os meninos ela caia e pior, vencia todas as brigas. Agora, vive lá na Zona Sul, com uma mulher de deixar qualquer homem maluco e que ainda dizem ser atriz famosa de televisão...

— Então você quer dizer que sua filha deu a boceta porque tem nome de santa? E que isso é uma espécie de maldição, de castigo dos santos por homenagearmos nossos filhos com seus nomes?

Ouvindo aquela conclusão do marido a respeito do nome dos santos e o efeito ruim que eles causavam na vida das pessoas, percebeu que o que acabara de dizer parecia ridículo, até mesmo um sacrilégio de sua parte.

Então, preferiu calar-se para não parecer ainda mais ridícula. Nesse momento, os olhos de Maria Imaculada demonstraram certo ar de decepção diante da falha da mãe ao tentar defendê-la. Agora sabia que não teria mais advogada, nem juiz, nem nada. Seria o pai contra ela e em seu íntimo já sabia ter perdido esta batalha.

Everardo respirou fundo... Olhou para o teto e sussurrou algumas palavras como se sua voz pudesse varar o concreto e alcançar a Deus. Mas a fama de melhor pedreiro da cidade havia sido comprovada naquele momento, pois Deus não lhe respondeu, não lhe deu solução alguma, permaneceu em silêncio como nas imagens, nas estátuas das igrejas. Everardo entendeu que Deus não se metia em negócios de família. Então, caminhou em direção de Maria, retirou o cinto e começou a surrá-la.

Batia com força, batia nela sem pena, embora seus olhos não parassem de transbordar.

— Vai contar quem fez isso? Anda sua vagabunda.

Maria Imaculada resistia, sabia que dizer a verdade ia machucá-lo mais que a omissão. Mas as cintadas não cessavam e cada vez mais a mão de Everardo pesava a cinta. Então, não suportando mais de tanta dor, soltou um nome que saiu gritado por entre seus lábios.

— Pedrinhoooo!

Pedrinho, Filho de Amaral e Janaína, família de bem, todos honestos e trabalhadores; e o menino também parecia seguir os mesmos passos dos pais.

Everardo parou de bater nela. Esperou sua respiração aliviar para poder dizer alguma coisa.

— Vamos agora até a casa dele.

— Não.

— Por que não?

— Miltinho...

— O quê?

— Também teve o Miltinho.

Miltinho era um menino que estudava com ela e que morava num bairro vizinho. Everardo não sabia muito sobre ele, apenas que os pais se sustentavam catando coisas no lixão e que o menino sempre estava lá, com eles.

Embora fossem extremamente pobres pareciam pessoas de bem. Mesmo descobrindo que sua filha havia deitado, não apenas com um, mas com dois rapazes, mesmo com o peito doído, ele se sentia mais aliviado, pois um dos dois teria que assumir o estrago que

fizera em sua família e se casar com sua filha.

— Então vamos à casa deste também.

— Bené.

— O quê? Não acredito, mais um.

— Sim pai, e antes que o senhor fale mais alguma coisa, teve também o Rodrigo.

Nesse momento, por mais forte que Everardo fosse, não resistiu e desmaiou...

Os quatro garotos se encontravam na sala da casa de Everardo. Deu trabalho reunir todos de uma só vez em sua casa. Teve que ordenar a sua filha que os enganassem, que inventasse qualquer história para levá-los até lá.

— Já sei que todos vocês namoraram com minha filha.

Muito embora eu esteja furioso com tudo isso, alguém aqui terá que assumir essa criança e casar com Maria Imaculada.

— Assumir? Indagou Bené.

— Sim. Maria está grávida e um de vocês é o pai.

— Opa! Opa! Tô fora, dessa.

Rodrigo com seu jeito malandrão foi logo se retirando, mas a mão imensa e pesada de Everardo o bloqueou, o que despertou o desespero do garoto de apenas quinze anos que começou a chorar.

— Eu não fiz nada, não fiz nada! Eu só toquei punheta e gozei na boca dela. Não joguei nada em buraco que pudesse engravidá-la.

— Eu também não.

Miltinho tratou de se pronunciar de imediato para tirar seu corpo fora, assim que percebeu do que se tratava aquela reunião.

— Eu nem na boca gozei. Joguei tudo nos peitinhos dela. Disse Miltinho.

Everardo estava sem entender nada. Esperava com aquele interrogatório descobrir uma data precisa em que ela se relacionou sexualmente com cada um deles, para assim saber qual dos moleques seria o pai de seu futuro neto.

— Não estou entendendo nada. Como vocês falam que não fizeram nada com minha filha, se ela estava namorando com vocês e agora está grávida?

Rodrigo com seu jeito folgado fora logo dizendo que nunca foi namorado dela e classificou o que tiveram como um lance.

Cada explicação vinda daqueles garotos fazia ferver de ódio o sangue de Everardo.

Lindalva num canto apenas chorava e perguntava a Deus o porquê de estar passando por aquilo

e mais uma vez a fama de melhor pedreiro da Baixada Fluminense era confirmava. Nenhuma oração ultrapassa aquela laje, que por mais de vinte anos nunca tivera nem uma goteira sequer.

Everardo, olhando para Maria Imaculada, confirmou que aqueles dois realmente não chegaram a penetrar sua filha.

Então mandou que os dois saíssem de sua casa. Bené ficou desesperado e começou a gritar...

— Nãoooo! Eles também estavam na orgia, somos todos pais então. Só porque sou preto vocês não vão jogar essa carga em mim sozinho, não. Estávamos os quatro juntos com sua filha e todos fizemos...

— Orgia? Quê? Não, não, não acred...

Everardo não aguentou saber que sua filha havia participado de uma orgia e seu coração acelerou, acelerou, e... Parou pra sempre...

Lindalva ajudava Maria Imaculada a arrumar seus netinhos. Bené e Pedrinho chegariam logo.

— Olha quem chegou!

Dizendo isto, Maria ergueu do berço o bebezinho mais moreninho, chamado Sebastião e entregara a Bené, que beijou o bebezinho cheio de carinho e o jogava pro alto arrancando-lhe gargalhadas.

Em seguida pegou do berço o pequeno Pedro Junior e entregou ao Pedrinho, que mais sério, apenas se sentou num canto e ficou a admirar seu filho...

— E todos batizados com nomes de Santos.

Sussurrou Lindalva para si mesma enquanto observava sua filha, com seus dois maridos e seus netos.

O Dia » Notícia » Mundo & Ciência » Mulher engravidada de dois homens

 Recomendar 277

 G+1

5

 Tweet

6/05/2015 00:13:48

# Mulher engravidada de dois homens

Teste de DNA comprova de gêmeos de uma só mãe  
Estados Unidos têm dois pais

» DIA

Nova Jersey (Estados Unidos) - Um teste de DNA para verificar a paternidade de uma mulher nos Estados Unidos teve um resultado surpreendente. A New Jersey descobriu que as crianças têm pais biológicos diferentes. O caso é relatado no 'New Jersey Law Journal' esta semana.

Dois óvulos da mulher foram fecundados separadamente, em duas reuniões, cada vez com um parceiro, num intervalo de uma semana. Os

# Natureza-Morta

---

Luiz Walter Furtado

Não há flores secas  
nem aves empalhadas

O surdo estampido da bomba  
tampouco foi passível  
de ser reproduzido

Ali, no pontilhado das cores  
em estilhaços,  
somente algum espaço  
entre vermelhos  
e a angustiante ausência  
de tons suaves

Apenas o abstrato da obra  
e a distância  
nos pouparam do horror  
dos corpos mutilados.

GUERRA DA SÍRIA ›

# Seis anos do conflito na Síria baixa intensidade

O conflito sírio segue sem indícios de que a espiral



JUAN CARLOS SANZ 

13 ABR 2017 - 08:27 BRT



# Accidental

---

Jaflety Pedro

Esse liquido seu moço, é sangue,  
É sangue de preto,  
Sangue vermelho que escorre por esgoto.

Essa rua seu moço,  
É rua de pobre,  
Onde o povo anda  
Com a corda no pescoço.

Aquela mulher seu moço,  
É a mãe do moço caindo no chão.  
E aquele choro, seu moço,  
É de cortar o coração.

Dizem que foi tiro accidental.  
Uns dizem que era estudante  
Outros que era ladrão.  
Agora é estatística e estatística seu moço,  
É numero, não é nome não.

É sangue, é preto, é pobre.  
  
E pensando cá comigo seu moço:  
Nunca ouvi dizer em tiro accidental em bairro nobre.

7/12/2015 às 12h40 (Atualizado em 7/12/2015 às 13h09)

# Rio: 8 em cada 10 jovens mortos por policiais são negros, diz Anistia

Segundo relatório de ONG, 75% das vítimas de homicídio no Rio são negras

 FACEBOOK

 TWITTER

 GOOGLE +

 PÁGI  
A

o R7



Advertisement

# Memória Inventada

---

Jackeline Valentim

Estendido os pés na avenida dos coqueiros  
Vendo a chuva rodear os ventos  
Rodear as curvas da cidade  
E a cidade rodear o céu de novembro

As nuvens buscam lugar de pôr Graça  
De fazer poças, pra lavar nossa raiva  
É a ciranda do fim de tarde:  
O vento roda na cidade  
A chuva roda no ventre laranja-celeste

Então você me aparece,  
Olhar contemplando lembranças,  
Costumeira vigília da esperança,  
Vem me roubar os risos, lançar feitiço,  
Me fazer menino guardador de rios

Que uma vez nos uniu,  
Nos molhou, arrepio!  
Enquanto brincando,  
Fingíamos ser crianças.



[Categorias](#) | [Eventos](#) | [Enquetes](#)

Gostaria de receber nossas atualizações diretamente no seu e-mail?

[Google Custom Search](#)

» Postagens / Categorias › Psicologia do Desenvolvimento

## A imaginação infantil e a sua importância



# O Helicóptero Cheio de Pasta Base de Cocaína

---

João Farias

Eu sempre fico aqui sentado numa cadeira que dói o cu  
e vivo escrevendo poemas sobre você e pra cada palavra que eu digito eu dou um trago  
as cinzas sempre caem sobre o teclado do computador e você nem mesmo está aqui pra no outro dia  
limpar, pra eu sujar tudo de novo com poesia  
alguns dias são mais tristes que outros, pois tem dias que de tão bêbado eu não consigo escrever  
então é um vazio enorme no peito, às vezes uma sensação de que explodiu uma granada lá dentro,  
que tá rolando uma guerra na faixa de gaza ou que os EUA mandou bombardear  
você consegue me entender?

E tudo parece ser um vazio como as ruas num dia de domingo com jogo do flamengo  
talvez um dia eu tenha a sorte de namorar a Agatha e treparamos no sofá da sua sala enquanto seus  
pais dormem  
e de ficarmos com as mãos enlaçadas suando por causa do calor do sertão  
e na mente aquela pergunta “quem soltará primeiro?”  
na tevê William Bonner conta algumas mentiras sobre o tráfico de drogas:  
diz que não há suspeitos para o helicóptero cheio de pasta base de cocaína na fazenda de um  
político influente,  
a fissura para cheirar aumenta e eu tenho vontade de ir ao banheiro e fazer mais uma carreira sobre  
o meu celular,  
dar um tapa e voltar pra sala com vontade de jogar o Bonner pela janela e de matar todos os  
engravatados de Brasília,  
mas você me olha daquele jeito, sorri com o canto da boca, fingindo acreditar que eu fui mesmo  
lavar o rosto por causa da oleosidade,  
daí tudo muda, uma paz se apossa de mim e nem parece que eu uso os pés pra caminhar  
e eu esqueço que as balas atravessaram meu pulmão e fígado, me deixando com cicatrizes feias pelo  
corpo  
e esqueço dos pesadelos que tenho todas as noites  
ou talvez eu tenha só a sorte de beijar uma atriz global e ser convidado pra participar do Big Brother  
Brasil

ou talvez um dia eu ganhe uma cadeira na academia brasileira de letras e um prêmio de literatura maceioense

enquanto isso não acontece eu continuo sendo jogado pra fora de bares por arrumar confusão e cheirando pó no cu de putas

eu continuo sentado nessa cadeira com um prego solto furando o meu rabo,

digitando palavras que só fazem aumentar o vazio que tenho dentro de mim – elas não preenchem nada

mas eu ainda escrevo com o ódio que foi desejado a mim pelos deuses

talvez quando eu estiver com 45 livros publicados, eu esteja no momento certo de morrer (pra mim todo momento sempre foi o certo)

no pátio do colégio e no intervalo não existia nenhuma esperança em mim

hoje, sentado nessa cadeira olhando pela janela, muito menos.

[Compartilhar](#)

# Caso do helicóptero da cocaína: 3 anos e ninguém está preso

Apreensão do helicóptero dos Perrella com 450 kg de cocaína faz aniversário de 3 anos e ninguém foi preso. Na apreensão pela PF, a aeronave parou para abastecer de Aécio Neves. Dono do helicóptero é hoje Secretário no governo Temer



# Vampiro de Osasco Ataca Novamente

---

João Gabriel

**C**achorros não podem simplesmente morrer e depois aparecerem com o seu sangue completamente chupado com dois caninos marcados em seus pescoços sarnentos – disse Emanuel a Júlio, não sei exatamente em que circunstância. E estão dizendo por aí que o autor de tudo isso é uma besta, de carne e osso e pelos, estão o chamando de vampiro, mas ao que vejo parece um lobisomem. Essas criaturas são diferentes de nós, sabe, elas não podem sair no meio da rua quando o sol está derretendo até nós mortais não aguentamos imagina os imortais.

Você já assistiu Nosferatu né? Então, ao invés dele se mudar para Bremen e causar o terror ele veio para Osasco. Eu nunca conheci um vampiro que chupasse sangue de animais, creio que isso deveria ser uma afronta a todos os verdadeiros vampiros, aqueles que vagam entre as sombras como Mack na canção Mack The Knife interpretada por Louis Armstrong entre outros cantores, um vampiro além de todos esses defeitos, ele deve ser charmoso, seduzir a vítima mesmo com aqueles dentes horríveis e um rosto pálido.

Já apareceu até no jornal, em destaque: “VAMPIRO DE OSASCO ATACOU NOVAMENTE”, as pessoas não estão preocupadas com os seus cachorros e sim por terem as presas sanguinolentas fincadas em seus pescoços e se tornarem aquela criatura peluda que desenharam no jornal, sim, eles fizeram até uma caricatura do infeliz. Que se danem os pobres animais, eles que se defendam, os humanos já estão colocando cruzes nas portas de suas casas como se isso fosse impedir que ele pulasse e chupasse o sangue da mulher do prefeito e de todas as suas filhas.

Eu pessoalmente não acredito que seja um ser sobrenatural, mas também não descarto essa possibilidade, acredito que seja um maluco, essa cidade é cheia de malucos e você sabe que existe pessoas loucas para tudo. Lembra da minha tia e amante Judite que tentou cortar o meu pinto com a faca depois de descobrir que estava tendo um caso com a sua filha ou aquele velho que sempre está com as mãos entre as calças nos bares mais populosos da cidade, sempre bebendo o seu vinho e com sua aparência de mendigo. Você está me acompanhando aqui né? A questão é que pode ser qualquer um, posso estar olhando para o vampiro nesse exato momento e você o mesmo e é isto que é foda nessas paranoias coletivas e jornalísticas. Uma hora é a porra de um serial killer e a outra é um vampiro chupador de cachorros. Talvez esse cara seja um zoófilo de primeira qualidade, aposto que eles não checaram o cu dos animais...

Hoje quando eu saí de casa para comprar pão encontrei aquele teu amigo, Miguel, maior gente boa, e para você ver que as pessoas estão tão loucas foi a primeira coisa que ele comentou, disse até que viu o tal do vampiro e que é exatamente a caricatura do jornal, grande, peludo e tal, possuía até um pinto de elefante e também comentou que um cara que se intitulava Zé do Caixão estava indo de cova em cova e de cemitério em cemitério dizendo que só existia um vampiro na cidade, ele, nem doido de beber sangue apenas vinho. Aê Júlio, vamo aproveitar essa onda e tomar aquela cerveja naquele bar que ta sempre cheio?

# POVO DE OSASCO USA CRUCIFIXOS CONTRA O VAMPIRO



FORÇA TÁSSIA SOUTO & WILDE  
DO CRIME ATRÁS DE CARLÃO

## FESTIVAL DE COLISÕES NA AVENIDA REBOUÇAS

## DETENTOS EM PANICO: DOENÇAS MORTAIS INVADIRAM A PRISAO

## DE FACA NA MÃO QUERIA VIOLENTAR A MENININHA

## TEMPORAL DERRUBOU ARVORE NA CIDADE

Ladrão arrebentou cadeira no corpo do tenente da PM

VENTANIA ARRANCOU  
TELHADO DA ESCOLA  
EM VILA CAROLINA

Hotel em chamas torra 2

Hippies  
raptaram  
estudantes



LAERCIO SUMIU  
DESDE 6.º FEIRA

# Fragmento do Romance Horses

---

Gui Nascimento

**A**dentrar falocêntricamente o corpo quente da feira. Fogueira de vozes e pregões; arrasto os pés manhosos, como quem está indo da sala pro quarto. Óculos escuros, bolsa de pano no ombro à tira colo a dialogar com outras bolsas de pano com Frida Kahlo estampada; hipsters barbudos por trás dos Wayfarer, trânsito de carrinhos cheios atravancando o caminho, analisar a curva rebolatória das empregadinhas. As senhoras da vizinhança na posse completa de sua sabedoria, não é assim que se escolhe tomate, meu filho, um tapa discreto nas costas da mão, largue isso, sim? As conversas saindo da fumaça quente da boca, um verbo quase sólido se chocando contra os ouvidos, transversal diálogo; sim, exatamente como as coisas que me vão por dentro, discurso sem horizontalidade, tampouco propenso à queda vertical da mudez. Uma colcha de retalhos, cânticos, hinos, profecias, apostas, palavrões, sexo oral no refrão, vem chupar meu abacaxii.

Uma pilha de corpos ardendo na pira dos dias, inflamado coração convulso. Viver é consumir-se, alcoólico, colecionar pequenos cânceres nos cantos da boca. Uma pilha de corpos, uma escada pro céu de outono jazendo ali, na pilha de jornais velhos embrulhando peixes e legumes. Morto Garcia Márquez, mas isso já faz algum tempo. Morto David Bowie, Leonard Cohen, Prince. Como alicerçar o chão de um novo dia por cima de tantas mortes? Mortos na França, Charlie Hebdo, show em Paris. Mortos em Orlando, maior atentado desde 11 de setembro. Tantos mortos em meio a tantos vegetais e frutas e bafo de mãe terra, o útero quente e terroso açoitando a minha cara nua nessa manhã. O sangue dos jornais embrulha os frutos da terra. O estardalhaço das moedas na caixa de madeira. Os gritos dos feirantes estremecem o meu peito. Senda viva pulsante enquanto me engolfo em morte, fedendo a putrefatos destroços. Como conseguem seguir vivendo? Porra. Como consigo escolher os abacates maduros com essa pilha de mortos sobre os ombros? Como consigo pensar em abacates? Um carrinho de feira passa por cima dos meus dedos. Se eu pudesse ao menos gritar...

# Retrospectiva 2016: os famo

POR DIEGO DENCK - EM PERSONAL



COMPARTILHAR



23



# 50 Tons de Azul | Desafios da Baleia

---

Marcella Wolkers

1. Filipa pegou a navalha que o pai costuma a fazer a barba e escreveu a sigla “F57” na palma da mão. Em seguida enviou uma foto do seu telemóvel para um homem de codinome DJ.

Acho que o pai de Filipa até chegou a ver a sigla nas mãos da adolescente, mas não se impressionou. Pareceu-lhe ser as iniciais do jogador preferido da filha escritas à canetinha vermelho-sangue: “CR7”

2. Assistiu a uma dezena de filmes psicodélicos e de terror com muitos requintes de crueldade e abuso de sexo e drogas. DJ quem indicou tudo o que ela deveria assistir. Confessou a si mesma que sempre detestara filmes de terror. Sentia sempre um medo grande e um frio na barriga quando via estas películas terroríficas e cheias de carnificina. Gostava mais dos filmes de romance ou de dança. Mas passadas tantas horas vendo sangue, sexo, mortes, sentia que merecia fazer parte daquele quadro que se instalava agora nas paredes de sua mente.

Olhou no seu pulso: já eram 16 horas e 25 minutos. A maratona de filmes começara às 4:20 da manhã.

3. Ainda deu tempo de executar a terceira tarefa: fez 3 cortes grandes sobre as veias do seu braço magro. Não era um corte profundo como as suas olheiras e nem precisava de ser. Antes de ir se deitar enviou uma foto ao DJ.

Qual seria o próximo nível? Estava desejosa por acordar e ver uma nova mensagem no seu telemóvel do DJ. Analisou a foto do perfil dele. Eram as duas mãos a fazerem freestyle num vinil como um Dj comum faz nas festas das baladas em que costumava a ir e deixara de lado. A foto antiga dele era uma bola de espelhos dos anos 80. Gostava mais da outra foto retroactiva do que esta de agora.

Adormeceu...

4. “Desenhe uma baleia azul no braço e envie-me”. Filipa pegou nas dezenas de aguarelas que tinha e fez uma linda baleia azul rodeada de corais de várias cores. Lembrou-se da Menina do Mar de Sophia de Mello Breyner. Sabia que tinha um grande dom para as belas artes. Poderia ser uma grande profissional se fosse empenhada. Mas sentia-se uma inútil. Não focava em nada em sua vida. Até os óculos de graus abandonara por preguiça de ver.

5. Estava pronta para tornar-se numa Baleia. E então escreveu SIM em sua perna. Sentia-se orgulhosa de si enquanto escutava os seus pais discutirem na sala de jantar na qual ela não estava presente para comer com eles. A mãe bem que a chamara, mas Filipa inventou a desculpa de que tinha que estudar para uma prova difícil de amanhã.

6. A sexta tarefa é totalmente sigilosa. O curador DJ mandou uma tarefa em código. Só os dois poderiam saber e nem mais um membro do Baleia Azul. Ela gemia enquanto se filmava e se masturbava. Enviou o video para ele. Essa poderia ser a sua primeira e última vez de prazer.

7. Escreveu “F40” em sua mão e enviou uma foto ao curador nomeado de DJ. Não fazia ideia do que isso queria dizer.

8. Escreveu no estatus do Facebook “#eu sou uma baleia”

Comentários e gostos:

“- Está

s linda amiga. Elegante e magra como sempre.”

“- Baleia onde?”

“- Tu és uma sereia!”

“- O que é isso de baleia?”

Manteu-se indiferente aos comentários.

9. O maior medo de Filipa era da água. Não sabia nadar. Então foi ao mar e ficou dentro dele durante imenso tempo. Era verão. Um lindo dia de verão. Amigas foram com ela e acharam deveras estranho ela conseguir ficar durante tanto tempo na água de Sophia. Ela agora era a propria menina do mar. A baleia azul do jogo da morte tentando superar o seu grande medo da água. Medo este tão louco e grande que lhe fazia cócegas no umbigo e úrticarias por todo o corpo Essa era a missão dada por DJ: superar o seu maior medo.

10. Às 4 e 20 da manhã subiu no telhado mais alto que conseguia. Era o telhado do sotão de sua casa. Nunca tivera medo de alturas. E depois de muito tempo, ao ver Alfama acordar assim tão cedinho e já bonita, lembrou-se da sua infância.

11. Desenhou com uma navalha a foto de uma baleia na palma da mão e enviou-a ao curador. Dessa vez custou-lhe mais, pois o corte das siglas que fizera da vez passada ainda nem tinha cicatrizado.

12. “- A nossa filha tem me preocupado. Tem assistido todas as tardes a muitos filmes de terror. Achas normal?” O pai acrescentou que era normal sim na idade em que a rapariga se encontrava. Entao a mãe de Filipa sentiu-se mais descansada.

13. Passou a ouvir músicas psicodélicas e robóticas com gemidos e gritos enviadas por DJ.

14. Cortou a boca. Os seus lábios grossos partiram-se em dois.

15. Essa tarefa seria bastante fácil. A mãe é costureira. Era só se furar várias vezes com as agulhas da mãe, como se as suas mãos fossem um porta alfinetes de dama ou um vôdu.

Marcella

e doente. Apenas ficou o dia inteiro deitada no quarto escuro a chorar e a chorar. Não sentia nenhuma energia. Sentia-se depressiva e vazia, com uma vontade enorme de morrer. Filipa achava que morrer valeria muito a pena. Sentia que os pais sempre brigaram por sua causa. Merda de vida! Não vale mesmo a pena viver. Só agora reparara no quanto seu coração batia fraco e no quanto estava magra e infeliz. Será que os seus pais não percebiam isso?

16. O próximo passo era machucar-se. Ficar doente. Já se sentia bastante machucada e doente. Apenas ficou o dia inteiro deitada no quarto escuro a chorar e a chorar. Não sentia nenhuma energia. Sentia-se depressiva e vazia, com uma vontade enorme de morrer. Filipa achava que morrer valeria muito a pena. Sentia que os pais sempre brigaram por sua causa. Merda de vida! Não vale mesmo a pena viver. Só agora reparara no quanto seu coração batia fraco e no quanto estava magra e infeliz. Será que os seus pais não percebiam isso?

17. Procurou um telhado mais alto do que o de costume e ficou nele por bastante tempo.

18. Tinha de subir numa ponte. Voltou para a borda do telhado e ficou em cima dele por mais um longo tempo. Alfama estava com bandeirolas coloridas. Era Junho e o cheiro das sardinhas e do vinho tinto das festarolas diziam olá às suas narinas. Mas nada disso era importante. Queria ganhar o jogo. Zerá-lo. Nunca conseguira acabar nada nessa vida. Dessa vez conseguiria fazer tudo até ao fim! Tomou o comboio. Desceu em Sintra.

Foi para cima de uma pontezita que havia por lá e observou os patinhos. A sua vontade era de ir para cima da ponte 25 de Abril. A tarefa era ficar na borda de uma ponte. Mas era mesmo uma cobardola.

19. Lembrou-se que na rua dos Fanqueiros, em Lisboa, havia umas obras e de que tinha um guindaste lá. Tentou subir nele mas foi em vão pois sentia-se sem energias até para respirar e suspirar...

20. DJ mando uma nova mensagem a confirmar se Filipa era de confiança. A adolescente apesar do pouco empenho, parecia estar totalmente absorvida pelo jogo de morte.

21. O curador indicou à miúda um outro participante baleia azul. O nome dele era Carlos. Foram mantendo contacto pelo facebook e WhatsApp. Pareciam ter em comum a ausência da atenção dos pais.

22. Os dois Baleias Azul encontraram-se pessoalmene e decidiram fazerem a próxima tarefa juntos. Penduraram-se num telhado alto apoiando as pernas penduradas. Uma adrenalina invadiu o coração de ambos e apesar do risco de morte, sentiram-se mais vivos do que nunca. Após o

experimento perigoso, beijaram-se com paixão. Compaixão. Choraram soluçando um nos braços do outro.

23. Esta tarefa era em código. Ambos tinham que fazer a mesma coisa. Encher uma banheira com água e suster a respiração o máximo que conseguissem. E foi o que fizeram na casa de Carlos. Os pais não estavam. Aliás... Os pais nunca estavam lá. Filipa não sabia se estava apaixonada pelo rapaz ou pela morte que ambos perseguiam juntos.

24. Outra tarefa secreta foi indicada. Tinha de beber uma garrafa de tequila. Filipa sempre tivera medo do álcool. Muito receiosa, teve de fingir que bebera pelo menos metade da garrafa que comprara às escondidas. O curador DJ aceitou como concluído este desafio. Na verdade, Filipa jogara a bebida sanitaria abajo. Como estaria Carlos? Estava preocupada com ele. Teria tido a mesma tarefa secreta que ela? Logo soube por alguns membros do Baleia Azul que o rapaz entrara em coma alcoólico e fora enternado, mas que já se encontrava bem.

25. O curador indicou que ela teria um encontro com um Baleia Azul. Não era Carlos. Era uma mulher de nome Fausta. Tinha os olhos grandes e baços lodeados de uma tristeza escorregadia. Conversaram pouco. Pegaram-se nas mãos e choraram compulsivamente. Depois fumaram uma carteira de cigarro juntas.

26. O curador mandou-lhe uma mensagem: “Vais morrer no dia 07/05/2017. Terás de aceitar”. Ela sabia que se não morresse até lá ou neste dia, familiares e amigos dela estariam em perigo e então era morrer ou morrer!

27. Acordou às 4:20 da manhã e caminhou numa estrada de ferro que dava para a Praia das Maçãs. Desejou que um comboio passasse acelerado por cima dela, cheio de turistas desocupados e de bem com a vida.

28. A tarefa era ficar muda, trancada no quarto e não falar com ninguém o dia todo. Havia várias chamadas da mãe, do pai... Chamadas de Carlos. Que vontade ela tinha de falar com ele. Será que a data da morte dele seria no mesmo dia em que a data da morte dela? Porque os pais não se importavam? Porque os pais dela brigavam tanto entre eles, por causa dela e nunca com ela. “Briguem comigo, por favor!” Era o que ela pensava o tempo todo. Mas ela achava que eles não se importavam.

Marcella

29. Aproveitou que mais uma vez não estava mais ninguém em casa e fez um voto em como ela

era realmente uma Baleia Azul. Enquanto ela fazia o voto em total silêncio, cortando mais uma vez a sua pele, a porta do seu quarto foi derrubada e aberta à força. Ainda com a navalha do seu pai nas mãos e de olhar assustado, viu o seu pai e a sua mãe acompanhados por três GNRs, dois PSPs, um bombeiro e uma enfermeira.

“ – Acabou agora este jogo de Baleia Azul, minha filha, acabou!” Disse a mãe correndo em direção a filha cheia de sangue nos braços, abraçando-a desesperada.

“- O que foi que te deu, Filipa? Responda!” – Perguntava o pai com olhar desesperado sacudindo-a

Ela só queria saber quem lhes contara sobre o jogo.

“- Foi o seu amigo Carlos que os denunciou à PSP e deu-nos a lista dos Baleias com os quais ele estava a contactar. Ele está muito preocupado com você. Com todos, com ele mesmo.”

“- Mas vocês não entendem! Eles vão vos matar! Vão me encontrar de qualquer maneira. Tenho de acabar com a minha vida!”

Lembrou-se que tinha ainda a navalha do pai nas mãos, mas o reflexo de um dos policias foi mais rápido e conseguiu arrancar-lhe o objecto cortante. A enfermeira amparou-a e disse-lhe:

“- O codinome DJ com quem você conversava, que na verdade era uma mulher de nome Susana, já está detido e todos os outros arguidos que curavam esse grupo suicida também. A polícia está a investigar tudo muito bem! Agora acalma-te” – disse-lhe dando a ela um calmante. Os pais sentiam-se culpados. Abraçaram-se sem discutir uma palavra, pela primeira vez.

Faltariam apenas mais 20 desafios para chegar no derradeiro dia em que ela se suicidaria. Sentiu um alívio muito grande por não ter que ter a obrigação de morrer de se desafiar mais com essas loucuras.

Desses 20 desafios azuis que faltavam antes do 50º, todos consistiriam em fazer o mesmo ritual todos os dias:

“De 30-49 ela deveria acordar às 4:20 da manhã, assistir videos de terror, ouvir as músicas que os

curadores lhe enviassem, fazer um corte em seu corpo por dia, falar com um membro da baleia e depois...

## 50. Tirar a própria vida!

Pensava que graças à Deus isso não havia acontecido com ela, com Carlos e com outros adolescentes e pessoas que faziam parte do seu grupo.

“- Nós amamos-te, filha. E agora queremos brigar mais por ti... Nós amamos-te e vamos dizer-te isso todos os dias de nossas vidas, sejam com palavras ou com atitudes. Mas tu tens de se amar também.

Filipa está agora sendo acompanhada por uma equipa de psicólogos e fazendo tratamento anti-depressão. Tem pintado mais, saído com as amigas que havia deixado de lado para se enfiar no mundo cibernetico. E não deixa de pensar no rapaz Carlos com o qual criara um grande laço e que ao fim e ao cabo, foi quem lhe salvava de algum modo a vida.

O seu desafio agora era dormir uma noite inteira muito bem, tomar um pequeno almoço reforçado, fazer uma caminhada ao ar livre todas as manhãs e depois pintar tudo o que os seus olhos vissem de bonito.

“Procure a beleza, a felicidade nas coisas simples” – dizia a sua psicóloga.

O que ela sabia era que ela e todos os jovens que estavam metidos com ela nisso, iriam se curar. No dia 07/05 de 2017, no 50º, no dia que seria o último desafio azul, a sua morte, ela decidiu que iria viver e que encontraria Carlos na praia onde ela superou o seu maior medo: o medo das águas, o medo do mar,

O medo de amar! De amar a si mesma.

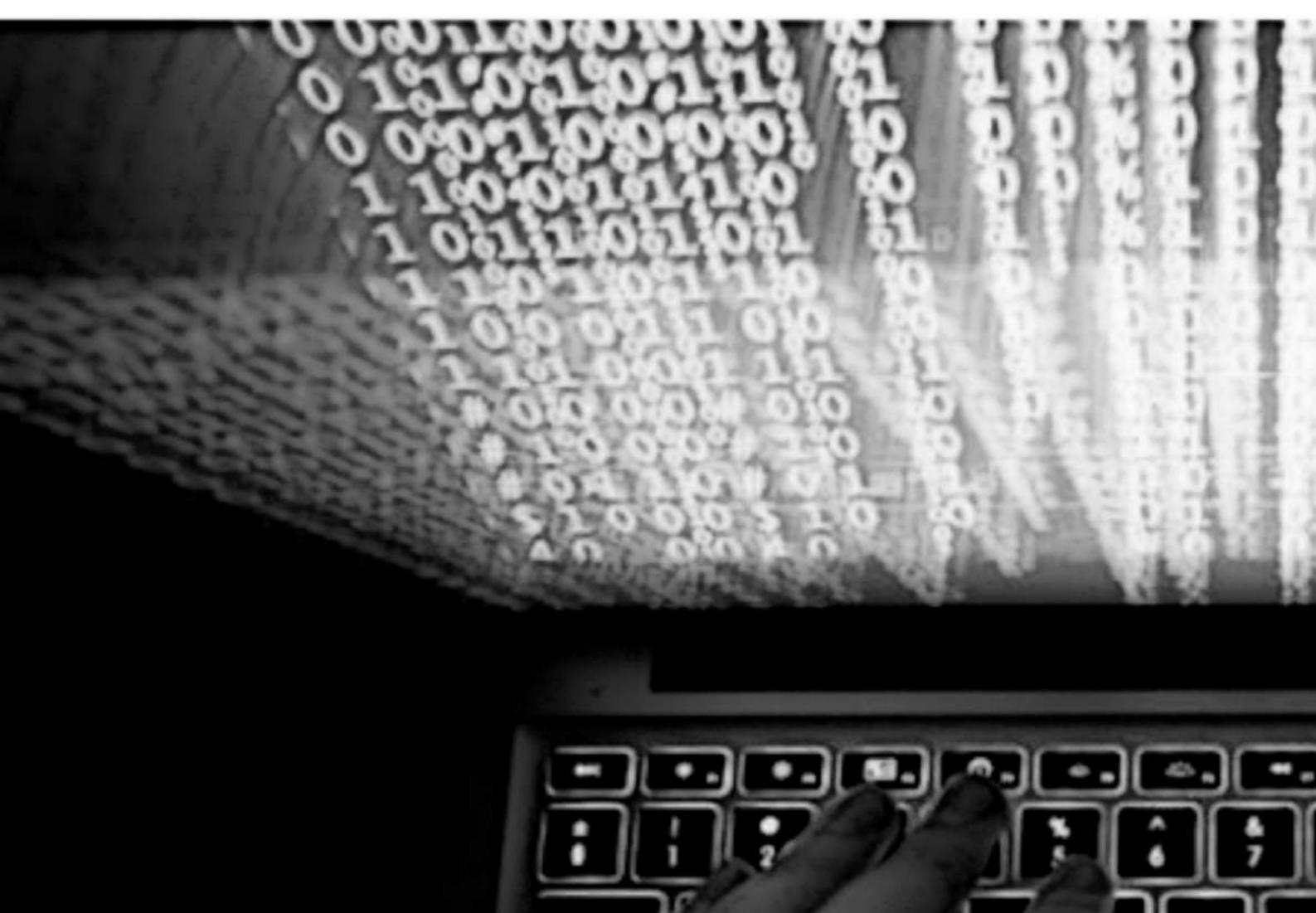
Neste dia quem sabe, no azul do mar um novo amor começaria?

Torcia para que esta Baleia Azul, que viera da Rússia e que foi parar nos mares do Brasil e chegou até os mares de Portugal, fosse extinta com o arpão da força e a vontade de viver!

# Baleia Azul': Estes são os emojis que estão a preocupar pais de

José Carlos Lourinho / 26 Abr 2017

Site brasileiro divulgou aqueles que são, alega, os emojis que está a alarmar o Brasil e que ameaça chegar



# fragmentos populares de balas perdidas

Carlos Torres

A  
cidade padecia  
bela a noite.  
Havia escuridão  
por onde todos  
passavam, notavam-se  
os olhares apreensivos,  
com a segurança,  
o tempo e talvez o  
tão temido encontro,  
aquilo, de quem não quer  
ter a esperar por isso, seguir  
e ter que ir com a morte

O  
moleque aos gritos:  
dá o chute, um tiro de  
meta, a bola cruzada e 12  
correm, os jogadores e  
o técnico de 38  
anos de casa. Explodiu a  
torcida com o gol de cabeça,  
pés descalços do moleque  
muita gínga e talento  
fez a torcida adversária dar adeus

# EMBAÇADÍSSIMA



# A Corja

---

Antologia Embaçadíssima

**Alanna Fernandes** Estudante de Relações Internacionais com foco de pesquisa no por quê de ainda existir racismo na sociedade brasileira. Jovem escritora com livro selecionado para lançamento pelo programa municipal de incentivo à cultura da cidade de Uberlândia-MG. Fotógrafa que tenta retirar fragmentos da realidade que ilustrem a existência latente do racismo no cotidiano.

**Mia Lopes** Escritora, cronista e compositora. Cosplayer de comoumadeusa.

**Alessanda Barcelar** é Historiadora, vive em São Paulo, onde nasceu e atua na área da Saúde. Colaborou para revistas de literatura como Amálagma e Revistas Luso-Brasileira. Participou do laboratório de escrita criativa com Evandro Affonso Ferreira e do projeto contextos literários do Sesc Consolação. Atualmente integra o projeto de leitores voluntários no Instituto de Infectologia Emílio Ribas.

**Aline Monteiro** há pouco se convenceu escritora. Engatinha catando do chão as letras que encontra. Curiosamente as leva à boca, experimenta uma a uma, combina os seus sabores e as cospe em verso.

**André Mellagi** é psicólogo, colaborou em blogs dedicados à literatura e participou da primeira edição da revista Pulp Fiction do site Homo Literatus. Bricabraque é seu primeiro livro (Editora Patuá, 2017), coletânea de contos que recebeu menção honrosa pelo Programa Nascente da USP em 2014 na categoria Texto, e foi obra pré-selecionada ao Prêmio Sesc de Literatura em 2016.

**André Nogueira** é jornalista, poeta e saudosista. Possui uma lista de livros para colocar em dia, não leu tudo que precisava e nem tudo que gostaria. Amante de São Paulo, de seu caos e poesia. Boêmio moderno, romântico clássico e pai de menina.

**Andri Carvão** cursou Artes Plásticas na Escola de Arte Fego Camargo em Taubaté, na Fundação das Artes de São Caetano do Sul e na EPA – Escola Panamericana de Arte. Graduando em Letras pela Universidade de São Paulo, publica poemas regularmente na revista online Labirinto Literário, é colunista do site Educa2 e participou da antologia Gengibre: Diálogos para o Coração das Putas e dos Homens Mortos.

**Bruno Ribeiro** nasceu em 1989, um mineiro radicado na Paraíba. Escritor, tradutor e roteirista. Já publicou em diversos jornais, revistas, blogues e antologias. Autor do livro de contos Arranhando Paredes (Bartlebee, 2014) traduzido para o espanhol pela editora argentina Outsider e dos romances Febre de Enxofre (Penalux, 2016) e Glitter (Amazon, 2017). Mestre em Escrita Criativa pela Universidad Nacional de Tres de Febrero, editor da Revista Sexus, foi um dos vencedores do concurso Brasil em Prosa, promovido pelo jornal O Globo e pela Amazon, também foi finalista do Prêmio Sesc de Literatura 2016 e do Prêmio Kindle de Literatura. Edita o blogue: brunoribeiroblog.wordpress.com

**Bruno Sanctus** nasceu no mesmo dia que Kurt Cobain e tem ascendente em sagitário. Falta dois anos para que atinja a idade em que alguns de seus ídolos se suicidaram e desde já, está encarando a pré-crise dos vinte e sete. É autor do livro de poesias Escrevi Para Esquecer: Palavrões (editora nota terapia) e está escrevendo mais uns quatro livros aleatórios. Alguns dizem que ele é o alter-ego da escritora Yulia Martins. Segundo o mesmo, sua vida é um filme sueco ruim, cheio de palavras impronunciáveis e sem moral alguma. Bruno gosta de vídeo-games, teoria da conspiração, quadrinhos e só se permite ser manipulado pela própria cadelinha, Mel. A única coisa que ele teme é que esteja vivenciando uma simulação de computador dentro do basilisco de roko.

**Carlos Torres** É um prazer enorme poder participar desta antologia! Gozei demais! Agora, vamos ao meu eu: sou carioca, casado, 48 anos sendo 34 dedicados à ilustração, publicidade e fotografia, sou um eterno amante das artes, sejam elas nas formas mais diversas de manifestação, talvez um uníssono e tão clichê – Estado da Arte defina isso. Mas, a arte literária é a que mais me surpreende e intriga, é a que faz você raciocinar, mexer a cachola e ela se manifesta com palavras, é o jogo delas fazendo o discurso soar na mente; como se ouvissemos uma peça musical, as palavras são como as notas musicais, elas se encaixam em uma sequência lógica ou ilógica e se elevam a um desfecho que permite coroar um texto ou obra literária e assim terminar o concerto de letras. Gosto de fazer quem o leitor dar um mergulho nas entrelinhas dos textos. Ali, revelo minha alma nas personagens, nas sensações, locais e na composição gráfica. Não poderia deixar de falar uma coisa tão clichê quanto falar do Estado da Arte, mas aqui cabe: - A um puta cara cheio de talento: o Felippe, eu agradeço esta oportunidade.

**Caroline Fortunato** 21, natural de Mococa-SP e atual residente de São Paulo capital, onde cursa Letras na FFLCH/USP. Colunista nos sites Obvious e IdeaFixa, contista em revistas tais como Labirinto Literário, Gueto e Subversa, além de possuir um livro publicado, de forma independente, pela editora Livrorama.

**Claudio Comendini** nasceu em Fortaleza. Na adolescência e começo da fase adulta se apaixonou pela literatura e pelo rock, chegando a tocar bateria em bandas independentes. Adoeceu dessas duas paixões e delas contraiu ídolos como se fossem vírus. Ama tanto a arte do deus Apolo que costuma dizer que não possui pulmões, mas captadores. Seu lema pessoal se baseia no título de uma canção da banda britânica Oasis, que é “Cigarettes & Alcohol”. E por falar em britânicos, uma de suas maiores paixões é o futebol - É torcedor fanático do Newcastle United, clube inglês que há décadas não ganha sequer um título de expressão. O que, por si só, diz muito a seu respeito.

**Diego Sanches** 18 anos. Nascido e residente em Belém-Pa. Estuda filosofia na Universidade Federal do Pará (UFPA). Escritor, poeta.

**Daniel Viana** mineiro, poeta de rua, ator e diretor teatral. Criador do projeto Guardanapos Poéticos que une literatura com intervenções urbanas e da Biblioteca Ambulante [CUBO] - primeira biblioteca de micronarrativas brasileiras. Autor dos livros 100 contos por 10 contos trocados (2013); Baseado em causos reais (2014).

**Dimitri Brandi** 39 anos, vive em São Paulo. É escritor, compositor, músico, guitarrista e vocalista da banda de death metal Psychotic Eyes. Advogado nas horas vagas.

**Diogo Cão** trabalha em cartório mas é escritor. é mestre em política pública e vive em Brasília, de onde tira inspiração para viver a ficção e a realidade. amante do samba, de filmes de Tarkovski e dos paraísos artificiais.

**Eric Moreira** escritor. estudante de artes & cinema. autor de "Último blues em San Pedro" pela Multifoco. bêbado convicto. Amém!

**Felippe Regazio** vive em São José dos Campos e escreve. Publicou "Oceana", em 2013, pela editora Ponto da Cultura e "Atentado Contra a Vida das Coisas Belas", em 2015, numa edição artesanal. Em 2016, foi menção honrosa pela USP com os poemas do livro "Sonata em Mi Menor Para Porcos e Outros Quadrúpedes". Em 2017 Felippe Regazio idealizou e produziu a antologia "Gengibre - Diálogos para O Coração das Putas e dos Homens Mortos" que reuniu 53 autores contemporâneos e nacionais numa publicação de sucesso que alcançou +3000 views ainda na primeira semana de lançamento, desde então segue publicando trabalhos similares. Felippe organiza antologias alternativas, cria aplicativos pra difusão da literatura online e tem diversos trabalhos publicados em revistas como Mallarmargens, SubVersa, Labirinto Literário, Revista Saúva, Libertinagem, O Emplastro, Revista Gueto, além de alguns jornais locais". É também fundador e editor do selo de publicações online Appaloosa Online Indie Publishing.

**Fernanda Walmer** nascida em Mococa-SP, estuda Jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto. Escreve porque vive. E a linguagem que a existência já vociferou nunca se esquece.

**Franck Santos** é um homem comum, ilhado em São Luís, cidade esta que tem mar, porto, muitas histórias, sol e céu azul o ano inteiro, mas prefere dias nublados e chuvosos, uma casa no campo, vinho e blues. Publicou os livros *Fogo Fátuo* (2011) e *Quando o azul não desbotava* (Editora Penalux, 2014), ambos de prosa poética. Agora, *Poemas para dias de chuva*, pela Editora Patuá.

**Gabriel Felipe Jacomel** é autor da Deflora (Patuá, 2016). Edita desde 2010 o [faziafagiaebulimia.blogspot.com](http://faziafagiaebulimia.blogspot.com).

**Gui Nascimento** nasceu em Diadema em 1988, atualmente reside em São Paulo. Estuda de Letras na USP. Toca guitarra e canta na banda Versus Mare. Como escritor, participou da Mostra de Artes de Diadema, ficando em 1º lugar em três edições na categoria conto.

Em 2011 seu conto “Amo SP” ganhou traduções em inglês e espanhol pelo projeto “Contemporary Brazilian Short Stories”, site que procura divulgar a nova produção literária brasileira pelo mundo. Participou de oficinas literárias orientadas por Cláudio Willer, João Silvério Trevisan, Edson Bueno de Camargo e recentemente participou do Estúdio de Criação Literária da escritora Márcia Denser. Atualmente está redigindo o romance Horses.

**Jackeline Valentim** Três Lagoas – MS. Professora e leitora. Publicada em algumas antologias. Mais textos em [zumbiliterario.blogspot.com.br](http://zumbiliterario.blogspot.com.br)

**Jaflety Pedro** 28 anos, filho de Dona Claudete e José Pedro, Sergipano, habitante do município de Lagarto. Co-fundador do saraú da Caixa D'água. Começou escrever poesia ainda no começo da adolescência. Ganhou alguns concursos de poesia falada e já participou de algumas antologias poéticas por ai. Faz tempo que prepara seu primeiro livro e ainda acha que falta muito pra lança-lo. Fim.

**João Farias** 18 anos. Mora em Maceió-AL, mas viveu maior parte da sua vida numa cidade pacata no sertão alagoano, São José da Tapera. Estudante de Direito e de Ciências Sociais.

**João Gabriel** nasceu em São Paulo (SP) é estudante de psicologia e escritor e cineasta amador.

**Joelma Félix** Mestra em Artes Visuais pelo PPGAV- EBA/UFBA, Salvador- BA. Especialista em Fundamentos do Ensino da Arte, Instituto Segmento, FAP - Faculdade de Arte do Paraná, 2007. Licenciatura Plena em Artes Visuais pelo Centro Universitário de Belas Artes de São Paulo, 1996. Artista visual dedica-se a pesquisa artístico-acadêmica, tendo como poética a representação e simulação do corpo no campo do erotismo e pornografia, atuando nas linguagens visuais da pintura, fotografia, instalação, ação artística, literatura e intervenção urbana.

**Luiz Walter Furtado** nasceu em Belo Horizonte e é médico pediatra na cidade de Ouro Preto. Publicou poemas em várias revistas digitais: Mallarmargens, Germina-Revista de Literatura & Arte (suplemento literário), Revista Carlos Zemek e Caderno-Revista 7faces. Tem dois livros de poesias: Revelações (Penalux 2016) e Assédio das águas ainda inédito. Contato: E-mail: [lwfsousa@gmail.com](mailto:lwfsousa@gmail.com).

**Manuel Veronez** é filho do Triângulo Mineiro. Nascido em Araguari-MG. Atualmente, mora em Paris, França (onde desenvolve um estágio de doutorado sanduíche). É professor, se diz poeta. Escreve! Em 2016 publicou seu 1º livro de poemas, Maionese,

fichado pela Editora Subsolo. Publicou em 2012 um poema no Calendário da Prefeitura Municipal de Uberlândia-MG e nos ônibus da cidade, fruto de um concurso da secretaria de cultura. Tem poemas e prosas espalhados por aí, em zines, varais, bocas e almas! É mestre em Letras – Teoria Literária e doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia.

**Marcella Reis** é mãe e co-autora do seu maior poema: a sua filha Vallentina. Nasceu em 1984, em Goiânia (Goiás), Brasil, e reside em Portugal há 18 anos, na zona de Sintra. Tem três obras editadas: «Era Uma Vez a Poesia...» (Chiado Editora, 2012) e «O Dia Em Que Pari Minha Mãe» (Edições Vieira da Silva, 2013) e Lágrima Artificial (AlmaLusa, 2016).

**Mary Prieto** 24: acredita que a luz dos verbos soprados ressuscita homens mortos e desperta sonâmbulos em diferentes níveis de consciência. Já tendo publicado "Essência", comprova que a poesia vem para romper a estagnação e impulsionar reação. Para ela, não basta que a palavra se faça carne. É preciso que seja à flor da pele, com essência de orquídea para respirar. Em breve lança o "Dicionário Cardiopoético - notas sobre o pulsar dos dias - na tentativa de pelas veias, vozes e vícios humanos, remapear o território perdido da emoção.

**Matheus Peleteiro** Nascido em Salvador – BA em 1995, escritor, poeta e contista, Matheus Peleteiro publicou em 2015 o seu primeiro romance, Mundo Cão, pela editora Novo Século. Em 2016, lançou a novela intitulada "Notas de um Megalomaníaco Minimalista", pela editora Gostri, o livro de poemas "Tudo Que Arde Em Minha Garganta Sem Voz", pela editora Penalux e teve também um conto selecionado para a coletânea "Artistas Liberais", publicada pela editora Dalle Piage, e outro para a Antologia Gengibre - Diálogos para o Corações das Putas. Matheus iniciou seus escritos na internet, utilizando o pseudônimo “Espírituoso e Trágico”, e busca retratar a sua geração abordando aflições contemporâneas.

**Michele Santos** nasceu de inverno na metrópole paulistana e vive a buscar primaveras nos entremeios do cinza. É educadora nas redes públicas municipal e estadual de ensino de São Paulo e coorganizadora do Sarau Sobrenome Liberdade, na região do Grajaú/SP. Já foi publicada nas antologias Antes de ser um manifesto (publicação independente), Poesia na Faixa (Edições Tietê), 180 gramas (publicação independente ganhadora do PROAC), e nas revistas Magma (publicação da pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da USP/FFLCH), Transvista, Gente de Palavra, Raimundo

e Mallarmagens. Toda via, seu primeiro livro, veio ao mundo em fins da primavera de 2015, independente.

**Mt. Lannes** é o pseudônimo de Marcos Vinícius. O Lannes é uma homenagem ao pai já falecido e Mt. entrou por falta de criatividade mesmo. Mt. Lannes é um Poeta e contista. Seus escritos são uma viagem louca onde mescla as memórias do seu passado com o seu presente. Escreve nas páginas: PulsarPoemas e Alucinações Noturnas de forma preguiçosa e nada constante, mas lá pode se encontrar muitos dos seus escritos. Diz ele que seu maior dom é o de ser preguiçoso e nisso se sai muito bem. Prova disso é essa mini bio, totalmente sem sentido.

**Norma de Souza Lopes** nasceu ano de 1971, na periferia de Belo Horizonte onde vive até hoje. Filha de mãe gari e pai pedreiro, foi doméstica até que um milagre atribuído a bons professores levou a tornar-se professora e escritora. Publica em <http://normadaeducacao.blogspot.com.br/> desde 2008. Em 2014 lançou seu primeiro livro de poesia chamado "Borda" pela editora Patuá. É escritora Efetiva da Revista Escritoras Suicidas. Participou das antologias "Versos da Violência" da Editora Patuá, "Entre lagartas e Borboletas" da Editora Tubac Book (e-book) e Scenarium Livros Artesanais (versão impressa), Senhora Obscenas da Editora Benfazeja e de diversas publicações virtuais (Germina, Escritoras Suicidas, Mallarmagens, InComunidades, Vida Secreta (artigo "Clarice e o outro em si em dois contos").

**Rafael Vieira** Desde que enfiou na cabeça que queria ser escritor, Rafael Vieira ganhou um divórcio, um retorno à casa dos pais na periferia de São Paulo, uma justa causa e uma dívida astronômica no Banco do Brasil. Ganhou três faculdades nunca terminadas, algumas crises de ansiedade e ressacas monstruosas às terças-feiras. Ganhou a possibilidade de transformar todo esse inferno em poesia e contos sobre o cotidiano. A única coisa que ele perdeu foi a sanidade rotineira de uma vida sem poesia. Pode-se dizer que ele não perdeu nada. Rafael tem 31 anos e mora no extremo leste de São Paulo sem se arrepender de nada.

**Rennan Sama** mora no Rio de Janeiro, zona oeste. Membro do coletivo Sapiens Marginalis. Integrante de duas páginas maravilhosas, (Derivantes Delirantes, & Que tal cultura?) na qual publica fragmentos de suas obras. Autor do livro de poemas reflexivos, "Ancorado", publicado pela editora Autografia. Abraçou a poesia como o sol abraça a terra, e hoje leva preso aos pulsos toda dor e o amor que encontrou em escrever.

**Roge Weslen** é estudante e escritor. Residente de Belém/Pará.

**Rojefferson Moraes** é professor, poeta e contista. Autor de três livros de poemas publicados de forma independente em Manaus pelo Selo Coleção de Rua. Acaba de assinar contrato com a Editora Penalux por onde irá lançar “O dia em que Carla Assassinou o meu gato e outras crises de amor” (poemas), ainda este ano.

**Sara Timóteo** publicou Deixai-me cantar a floresta e Chama fria ou lucidez em 2011 pela Papiro Editora na sequência da atribuição, respetivamente, do 1.º e do 2.º lugar no 2.º Concurso de Poesia Aníbal Faustino em 2009. Publicou em 2012 Refúgio Misterioso; em 2014 publicou Os Passos de Sónon (prémio Mensagem Notável atribuído pela Lua de Marfim Editora), Elixir Vitae e Os quatro ventos da alma (menção especial no Prémio Literário Glória Marreiros 2014), todos através da Lua de Marfim Editora. Em 2015, publicou O Telejornal (peça de teatro infantil) através dos Cadernos de Santa Maria. Em 2016, publicou O Corolário das Palavras (Rui M. Publishing, e-book) e o livro de poesia Refracções Zero pela Orquídea Edições. Tem dois livros de não-ficção e um livro de poesia bilingue publicados nos E.U.A.

**Thais Oliveira** mora em Jacareí, é estudante de pedagogia e escreve.

**Vagner Vainer Teixeira Braz** nasceu brasileiro - e Poeta - em julho de 1992, no município de Pontes e Lacerda, Mato Grosso. É Letrólogo (habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas) pela Faculdade de Linguagem e Zootecnia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), do Campus Universitário de Pontes e Lacerda, e pós-graduado em Educação de Jovens e Adultos para a Juventude pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura e Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: a Tragédia, o Trágico, Poesia Livre, Leitura, Autoria, Homem, Morte, Coletividade e Subjetividade. Participou de concursos de poesias e antologias nacionais e internacionais, tendo seu trabalho consagrado na Europa.

# Considerações

---

## Antologia Embaçadíssima

O Copyright de cada texto aqui presente é de responsabilidade individual dos autores que, gentilmente, cederam seus textos e os direitos de uso para esta publicação. O editor não recebe nenhum ônus e não possui controle editorial sobre a exposição desse conjunto. É terminantemente proibida a desassociação de informação do conjunto dessa obra ou veiculação parcial da mesma sem os devidos créditos, comprometendo-se ao máximo em informar e certificar-se do consentimento dos autores responsáveis, ou autor, a depender. Os textos aqui presentes foram publicados integralmente da forma que foram cedidos pelos autores, mantendo a estética e a linguagem, estando assim fora da responsabilidade da edição quaisquer eventuais erros ou uso indevido de informação. As opiniões aqui expressas são de inteira responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente as do editor ou dos colegas presentes na mesma antologia.

